

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE

PAULO IVAN RODRIGUES VEGA JÚNIOR

Ars longa, vita brevis:
uma proposta simbiótica entre
arte e vida

Brasília
2018

PAULO IVAN RODRIGUES VEGA JÚNIOR

**Ars longa, vita brevis:
uma proposta simbiótica entre
arte e vida**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Doutor em Arte. Área de Concentração: Artes Visuais. Linha de Pesquisa: Poéticas Contemporâneas. Orientadora: Profa. Dra. Nivalda Assunção de Araújo.

Brasília

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RP331a

Rodrigues Vega Júnior , Paulo Ivan
Ars longa, vita brevis: uma proposta simbiótica entre
arte e vida / Paulo Ivan Rodrigues Vega Júnior ; orientador
Nivalda Assunção de Araújo. -- Brasília, 2018.
313 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Arte) -- Universidade de
Brasília, 2018.

1. Arte contemporânea. 2. Arte e vida. 3. Autobiografia.
4. Identidade. 5. Memória. I. Assunção de Araújo, Nivalda,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão das bolsas de estudos do Programa de Demanda Social (DS, 2014-2017) e do Programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior (PDSE, 2017).

Ao Prof. Dr. Hab. Jerzy Mazurek (IBERYSTYKA/UW, MHPRL), pela acolhida, contribuição e generosidade antes, durante e depois de meu período em Varsóvia.

Aos Profs. Drs. Biagio D'Angelo (PPG-Arte/UnB), Daniela Fávaro Garrossini (PPG-Arte/UnB, PPG-Design/UnB) e Marina Bortoluz Polidoro (DAV/IA/UFRGS), pela disponibilidade e interesse em participar da minha Banca de Defesa de Doutorado.

A Prof. Dra. Nivalda Assunção de Araújo (PPG-Arte/UnB), por borrar as convenções e transcender os limites do pessoal e profissional, tornando-se uma amiga na arte e na vida.

Aos meus amigos: Aleksandra Pluta, Ariel Lins, Camila Borges, Clara Pozza, Daniela Cavalcante, Fabiana Carvalho, Franciele Filipini, Gabriela Oltramari, Luiza Rodrigues, Natalia Polesso, Rafaela Panazzolo, Rita Almeida e Rodrigo Cruz, pelo carinho, compreensão e cumplicidade.

A família Motta Tavares, Fabiana, Leonardo, Teresinha e Nilo, pelo compartilhamento de sua residência.

A Polônia, especialmente a cidade de Varsóvia, aos amigos e contatos estabelecidos, por terem mudado a minha vida.

Aos meus pais, Esleara Maria Cardoso e Paulo Ivan Rodrigues Vega, pela vida e por sua presença.

RESUMO

"Ars longa, vita brevis: uma proposta simbiótica entre arte e vida" é uma pesquisa pertencente ao campo da Arte Contemporânea. Nela, estão presentes imbricamentos tanto entre o fazer e refletir artísticos quanto entre os contextos pessoal e profissional de seu autor. Esta tese é, simultaneamente, um artist statement e um índice da pesquisa/vivência realizada na forma de uma proposta simbiótica entre arte e vida, fruto dos quatro anos de doutorado. Autobiografia, intervenções urbanas, o banal e o cotidiano, memória, desenhos, instalações, performances, o fantástico e o extraordinário, identidade, pesquisa genealógica e histórico-familiar, playlists, found footage, listas, Varsóvia, Facebook, Instagram, entre outros. A arte como vida e a vida como arte, arte e vida em simbiose como uma possibilidade de interpretação do mundo e do estar vivo.

Palavras-chave: arte contemporânea; arte e vida; autobiografia; identidade; memória.

ABSTRACT

"Ars longa, vita brevis: a symbiotic proposal between art and life" is a research belonging to the field of Contemporary Art. In it, there are imbrications between the creation and reflection of art as well as between the personal and professional contexts of its author. At the same time, this thesis is an artist statement and an index of the research/experience carried out in the form of a symbiotic proposal between art and life, the fruit of four years of doctorate. Autobiography, urban interventions, the banal and the everyday, memory, drawings, installations, performances, the fantastic and the extraordinary, identity, genealogical and historical-family research, playlists, found footage, lists, Warsaw, Facebook, Instagram, among others. Art as life and life as art, art and life in symbiosis as a possibility of interpretation of the world and being alive.

Keywords: contemporary art; art and life; autobiography; identity; memory.

The line between art and life should be kept as fluid, and perhaps indistinct, as possible.

The line between the Happening and daily life should be kept as fluid, and perhaps indistinct, as possible.

Allan Kaprow.

[i carry your heart with me(i carry it in]

i carry your heart with me(i carry it in
my heart)i am never without it(anywhere
i go you go,my dear;and whatever is done
by only me is your doing,my darling)

i fear
no fate(for you are my fate,my sweet)i want
no world(for beautiful you are my world,my true)
and it's you are whatever a moon has always meant
and whatever a sun will always sing is you

here is the deepest secret nobody knows
(here is the root of the root and the bud of the bud
and the sky of the sky of a tree called life;which
grows
higher than soul can hope or mind can hide)
and this is the wonder that's keeping the stars apart

i carry your heart(i carry it in my heart)

E.E. Cummings.

This is the time.
And this is the record of the time.

Laurie Anderson.

Niczego w życiu nie należy się bać,
należy to tylko zrozumieć.

Nada vida nada deve ser temido,
apenas compreendido.

Maria Skłodowska-Curie.

A vida é uma série de aventuras milagrosas desconhecidas. Enquanto vivermos, sempre continuaremos encontrando tantos elementos e emoções da vida; adversidade, dificuldades, alegria, felicidade, etc... Encontramos todos esses elementos simplesmente porque estamos vivendo nossas vidas de milagre.

Naomi Kawase.

Poniedziałek - ja.

Wtorek - ja.

Środa - ja.

Czwartek - ja.

Segunda-feira - eu.

Terça-feira - eu.

Quarta-feira - eu.

Quinta-feira - eu.

Witold Gombrowicz.

Trzy słowa najdziwniejsze

Kiedy wymawiam słowo Przyszłość,
pierwsza sylaba odchodzi już do przeszłości.

Kiedy wymawiam słowo Cisza,
niszczę ją.

Kiedy wymawiam słowo Nic,
stwarzam co, co nie mieści się w żadnym niebycie.

Quando pronuncio a palavra Futuro,
a primeira sílaba já se perde no passado.

Quando pronuncio a palavra Silêncio,
suprimo-o.

Quando pronuncio a palavra Nada,
crio algo que não cabe em nenhum não ser.

Wisława Szymborska.

tese

(te.se)

sf.

1. Proposição para debate ou discussão
2. Proposição sobre qualquer princípio de arte ou ciência que se sustenta em público ou que se expõe de forma escrita
3. A discussão dessa proposição
4. Fil. Primeiro termo do sistema dialético hegeliano, antes da antítese e da síntese
5. Trabalho apresentado ao final de um curso de pós-graduação, para obtenção de grau ou título: Escreveu uma tese sobre Lima Barreto
6. P.ext. Monografia de uma tese publicada
[F.: Do gr. thesis.]

Esta é minha a quinta tentativa, em um período de quatro anos, de realização de uma tese de doutorado. Estão, aqui, os fantasmas dos fracassos e frustrações anteriores. Eles, mas não só eles, trouxeram-me até aqui.

Esta tese é o índice da pesquisa/vivência e proposta simbiótica arte/vida desenvolvida no âmbito do curso de Doutorado em Arte, na Linha de Pesquisa Poéticas Contemporâneas, do Programa de Pós-Graduação em Arte (PPG-ARTE) do Instituto de Artes (IdA) da Universidade de Brasília (UnB).

Esse volume pretende-se, ao mesmo tempo, *artist statement* e tese:

- *artist statement*, uma declaração de artista, por ser uma apresentação em suporte da minha atividade, do meu fazer/pensar e produzir/teorizar;
- tese por ser uma proposta de discussão acerca da especulação de determinada proposta.

Estão intercaladas, sem hierarquia, imagens e textos nas páginas que compõem esse volume.

As imagens, aqui presentes, podem ser categorizadas em:

- reproduções de documentos e fotografias;
- apontamentos;
- produções artísticas/obras;
- screenshots*;
- still frames*;

entre outras categorias possíveis.

Os textos, aqui presentes, podem ser categorizados em:

- confissões;
- descrições;
- epifanias;
- memórias;
- reflexões;

entre outras categorias possíveis.

As imagens e os textos não foram categorizados ou diferenciados quanto às classes que podem pertencer. Cabe àquele que lê, caso queira, categorizá-las.

A minha atividade artística compreende, sem separação, prática e teoria. Essas duas vertentes, ainda vistas por alguns como ilusoriamente opostas, acontecem simultaneamente, retroalimentam-se, sobrepõem-se, em um fluxo contínuo. Não há separação entre prática e teoria, um é o outro, e vice-versa.

Colecionar verbetes, bem como suas definições etimológicas e lexicais, é uma prática permanente minha. Incluí uma seleção desses, por considerá-los fundamentais para a compreensão da minha pesquisa/vivência e proposta de simbiose arte/vida. Essa seleção compreende verbetes coletados da ferramenta online *Aulete Digital*¹, também chamada de *Dicionário Caldas Aulete*, versão digital do *Dicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa*.

Visto que linguagem e pensamento são inseparáveis, as definições etimológicas e lexicais dos verbetes contribuem para elucidar e delimitar conceitualmente a área de cobertura ou enfoque da minha pesquisa/vivência e proposta. Elas também servem para guiar labirinto adentro do meu pensamento, como o fio de Ariadne, aquele que lê.

¹ Disponível em:
<http://www.aulete.com.br>

A estrutura desse volume é estilhaçada, as páginas aqui presentes não seguem uma ordenação única, por isso não há numeração de páginas e, portanto, não há um único modo de navegação. Como um labirinto ou como um quebra-cabeças, cabe àquele que lê descobrir o seu próprio modo de navegação. Da conformação da leitura das páginas de acordo com a ordem recebida ao acaso ou aleatoriedade do folhear, da escolha ou determinação por um lance de dados, uso do I-Ching, fechar dos olhos etc.

Parte do meu corpo de trabalho, desenvolvido no período 2011-2013², baseava-se em uma estrutura científica, com fórmulas e instruções. Envolvi o meu fazer/pensar artístico em armaduras, pelo receio em lidar com um tema autobiográfico, presente desde muito antes e que cumulativamente se manifestava em minha produção artística: a relação entre antropônimo e identidade. Tempo decorrido, talvez como uma reação natural à forma de trabalho adotada anteriormente, passei não só a desejar, mas a buscar uma estrutura menos áspera, na qual o meu fluxo de consciência, que se fragmenta - ata, - e se conecta, - e desata, - simultaneamente, com diversas ideias, assumisse um formato menos enrijecido e, por conseguinte, mais fluido.

² Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/handle/10482/14889>

Foi necessário, para buscar e, talvez, atingir uma estrutura mais fluida e, portanto, menos rígida para este volume, abraçar três atitudes que contrapunham meu corpo de trabalho pregresso:

- abandonar a estrutura convencional das produções ditas acadêmico-científicas;
- distanciar-me dos artifícios autoimpostos e limitantes, as fórmulas e instruções;
- posicionar-me, sem esquiva, como objeto/sujeito da pesquisa/vivência.

Esta proposta, simbiose entre arte e vida, é resultado de ter assumido gradativa, porém definitivamente, ao longo dos quatro últimos anos, a impossibilidade de separar minha prática/pesquisa artística de minha vida e vice-versa.

Com essa pesquisa/vivência proponho o ato de viver e a minha vida como minha obra/trabalho de arte e a minha obra/trabalho de arte como minha vida.

Sem controle, fronteira ou regra.

Arte e vida integradas, arte/vida total, simbiose entre arte e vida.

A noção de tempo e de passagem do tempo - passado, remoto e recente, presente e futuro - foram essenciais para elaborar essa proposta.

Tendo desenvolvido uma pesquisa/vivência em que sou, simultaneamente, objeto/sujeito e pesquisador e por propor um total cruzamento entre arte e vida, firmo a escrita em primeira pessoa do singular, EU. O uso dessa pessoa é necessário para sustentar essa proposta, já que ela é baseada na expressão, no depoimento, na fala e no meu trabalho/vida e pesquisa/vivência como objeto/sujeito e pesquisador.

Assumir este fazer com propriedade, através do EU, é uma maneira de me responsabilizar por esta proposta enquanto fazer artístico e pesquisa em arte, já que ela está intrinsecamente atrelada a mim. Esta postura oportuniza um aprofundamento na dimensão íntima, quase privada do que aqui está em questão e, simultaneamente, rejeita a submissão a instâncias legitimadoras como subterfúgio ao cumprimento da proposta.

Dentro da concepção da minha proposta simbiótica entre arte e vida, as redes sociais desempenharam um papel de grande importância. Instagram lançou, em agosto de 2016, o recurso Instagram Stories³. Facebook lançou, em março de 2017, o recurso Facebook Stories⁴. A funcionalidade "Stories", tanto em uma rede social quanto na outra, consiste no compartilhamento de postagens temporárias disponíveis por um período máximo de 24 horas e apagadas automaticamente quando atingido esse limite de tempo. Em ambas as redes sociais, essas postagens podem ser salvas pelo usuário em seu dispositivo e, no Instagram, podem ser fixadas em separado das postagens feitas diretamente no feed/perfil. Esse recurso, chamado "Destaques do Stories", permite a organização de coleções, o usuário pode criar categorias, nomeá-las como bem entender, e designar quais postagens serão fixadas e em qual coleção ou destaque serão armazenadas.

³ Disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/Instagram#Instagram_Stories

⁴ Disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/Facebook_Stories

No Instagram, as postagens feitas com o uso do recurso Instagram Stories podem contemplar funcionalidades tais como emojis, enquetes, filtros, figurinhas, fotografias, georreferenciamento, hashtags, perguntas, realidade aumentada, textos, transmissões ao vivo, vídeos pré-gravados e outros, bem como misturar, em uma mesma postagem, mais de uma categoria acima mencionada. As postagens, de acordo com as funcionalidades utilizadas, possuem diferentes níveis de abertura para a interação dos usuários que visualizam o conteúdo postado. O recurso permite, também, que cada usuário saiba quantos e quem visualizou o conteúdo por ele disponibilizado.

Inicialmente, reagi de modo negativo ao tomar conhecimento do recurso "Stories", do Instagram, quando do seu lançamento. Pensei ser algo fadado ao fracasso e que não aderiria a ele. Porém, logo mais me vi, por clara indução do design de interface do aplicativo, assistindo uma série de postagens de perfis/usuários que seguia. Essas eram, na maior parte das vezes, baseadas no compartilhamento de acontecimentos e momentos corriqueiros e experimentação das funcionalidades que o recurso "Stories", novidade no aplicativo, possuía.

Assistir aos Stories dos perfis/usuários que seguia, no Instagram, tornou-se um passatempo, assim como já era o ato de deslizar verticalmente o indicador pelo feed de postagens fixas. O constante aumento da adesão de usuários ao recurso gerou, em mim, a curiosidade de experimentá-lo. E, assim, movido pela curiosidade e, talvez, por uma certa dose de FoMO⁵, rendi-me ao recurso. Então, passei a fazer o mesmo que os demais usuários faziam, ou seja, compartilhar acontecimentos e momentos corriqueiros e experimentar as funcionalidades do recurso.

⁵ FoMO, do inglês, "Fear of Missing Out" (PRZYBYLSKI; MURAYAMA; DEHAAN; GLADWELL, 2013, p.1841): "Defined as a pervasive apprehension that others might be having rewarding experiences from which one is absent, FoMO is characterized by the desire to stay continually connected with what others are doing".
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563213000800>

Após um determinado tempo de uso do Stories, ele foi completamente incorporado ao meu cotidiano. E, como consequência das reflexões sobre a simbiose entre arte e vida, passei a considerar minhas postagens como manifestações da minha proposta. Disponibilizo fragmentos banais da minha vida e o que a circunda e permeia, por exemplo: álbuns e músicas que estou ouvindo; deslocamentos e locais frequentados; refeições; questiono, por exemplo, se devo ou não cortar os cabelos.

<https://www.instagram.com/paulovegajr/>

O ponto crucial para ter passado a considerar minhas postagens via Instagram Stories como manifestações da minha proposta foi, exatamente, o caráter paradoxal delas. Em um mar de compartilhamentos, por um lado, elas são insignificantes e beiram o ponto de dissolução da identidade; por outro lado, elas reivindicam a legitimação da experiência compartilhada e afirmam a identidade. Essas postagens, em concordância e/ou dissonância no espaço e no tempo habitado pelos demais usuários, passam a integrar uma trama mundial de experiências humanas encadeadas, onde podemos ver variações de determinados tipos de experiências, de acordo com os contextos de onde se originam, permitindo a contemplação da beleza e riqueza da experiência e subjetividade humanas.

Por muito tempo pensei no mundo como uma grande partitura sem fim. Tudo que ocorre como uma notação musical inserida nessa grande pauta e como isso pode ser espelhado e replicado em torno da circunferência terrestre. É como pensar que quando estou escovando os dentes, quantas outras pessoas também estão e o ato da ação começa e acaba em diferentes lugares ao redor do mundo. Eu termino a minha escovação aqui, no Brasil, e alguém, no exato momento continua a tocar a música da escovação, por exemplo, em algum lugar da Mongólia ou onde quer que seja. Quantas pessoas morrem e quantos entes recebem a notícia ao mesmo tempo e, apesar das diferenças entre nós, experimentamos o choro, a dor, a raiva e tantas outras emoções relacionadas à morte.

A lista inacabada de influências e referências é, propositalmente, inacabada. A partir do momento em que considero arte e vida em simbiose e, portanto, a minha vida como arte, o único esforço possível em relação ao rastreamento de influências e referências é desenvolver uma lista em constante atualização e revisão. Já que horizontalizo a relação entre arte e vida, a lista inclui desde personalidades e programas infantis à artistas de diferentes áreas (artes visuais, cinema, dança, literatura e música).

8-bit Stories

Abbas Kiarostami

Adele

Alanis Morissette

Alaska Thunderfuck

Alexander McQueen

Alina Szapocznikow

Alla Pugacheva

Allan Kaprow

AlunaGeorge

Amber Ibarreche

Ana Mendieta

Ana Miguel

Andy Warhol

Aneta Grzeszykowska

Annette Messenger

Anohni

Antony and the Johnsons

Arapinha

Art & Language

Artur Barrio

Augusten Burroughs

Baasch

Barbara Kruger

Bas Jan Ader

Ben Vautier

Birdy

Björk

Borboleta Dilim

Britney Spears

Bruce Nauman

Caetano Veloso
Capitão Planeta
Carolee Schneemann
Cavaleiros do Zodíaco
Cecylia Malik
Charlotte Gainsbourg
Chris Burden
Christian Boltanski
Christopher Nolan
Ciindy Sherman
Cildo Meireles
Clarice Lispector
Cocorosie
Cy Twombly
Dario Robleto
David Bowie
Dennis Oppenheim
Diana Klinger
Divine
Dohan Próprio
Dries Van Noten
Ed Ruscha
Edward Krasiński
Egon Schiele
Élida Tessler
Érico Veríssimo
Ewa Partum
Félix González-Torres
Flávio de Carvalho
Florence and The Machine
Fofão

Frida Kahlo
George Maciunas
Georges Perec
Gerhard Richter
Gilbert & George
Gina Pane
Giuseppe Penone
Grace Jones
Grégoire Bouillier
Grey's Anatomy
Gumuhit
Hannah Wilke
Hanne Darboven
Hans Haacke
Hayao Miyazaki
Hélio Oiticica
He-Man
Henry Darger
Hermann Nitsch
Holak
Iamamiwhoami
Ionnalee
Issey Miyake
Jacek Markiewicz
Jadwiga Sawicka
James Joyce
Jan Smaga
Jean-Pierre Jeunet
Jenny Holzer
Jessie Ware
Joan Jonas

Joanna Piotrowska
João Guimarães Rosa
John Baldessari
John Cage
John Waters
Jonas Mekas
Jonathan Safran Foer
Jorge Macchi
Joseph Beuys
Joseph Kosuth
Jum Nakao
Kacy Hill
Kanye West
Karin Lambrecht
Karol Radziszewski
Kate Bush
Kazimir Malevich
Keith Arnatt
Kelela
Kraftwerk
Kristin Kontrol
Krzysztof Kieślowski
Krzysztof Wodiczko
Kurt Schwitters
Kylie Minogue
Lady Gaga

Lana Del Rey
Lars von Trier
Laurie Anderson
Lawrence Weiner
Leila Danziger
Leonilson
Leonor Arfuch
Linda Montano
Linia Nocna
Lorde
Louise Bourgeois
Luigi Russolo
Lygia Bojunga Nunes
Lygia Clark
Lygia Pape
Maggie Rogers
Marcel Broodthaers
Marcel Duchamp
Marcel Proust
Maria Anwander
Maria Bethânia
Maria Lassnig
Maria Peszek
Marina Abramović
Mark Rothko
Martha Rosler

Martin Margiela
Mary Kelly
Mary Komasa
Maryla Rodowicz
Max Richter
Merce Cunningham
Meredith Monk
Michael Haneke
Michael Jackson
Michał Martychowicz
Miranda July
Mirosław Bałka
Mo Welch
Nam June Paik
Nan Goldin
Naomi Kawase
Natalia LL
Natalia Nykiel
Nikifor
Nino Cais
On Kawara
Pablo Picasso
Patrick Wolf
Paul Wood
Paulo Bruscky
Pedro Almodóvar

Peter Greenaway
Peter Osborne
Petra Costa
Philipp Blom
Philippe Lejeune
Piero Manzoni
Pierre et Gilles
Pina Bausch
Pokémon
Power Rangers
Ragnar Kjartansson
Ralph Kaminski
Rei Kawakubo
Richard Linklater
Richard Long
Richard Serra
Rirkrit Tiravanija
Robert Barry
Robert Rauschenberg
Roman Opalka
Rosalind Kraus
Rosângela Rennó
Rudolf Schwarzkogler
Sakura Card Captors
Sampha
Sandra Kogut

Sarah Bahbah
Sarsa
Sevdaliza
Simon Grant
Sol LeWitt
Sophie Calle
Stanisław Ignacy Witkiewicz
Tacita Dean
Tadeusz Kantor
Tamagotchi
Taylor Swift
Tehching Hsieh
Teresa Murak
Teresa Tyszkiewicz
The 1975
The Banana Splits Adventure Hour
The OA
The Sad Ghost Club
Theo Angelopoulos
Thomas Bernhard
Tina Charles
Tracey Emin
Tristan Tzara
Troye Sivan
Tunga
Ulay

Ursinhos Carinhosos
Valêncio Xavier
Valeska Soares
Valie Export
Valter Hugo Mãe
Vanessa Beecroft
Viktor & Rolf
Vito Acconci
W. G. Sebald
Walt Disney Studios
Walter De Maria
Wilhelm Sasnal
Willem de Kooning
William Burroughs
Wisława Szymborska
Xuxa
Yayoi Kusama
Yohji Yamamoto
Yoko Ono
Yves Klein
Zhang Huan
Zofia Rydet
...

Arte como prática/processo e não como produto/resultado, esse sempre foi um foco em minha trajetória. Olhando em retrospecto, vejo que sempre me ative mais às instâncias anteriores à materialização de uma ideia do que a materialização em si própria, porém nem sempre de maneira consciente. A criação de obras/trabalhos de fácil inserção no circuito artístico, comercial ou expositivo, nunca foi uma preocupação como o comprometimento e fidelidade às minhas ideias. A preservação do que é matérico/tangível também, perdi trabalhos por má conservação, pela falta de interesse em reavê-los, pela vontade impulsiva de doá-los a alguém.

Diante da tarefa de ter de elaborar um trabalho acadêmico-científico, a busca pela compreensão de "o que é", "o que se espera de" e "como se faz" é um passo comum, com uma tese não é diferente. Nessa empreitada, como era de se esperar, deparei-me com a obra "Como se faz uma Tese", de Umberto Eco (1980). Eco, dadas as particularidades da obra, como seu contexto, a realidade educacional italiana dos anos 1970, e de discordar de sua dureza e sistematização em certos pontos, trouxe uma grande contribuição às ciências humanas ao esmiuçar o que é uma tese, que tipos de tese podem ser feitos, além de recomendações práticas de pesquisa etc.

Dando continuidade à busca pela compreensão do objeto tese, encontrei a obra "O Ensaio como Tese", de Victor Gabriel Rodriguez (2012), obra bem mais recente que a de Eco e fruto da realidade educacional brasileira. Rodriguez, assim como eu, considera que o sistema universitário decepciona e desencoraja a criatividade do estudante em detrimento da quantidade de produção e, acréscimo meu, pontuações em avaliações e rankings. Outro ponto é que as teses são, normalmente, uma extensa compilação de citações e referências bibliográficas que enterram o caráter individual e subjetivo do pesquisador, uma clara tentativa de comparação ou validação perante às ciências exatas. Porém, o que nas ciências exatas funciona, como, por exemplo, o uso de uma linguagem hermética e a anulação do sujeito na escrita, nas ciências humanas não tem cabimento, pois nelas as verdades são passageiras e baseadas em pensamentos com os quais extrapola-se o caráter quantitativo e padronizado, bem como os métodos fixos das ciências exatas.

O ato de colecionar sempre esteve presente em minha vida, ele perpassou minha infância, adolescência e perpassa minha idade adulta. Na infância, nas sementes de girassol furtadas, mantidas como tesouros no bolsão frontal do tapa-pó do jardim de infância; na grande sacola plástica da Lojas Renner repleta de embalagens de remédios utilizados e consumidos; no fascínio pela coleção de moedas do meu pai e a vontade de me apossar dela; na coleção de latas de cerveja e refrigerante; nas coleções de cartões telefônicos, cédulas, selos postais... Na adolescência, nos diários escritos de maneira descontraída aos escritos obsessivos com registros de horas, minutos e segundos; na coleção de ingressos de cinema e teatro; na coleção de vestígios de acontecimentos cotidianos em forma de bilhetes, embalagens de balas e chicletes, flores e folhas secas, fotografias analógicas, panfletos distribuídos nas ruas e tantos outros objetos banais... Na idade adulta, na coleção de verbetes e suas definições etimológicas e lexicais; na coleção de CD's e livros; no acúmulo de cabelos, pele e unhas cortados; no armazenamento de fotografias digitais; na coleção de cartões postais; na mala lotada de souvenirs convencionais e nem-tão-convencionais de viagens...

Ao contemplar a possibilidade de simbiose arte/vida, enxerguei a derrubada dos limites que me causavam desconforto. A ideia da, digamos, desmaterialização total da produção artística e, por conseguinte, sua total integração e simbiose com a vida, até onde se pode ir, enquanto ser vivo, tem grande influência do trabalho de Lucy Lippard (2001), *Six Years: The dematerialization of the art object from 1966 to 1972...*, no qual a autora cataloga a profusão de ideias e práticas denominada como arte conceitual no período de 1966 a 1972. Lippard organizou sua obra de maneira cronológica, apresentando inúmeros comentários, conversas, documentos e entrevistas com artistas envolvidos no período em questão.

De Marcel Duchamp, o conceito ou noção de ready-made que, apesar de atrelar-se a objetos concretos submetidos a operações de deslocamento contextual, foi essencial para abertura e flexibilização, um divisor de águas, das práticas artísticas modernas e pós-modernas.

De Piero Manzoni, a noção dos limites físicos inerentes ao corpo humano e as estratégias de instauração e legitimação do corpo humano como obra de arte e, por fim, do mundo como obra de arte.

De Joseph Beuys, o pensamento de que "todo ser humano é um artista" e que sua maior obra de arte era ser professor, atuar no mundo, e que os objetos por ele produzidos era apenas demonstrações residuais ou documentos históricos.

De Yves Klein, o "salto no vazio", uma metáfora da ampliação dos horizontes da atividade artística em busca do desprendimento da noção de produção direcionada ao objeto concreto.

A casa, lugar onde se mora, quer apartamento, casa ou outra configuração arquitetônica sempre esteve presente de forma marcante em meus pensamentos tendo sido assunto de algumas produções artísticas. Porém, foi apenas ao passar a morar sozinho, em 2011, que passei a senti-la realmente como um organismo vivo. As coisas, os órgãos da casa, pifam, quebram, precisam de manutenção e troca para que esse organismo se mantenha respirando. Foi surpreendente quando, em um curto espaço de tempo, aconteceu a queima de uma lâmpada e da resistência do chuveiro, a cozinha no corredor não tinha luz, mas podia ser facilmente iluminada pela luz da sala ou do quarto, já o chuveiro precisava da substituição da resistência queimada. Até hoje, dois anos após esses dois pequenos acontecimentos, ainda não consegui descartar as peças danificadas, guardo uma lâmpada fluorescente queimada com uma camada de poeira acumulada durante seus anos de uso e uma resistência de chuveiro arrebatada, carcomida e esverdeada.

Guardei um prato de sobremesa quebrado por semanas como recordação do momento que antecedia uma visita. Quebrei o prato ao estar lavando a louça e este escorregar da minha mão ensaboada e cair dentro da pia. Conversando com uma amiga sobre as estranhas coisas que tenho mania de guardar ou querer guardar, como um guarda-chuva que teve seu cabo entortado sem explicação e depois se partiu, ela disse que não era energeticamente positivo guardar coisas quebradas, que objetos estragados atrapalhavam o fluxo de energia e estancavam o fluxo da vida. Superstição ou não, disse a ela que no mesmo dia ia fotografar o objeto e me livrar fisicamente dele. Ainda assim, levei mais algumas semanas para fazê-lo. Não sei se para mim as coisas, os objetos, tem ou não esse poder energético, mas para mim eles têm memória. Eles guardam essa memória banal, ou não, que é praticamente universal das experiências da vida. Tento não acumular esses pertences, tarefa sempre difícil, por mais que possa me servir da fotografia para retê-los.

Passei a considerar, conscientemente, a desmaterialização da minha produção artística a partir do momento em que notei estar trabalhando apenas com anotações de ideias que eu não levava ao estágio de materialização. A experiência delas como anotação e esboço me satisfaziam, permitiam que eu as visualizasse e isso me bastava.

Tendo desenvolvido o corpo de trabalho que desenvolvi no Mestrado sempre me causou um certo desconforto. Estava lidando com temas como autobiografia, identidade e relação arte e vida, mas eles só eram factíveis no espaço expositivo. Isso fazia deles ficção, um faz de conta limitado pelas paredes do cubo branco. Mesmo com a retirada da produção do espaço restrito da galeria como, por exemplo, realizar performances no espaço urbano, ainda era limitador, a performance acontecia em determinado espaço e tempo, mas gerava uma atmosfera de duração não muito maior do que a ação realizada. Ou seja, ainda era ficção.

O projeto com o qual dei entrada no doutorado, chamado "P.I.C.C.R.V.: desdobramentos de uma poética do antropônimo e da identidade sobre a epiderme da cidade", foi descartado por volta do fim do ano de 2014. Este projeto era uma continuação direta do que foi desenvolvido no mestrado, como o próprio título indicava em seu subtítulo, ao chamar-se "desdobramentos de uma poética do antropônimo e da identidade". Relacionava-se ao meu nome próprio (Paulo Ivan Rodrigues Vega) e fictício (Paulo Ivan Ceglinski Cardoso Rodrigues Vega), nele eu partiria das performances e outros trabalhos realizados com o nome "Paulo Ivan Ceglinski Cardoso Rodrigues Vega" para agir na cidade, com intervenções urbanas, projeções e outras formas para que houvesse uma disseminação na epiderme da cidade, esta camada superficial que serviria de suporte para as ações. Seria tanto uma forma de reafirmação deste nome quanto de apagamento e esvaziamento pela repetição. Após alguns experimentos, notei que, na verdade, não era isto o que eu queria desenvolver e abandonei a proposta.



P.I.C.C.R.V. (lambe-lambe), 2014.



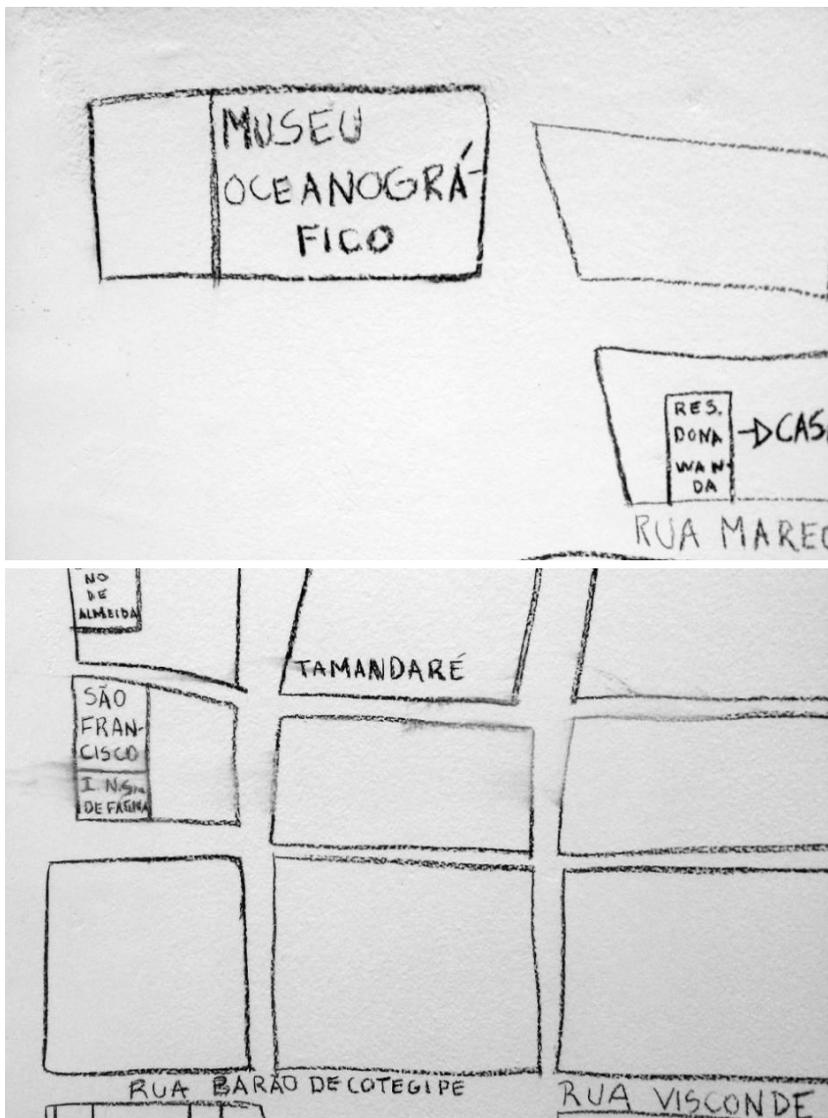
P.I.C.C.R.V. (lambe-lambe), 2014.



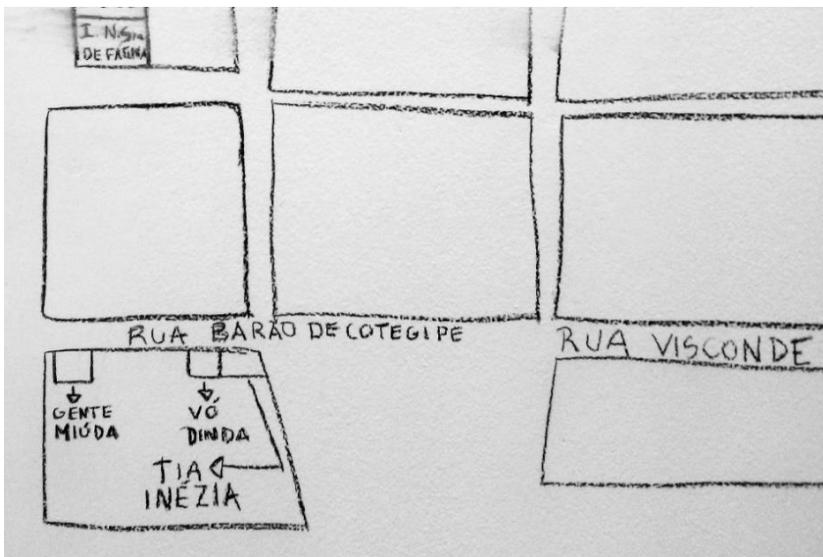
P.I.C.C.R.V. (lambe-lambe), 2014.

Para a exposição "Rastro, Risco, Ruído" (2014), coletiva com os artistas Léo Tavares e Rita Almeida, desenvolvi, entre outros trabalhos, três mapas afetivos das cidades em que residi, Rio Grande/RS, Caxias do Sul/RS e Brasília/DF. Os mapas foram feitos de memória, diretamente sobre a parede da Galeria Espaço Piloto/UnB, com o uso de barras de carvão vegetal. Como mapas afetivos, eles não retratam a realidade geográfica das cidades a que fazem referência, mas a efêmera paisagem emocional do momento em que foram feitos. As anotações indicam locais, públicos e privados, relacionados às experiências vividas por mim.

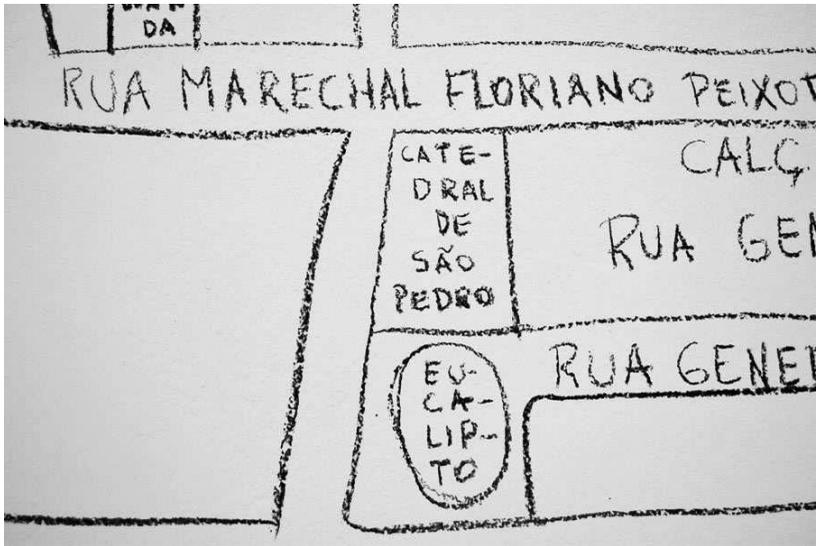
Após meu período de estágio doutoral (março/2017 a outubro/2017), realizado na cidade de Varsóvia, na Polônia, cheguei a considerar a criação de um mapa afetivo para o tempo residido lá. Na verdade, considerei desenvolver uma série de, pelo menos, três outros mapas, um para cada uma das cidades que em que mais estive: Łódź, Trójmiasto (Gdańsk, Gdynia e Sopot) e Varsóvia. Entretanto, como os mapas já existiam em mim, como ideia e pensamento, eles nunca foram materializados.



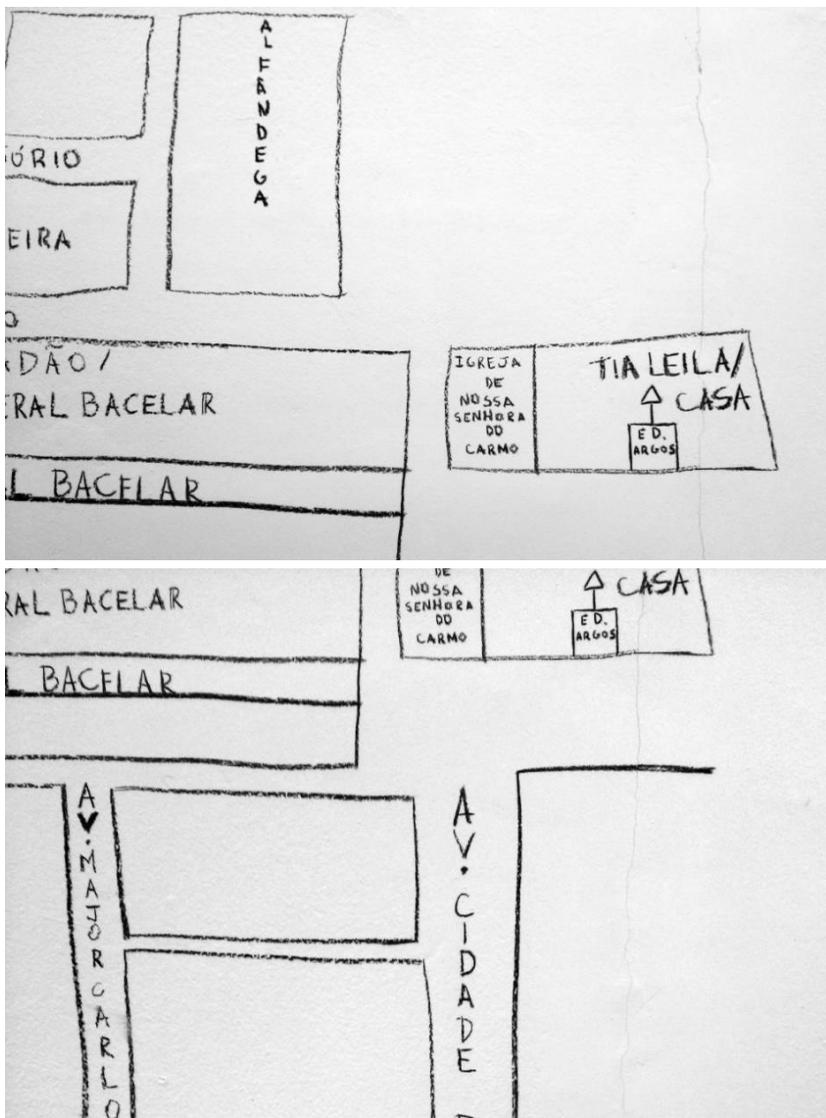
Mapa I: Rio Grande/RS. Desenho/Instalação, carvão vegetal sobre parede, dimensões variáveis, 1987 - ∞.



Mapa I: Rio Grande/RS. Desenho/Instalação, carvão vegetal sobre parede, dimensões variáveis, 1987 - ∞.



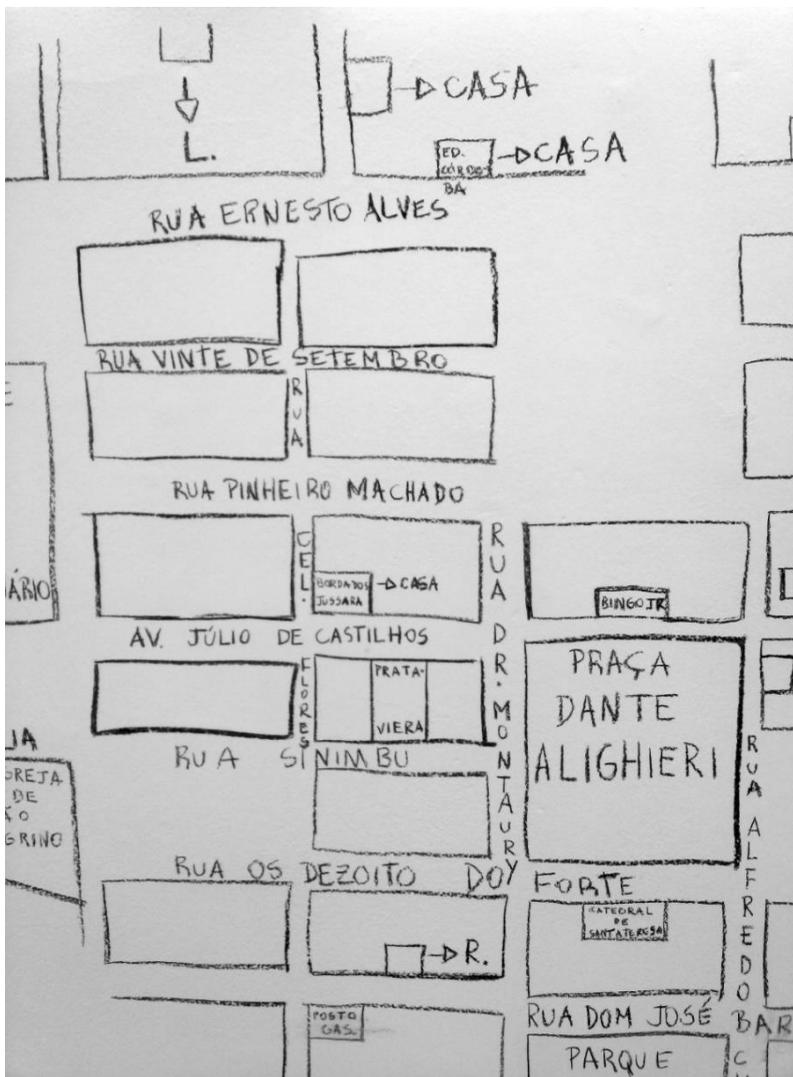
Mapa I: Rio Grande/RS. Desenho/Instalação, carvão vegetal sobre parede, dimensões variáveis, 1987 - ∞.



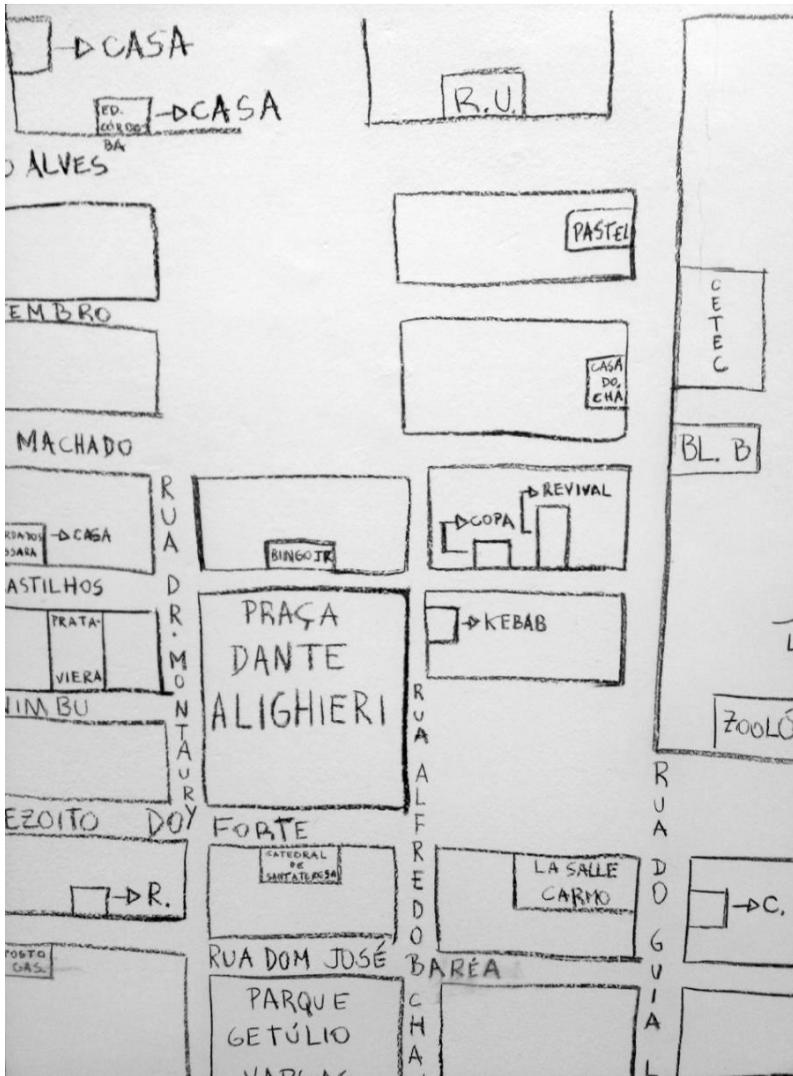
Mapa I: Rio Grande/RS. Desenho/Instalação, carvão vegetal sobre parede, dimensões variáveis, 1987 - ∞.



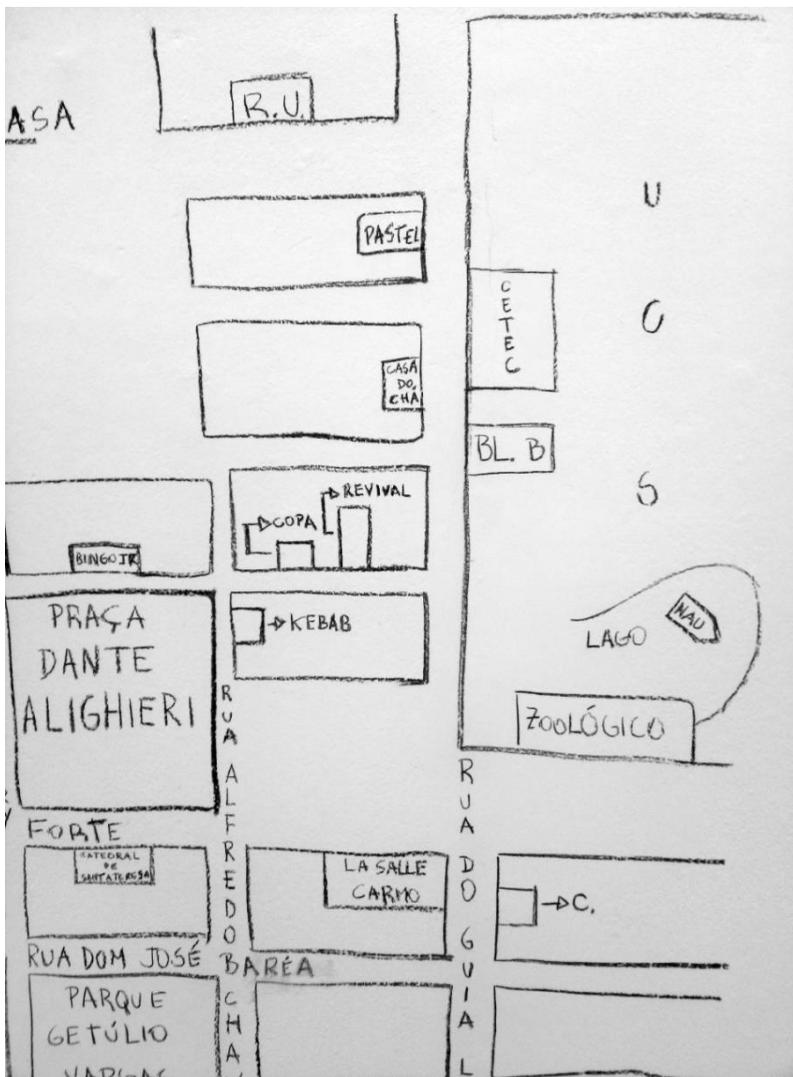
Mapa II: Caxias do Sul/RS. Desenho/Instalação, carvão vegetal sobre parede, dimensões variáveis, 1999 - ∞.



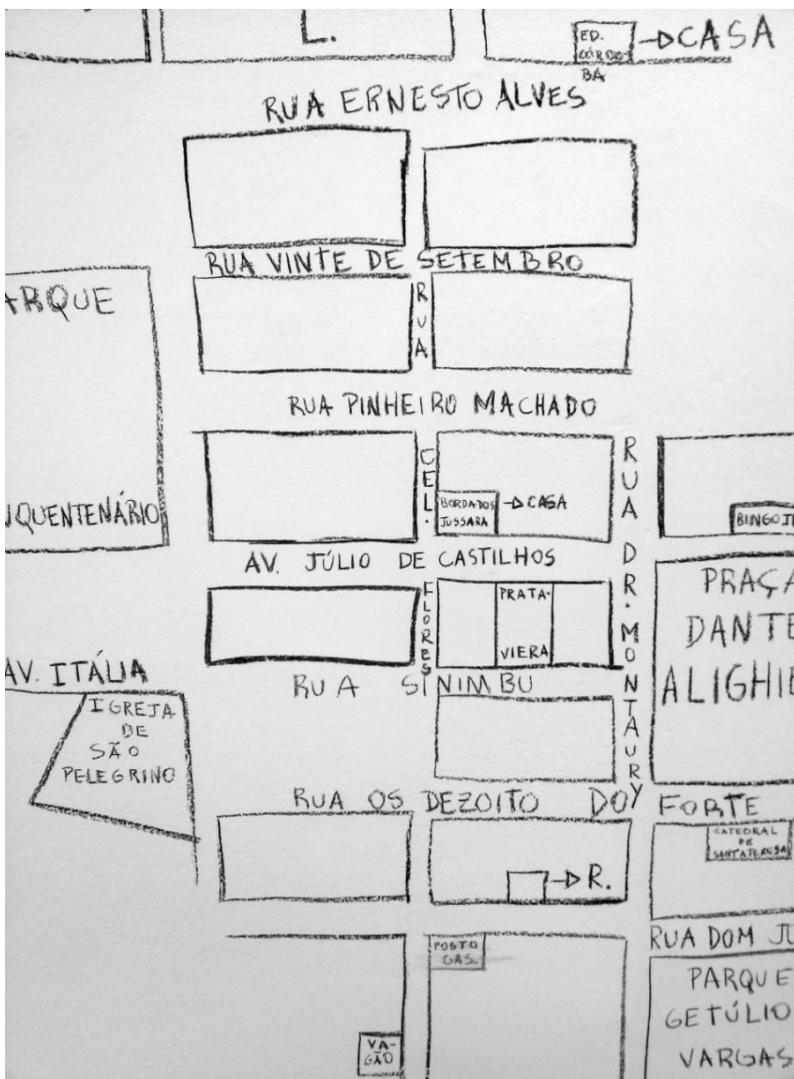
Mapa II: Caxias do Sul/RS. Desenho/Instalação, carvão vegetal sobre parede, dimensões variáveis, 1999 - ∞.



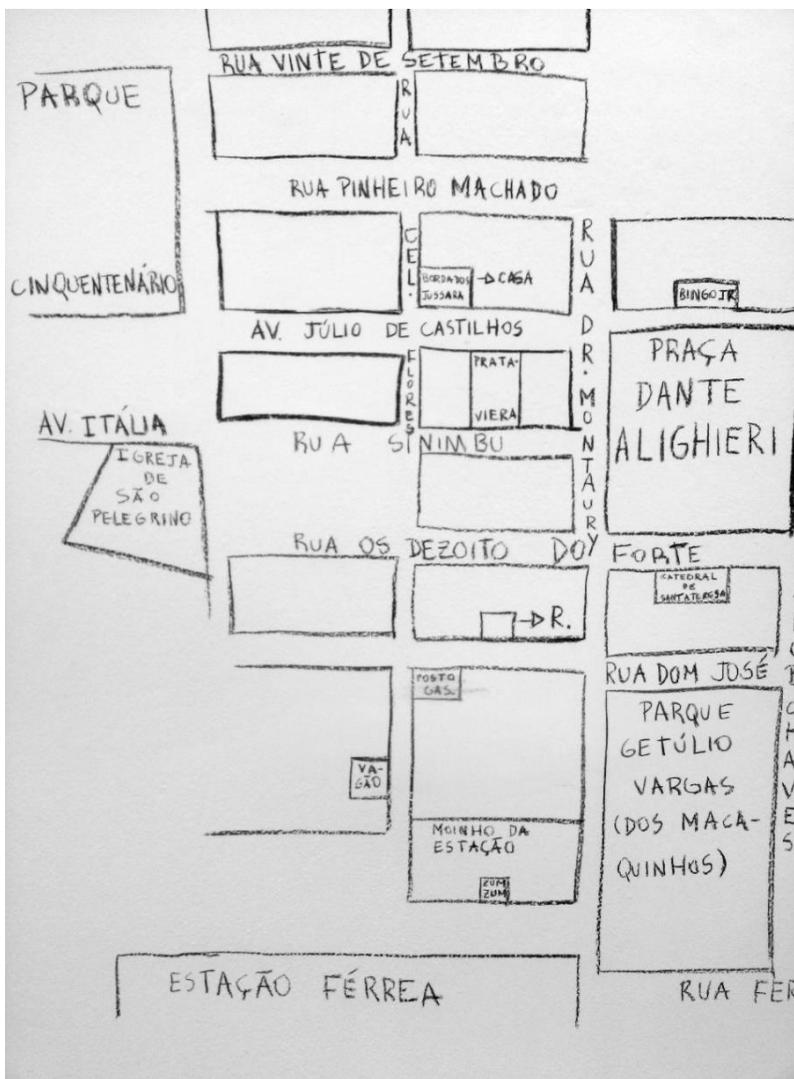
Mapa II: Caxias do Sul/RS. Desenho/Instalação, carvão vegetal sobre parede, dimensões variáveis, 1999 - ∞.



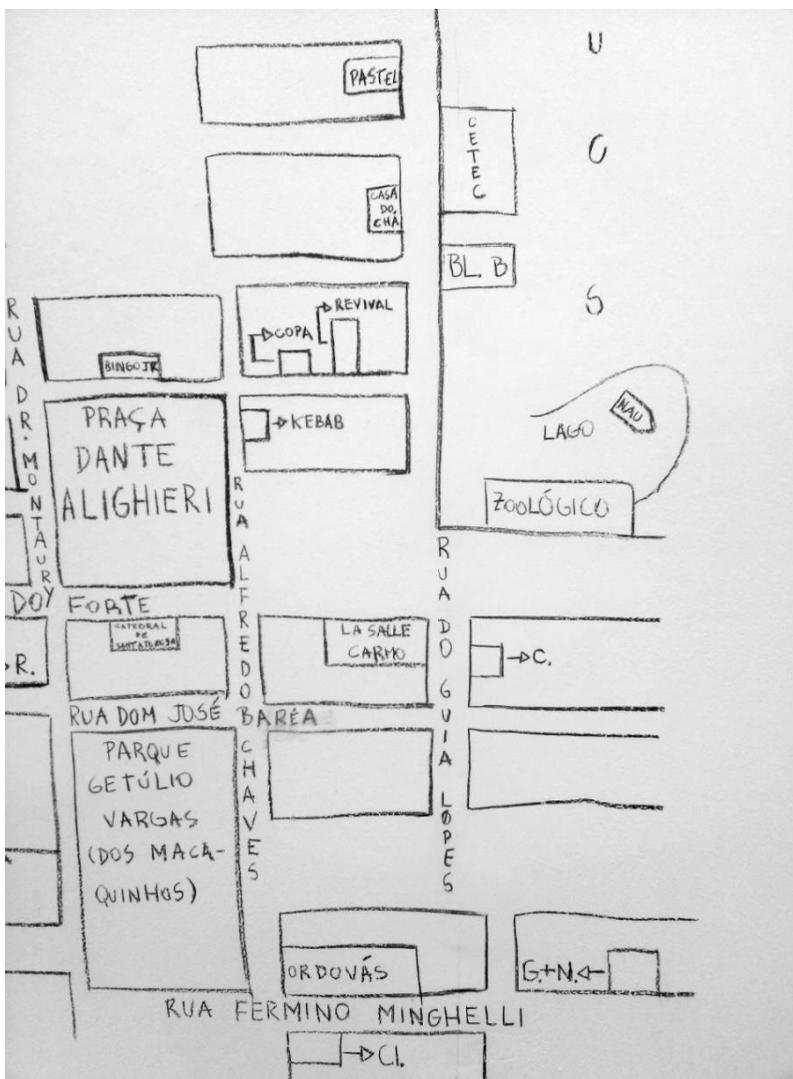
Mapa II: Caxias do Sul/RS. Desenho/Instalação, carvão vegetal sobre parede, dimensões variáveis, 1999 - ∞.



Mapa II: Caxias do Sul/RS. Desenho/Instalação, carvão vegetal sobre parede, dimensões variáveis, 1999 - ∞.

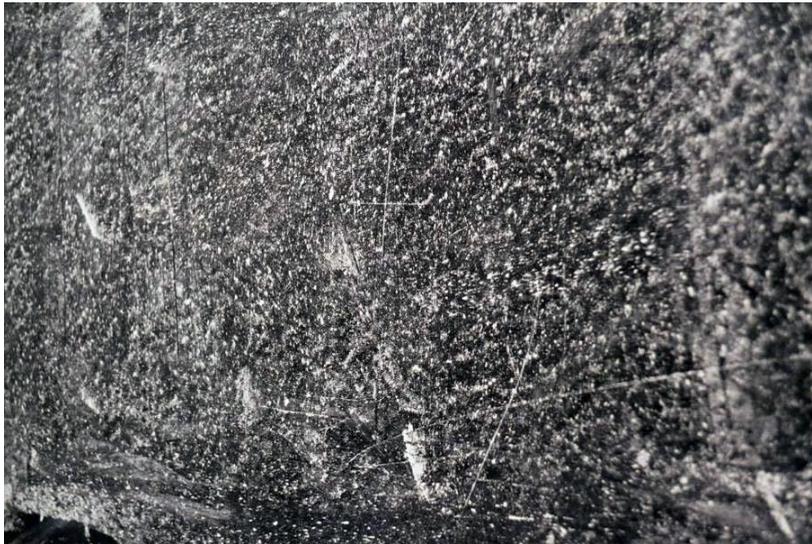
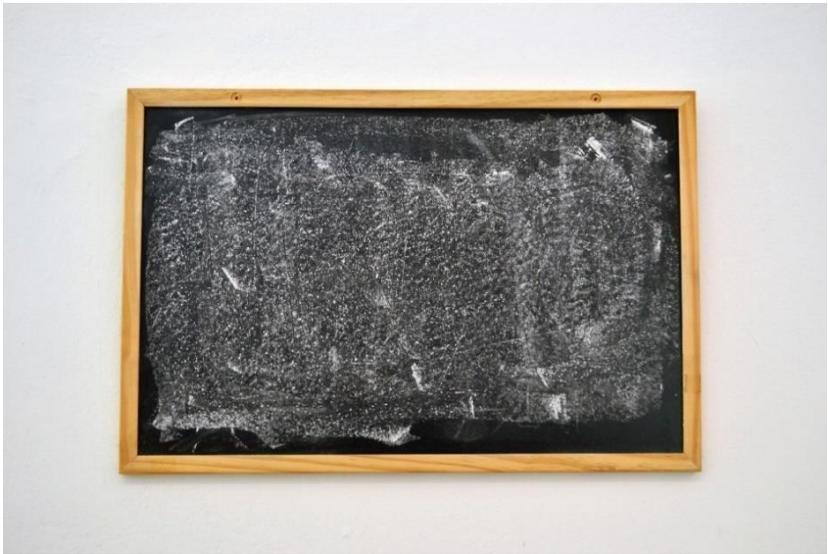


Mapa II: Caxias do Sul/RS. Desenho/Instalação, carvão vegetal sobre parede, dimensões variáveis, 1999 - ∞.



Mapa II: Caxias do Sul/RS. Desenho/Instalação, carvão vegetal sobre parede, dimensões variáveis, 1999 - ∞.

F.; R.; B.; C.; K.; T.; L./H. foi um desenho/instalação criado para a exposição coletiva "Rastro, Risco, Ruído". Neste trabalho, uma série de oito nomes são grafados repetidamente até que o amálgama dos mesmos os torne ilegíveis. Pensou-se a escrito sobre o quadro negro como uma tentativa de apreensão e sintetização de memórias e situações similares em que a repetição opera como uma tentativa de expurgação e a ilegibilidade se caracteriza como apagamento e esquecimento.

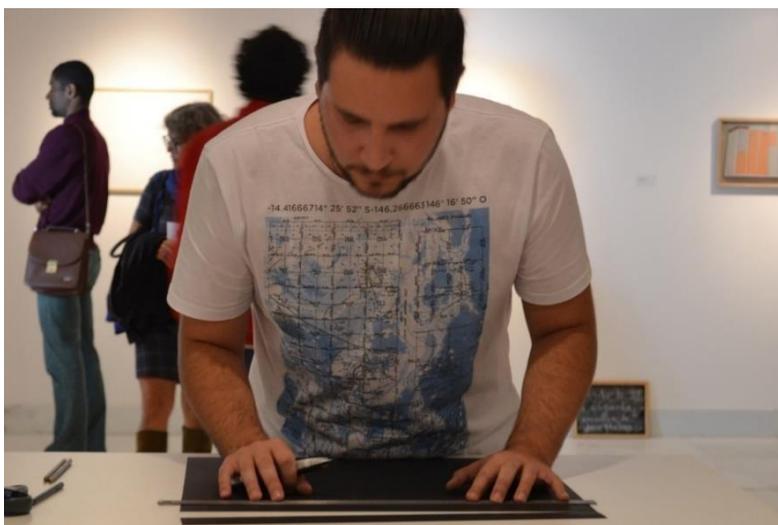


F.; R.; B.; C.; K.; T.; L./H. Desenho/Instalação, giz branco sobre quadro negro, 40 cm x 60 cm, 2014.

Fui convidado e incentivado a criar uma performance para exposição coletiva "Pela Superfície das Páginas", com curadoria de Júlio Martins, ocorrida no Espaço Cultural Marcantonio Vilaça - Tribunal de Contas da União, Brasília/DF, de 24 de junho a 13 agosto de 2014.

A performance criada foi inspirada pela obra "Black Square" (1915), de Kazimir Malevich, e pelo seu centenário a ser completado em 2015. Nela, uma folha de papel preto 240g/m², 50 cm x 50 cm, é esquadrinhada, com o uso de barra de grafite e régua, em dez linhas horizontais e dez linhas verticais. A folha de papel é cortada, com o uso de estilete e régua, em 100 quadrados de 5cm x 5cm.

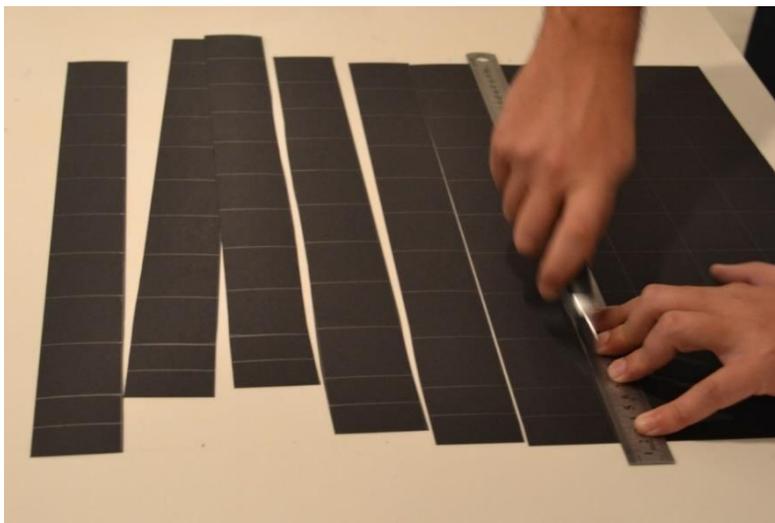
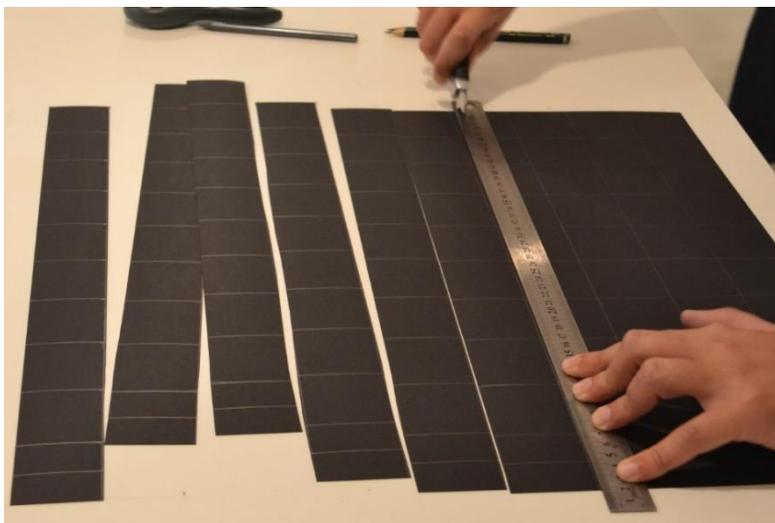
Este trabalho integra uma série idealizada de produções em homenagem alguns artistas tidos como influências e referências minhas. Entretanto, as homenagens para Félix González-Torres e Joseph Beuys nunca foram materializadas.



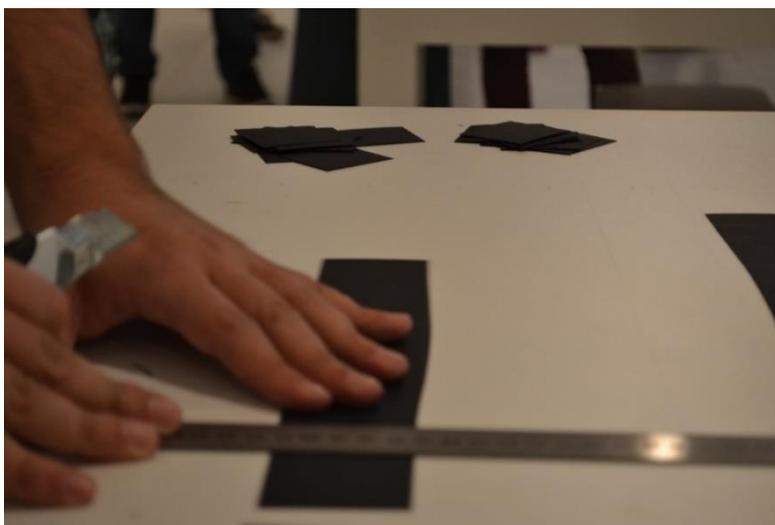
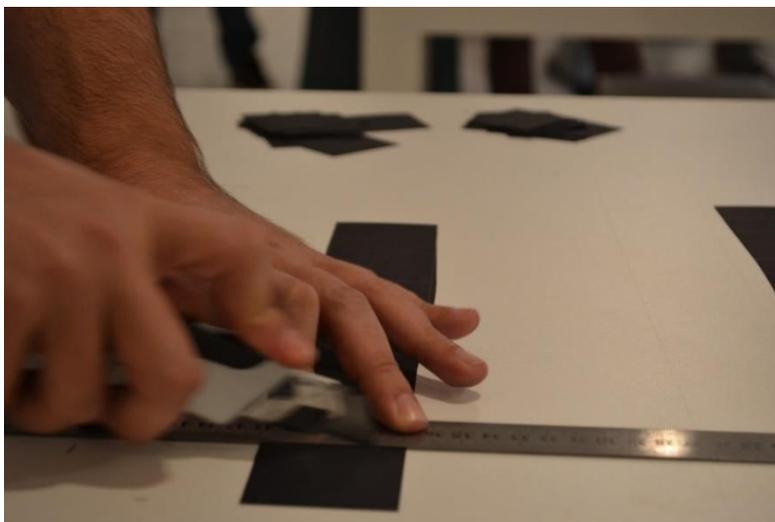
99 + 1 (para Malevich). Performance, 1 barra de grafite 9B, 1 estilete, 1 folha de papel preto 240g/m² (50 cm x50 cm), 1 régua de metal de 50 cm, 2014.



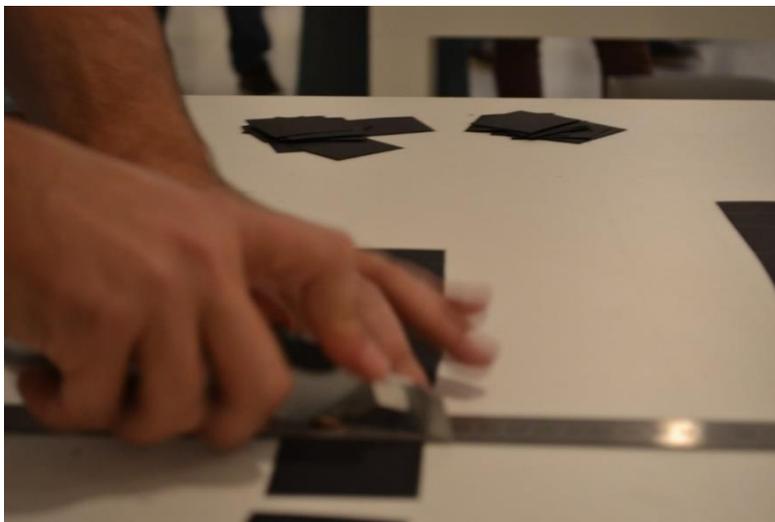
99 + 1 (para Malevich). Performance, 1 barra de grafite 9B, 1 estilete, 1 folha de papel preto 240g/m² (50 cm x50 cm), 1 régua de metal de 50 cm, 2014.



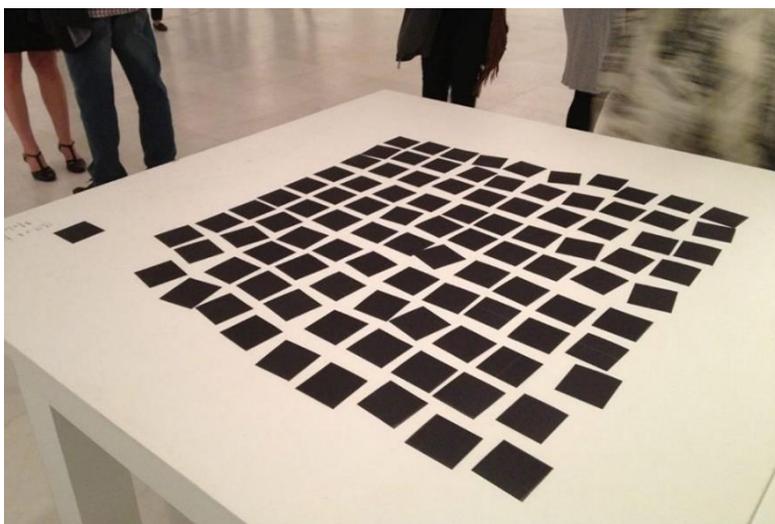
99 + 1 (para Malevich). Performance, 1 barra de grafite 9B, 1 estilete, 1 folha de papel preto 240g/m² (50 cm x50 cm), 1 régua de metal de 50 cm, 2014.



99 + 1 (para Malevich). Performance, 1 barra de grafite 9B, 1 estilete, 1 folha de papel preto 240g/m² (50 cm x50 cm), 1 régua de metal de 50 cm, 2014.



99 + 1 (para Malevich). Performance, 1 barra de grafite 9B, 1 estilete, 1 folha de papel preto 240g/m² (50 cm x50 cm), 1 régua de metal de 50 cm, 2014.

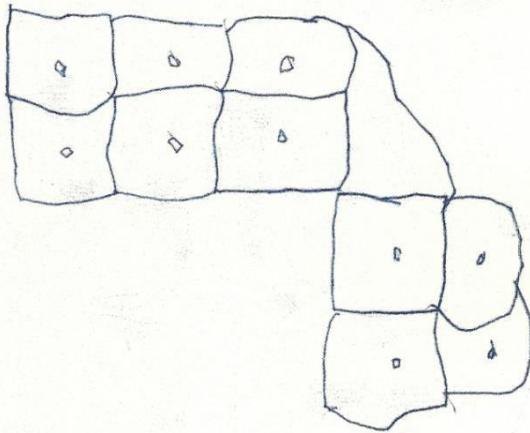


99 + 1 (para Malevich). Performance, 1 barra de grafite 9B, 1 estilete, 1 folha de papel preto 240g/m² (50 cm x50 cm), 1 régua de metal de 50 cm, 2014.

Situações da Infância é uma série de vinte desenhos de cunho autobiográfico em que a matéria-prima para a realização dos desenhos são acontecimentos oriundos da minha infância. Foram planejados, ao todo sessenta desenhos, mas apenas vinte foram concretizados, os outros quarenta não se materializaram, tendo ficado no estágio das anotações e ideias. Todos os trabalhos da série conjugam imagem e texto e estes são feitos com a mão esquerda, em oposição à minha mão dominante. A execução se dá por meio do desenho cego, com o auxílio de uma prancheta de madeira são sobrepostos o papel Canson creme 200g/m² e o papel carbono azul e o desenho é feito em cima deste. Os eventos lembrados são transferidos via decalque, do papel carbono ao papel Canson, obtendo-se um desenho de textura aveludada, composto por linhas e hachuras.

O processo de feitura dos trabalhos da série Situações da Infância opera para além da transferência física de matéria, de um suporte a outro, pois também opera como transferência simbólica das memórias, da lembrança ao papel, do privado ao público, carregando na variação de nitidez uma metáfora para o avivamento e esvaecimento dos episódios em questão. O uso da mão esquerda tem o intuito de evocar o aprimoramento ou progressão da experiência caligráfica característica dos estágios iniciais de alfabetização e letramento. Os trabalhos, como confissões ou relatos íntimos, proporcionam a possibilidade do espectador/público se correlacionar e empatizar com as situações. Entretanto, as construções frasais são de natureza ambígua, pois dão margem ao surgimento da dúvida se são ou não produto de uma mente infantil, conforme a produção assegura esteticamente.

O SOFÁ DO
QUARTO ERA EM
L



E DE UM
VERDE ES-
CURO.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

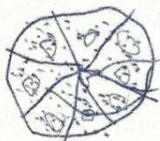
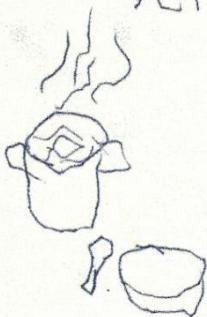
SABADO A NOITE

ERA DIA DO

DE CANJA-DE

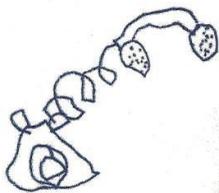
GALINHA OU

DE PIZZA.



Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

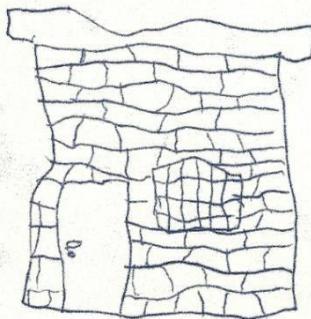
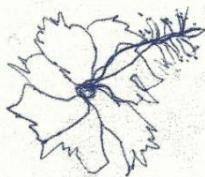
KOI EM ALGUM
DIA, EM 95, QUE
O TELEFONE
TOCOU



AS NOTÍCIAS
NÃO ERAM
BOAS.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

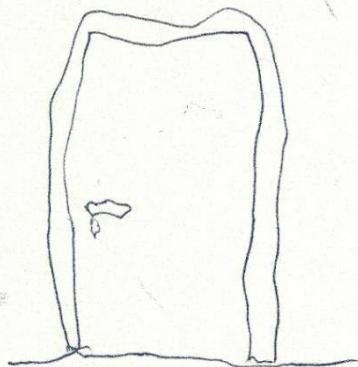
BEIJABAM-SE
NA CALÇADA



ENTRE O HIBISCO
E A CASA DE TI-
JOLINHOS.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

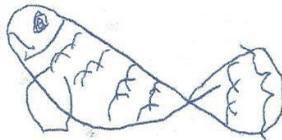
TRANCARAM-SE
NO BANHEIRO PA-
RA DISCUTIR



ACHANDO QUE
NINGUÉM OS ES-
CUTARIA.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

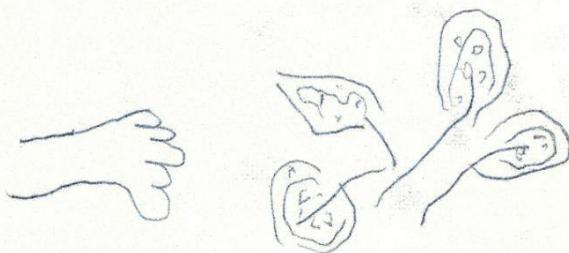
NÓS ABRIMOS
UM PEIXE PA-
RA ESTUDAR
AS ENTRANHAS



DEPOIS AS
SERVENTES O
ASSARAM PARA
A TURMA.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

UM TAPA NA
MÃO DEPOIS
DE TOCAR NA
COMIGO-NINGUÉM-
PODE



ANTES DE
LEVÁ-LA À
BOCA.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

HAVIA O ARAPINHA.



Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

NÓS ÍAMOS NA
COSTUREIRA ES-
COLHER TECIDOS
PARA AS ROUPAS
DO BRAPINHA.



Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

ELA PREPARAVA
A MAMADEIRA
DA TARDE



ENQUANTO
EU ASFIXIA-
VA.

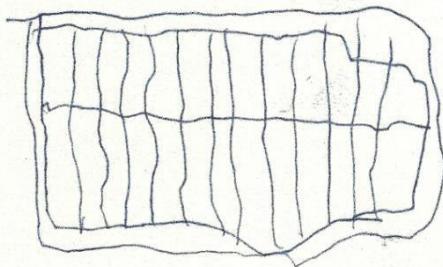
Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

O ABAJUR VERDE
DECÓRULA BRANCA
FOI QUEBRADO
COM UM RODO-
PIO NA SALA
DE ESTAR.



Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

COM TODAS AS
PORTAS E JANELAS
ABERTAS O
VENTO ENCRANOU



E ESTOUROU
AS JANELAS,
OS VIDROS, O
NOSSO QUARTO.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

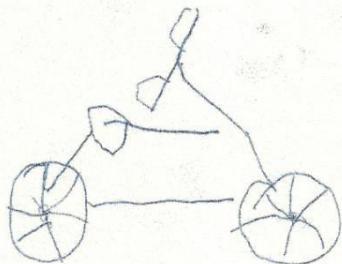
A COLEÇÃO DE
MOEDAS ERA O
CARREGAMENTO
DA CAMINHOTE



ATÉ COLOCAR
A MAIOR NA
BGCA.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

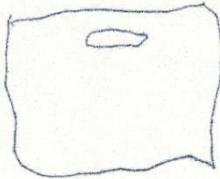
A BICICLETA VER-
MELHA DE GUIDÃO
AMARELO FOI
VENDIDA



DEPOIS DO DES-
MAIO NO MEIO
FIO.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

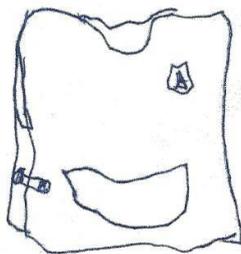
A SACOLA PLÁSTICA
GRANDE
DAQUELE MAGA-
ZINE



ERA CHEIA
DE REMÉDIOS.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

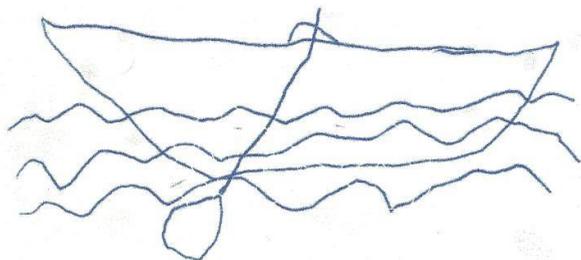
TAPA-PÓ, DESCON-
DERIDO DOS
FURTOS



DE SEMENTES
DE GIRASSOL.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

O BARCO À REMO
SACUDIA, PARA CÁ
E PARA LÁ.



A CADA VEZ
QUE UMA ON-
DA ENCONTRAVA
O CASCO.

Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

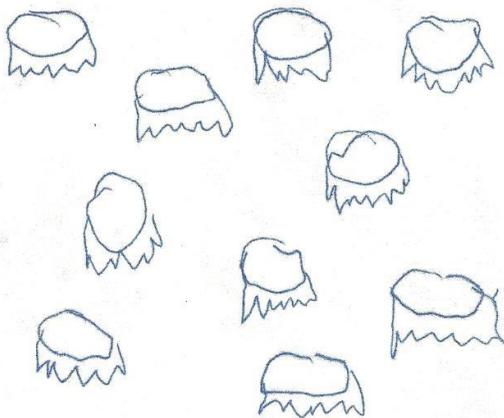
OS TEMPORAIS VIS-
TOS PELAS JANELAS
DA ESCOLA



ERAM MOTIVO
DE GRANDE
DESESPERO.

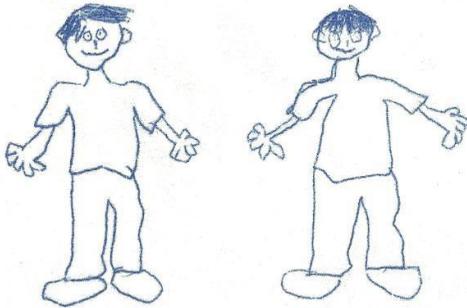
Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

OS EXERCÍCIOS
DE MATEMÁTICA
ERAM RESOLVI-
DOS COM TAM-
PINHAS DE
GARRAFAS.



Situações da Infância. Desenho, carbono azul sobre papel Canson creme 200g/m², 21 cm x 29,7 cm, 2014.

NOSSA TROCA DE
CARINHOS NA
FILA



FOI REPREENDIDA
PELA TIA DO
JARDIM.

Criar playlists online surgiu, inicialmente, como uma forma de descobrir novos artistas e músicas. A primeira playlist que criei faz referência a dois intervalos de tempo, a segunda quinzena do mês de junho de 2015 e a primeira quinzena do mês de agosto de 2015, passados em Paris. Nessa seleção, criada no YouTube, foram contempladas músicas e vídeos associados a acontecimentos, atrações assistidas ao vivo, lugares frequentados, pessoas, músicas e vídeos assistidos e/ou escutados em bares, canais de televisão, estabelecimentos comerciais, estações de rádio, nas ruas, no transporte público, etc. Logo, ao me deslocar para a Polônia pela primeira vez, onde passei o mês julho de 2015, majoritariamente na cidade de Rzeszów, criei outra playlist. Estas playlists se configuraram como uma prática curatorial aplicada à memória de um deslocamento espaço/temporal, elas são uma coleção imaterial. France, été 2015 (deuxième moitié de Juin et première moitié de Août):

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLOTUyyExm0Zj41ryRZgVVkkxTHfC29CF7>

Polska, lato 2015 (Lipiec):

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLOTUyyExm0ZhvwfNmBQ01qZiVHAezXrS>

28,29 e 30... Ah! E, também, 27 do oito de 1988 é um filme média-metragem (55 min.), realizado a partir da apropriação de uma *found footage*. Seu conteúdo mostra fragmentos do cotidiano de uma família registrados durante os dias 27, 28, 29 e 30 de agosto de 1988. Esses fragmentos, para além da revelação de estilhaços da intimidade familiar, evocam memórias relacionadas à década de 1980 e a transição para a década de 1990, o debate memória individual x memória coletiva, a obsolescência das tecnologias, a preservação e o paradeiro das imagens.

28, 29 E 30... AH!
E, TAMBÉM, 27 DO OITO DE 1988.

UM FILME DE
PAULO UEGA JR.



28,29 e 30... Ah! E, também, 27 do oito de 1988,
55'59". Disponível: <https://youtu.be/aXCavcxmDiw>



28,29 e 30... Ah! E, também, 27 do oito de 1988, 55'59". Disponível: <https://youtu.be/aXCavcxmDiw>



28,29 e 30... Ah! E, também, 27 do oito de 1988, 55'59". Disponível: <https://youtu.be/aXCavcxmDiw>



28,29 e 30... Ah! E, também, 27 do oito de 1988, 55'59". Disponível: <https://youtu.be/aXCavcxmDiw>



28,29 e 30... Ah! E, também, 27 do oito de 1988, 55'59". Disponível: <https://youtu.be/aXCavcxmDiw>



PARTICIPAÇÃO

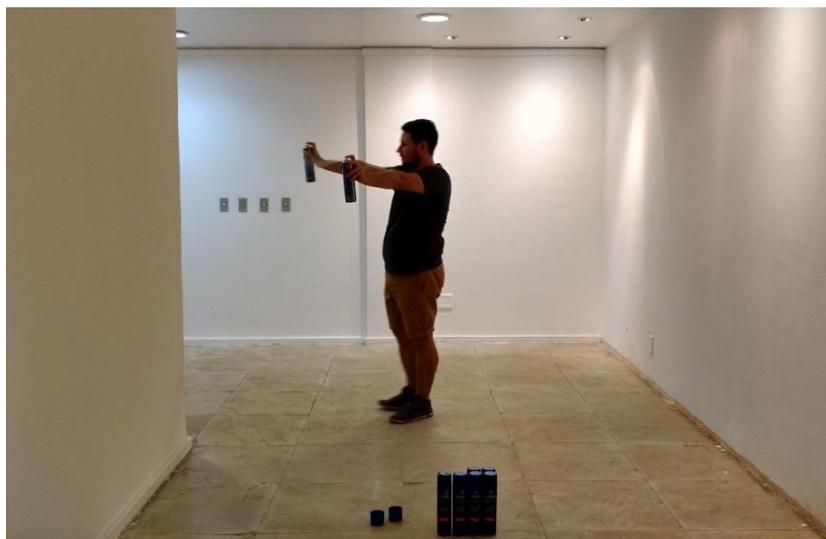
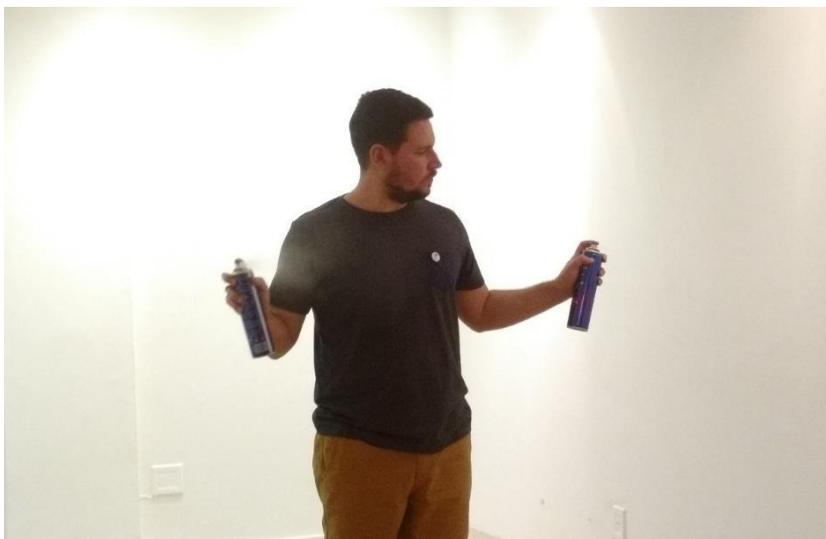
ADEMAR UEGA
ADRIANO UEGA
CARMEN UEGA
DOMINGOS RODRIGUES
ELIAS UEGA
ESLEARA CARDOSO
JANE, DOMÉSTICA
MARIA DO CARMO, BABÁ
MATHILDE CARDOSO
PATRÍCIA RODRIGUES
PAULO UEGA
PAULO UEGA JR.

28,29 e 30... Ah! E, também, 27 do oito de 1988,
55'59". Disponível: <https://youtu.be/aXCavcxmDiw>

Laquê foi uma performance surgida a partir do desejo de abordar a evocação e compartilhamento de memórias através de outro sentido que não a visão. Nessa performance olfativa, o espaço é inundado com o *hair spray* Karina e seu aroma característico, podem ser utilizados até oito tubos do produto dependendo do tamanho da área que se pretende saturar com o produto. Antes de Laquê, idealizei a performance Sopa, nunca materializada, que pretendia lidar com a evocação e compartilhamento de memórias através do paladar e consistia no ato de preparar uma sopa instantânea, sabor galinha com fidelini, e compartilhá-la com quem quisesse se alimentar.



Laqué. Performance, 8 tubos de spray fixador de 400ml cada, 2016.



Laquê. Performance, 8 tubos de spray fixador de 400ml cada, 2016.



Laquê. Performance, 8 tubos de spray fixador de 400ml cada, 2016.



Laqué. Performance, 8 tubos de spray fixador de 400ml cada, 2016.

Lembro que na quarta-série do Ensino Fundamental, chamada, naquela época, de Primeiro Grau, uma das professoras determinou um trabalho bimestral: fazer a sua autobiografia. Lembro que foi uma atividade tão intimidante quanto prazerosa e, apesar de parecer incongruente que crianças de quarta série escrevam sua autobiografia, a atividade tinha o claro propósito de nos colocar em contato com o passado que já não lembrávamos, acontecimentos e hábitos de quando éramos bebês, como se deu a nossa gestação, o parto e o nosso desenvolvimento até a idade de nove ou dez anos, idade que a maioria das crianças têm quando está na quarta série do Ensino Fundamental. Lembro que contei com a intensa colaboração dos meus pais, mas também de outros parentes, como uma das minhas tias e minha avó materna, fazendo com que eu obtivesse a pontuação máxima na atividade. Por muitos anos este trabalho foi guardado, por minha mãe, em uma pasta que reúne alguns documentos meus. E, provavelmente, ainda está lá.

A experiência do estágio doutoral possibilitou a imersão na pesquisa em uma lacuna que há muito queria preencher. Pude fazer o movimento contrário de meus trisavôs, do Brasil para a Polônia, bem como entender o contexto do qual se afastaram, buscar suas origens e, dadas as devidas diferenças e particularidades, pude colocar em exercício uma outra vida. Não no sentido de ficcionalização, mas no sentido de abertura, alteridade e experimentação. Ao longo do período de oito meses, meus hábitos alimentares foram alterados, bem como meus costumes em relação a horários, comportamentos, higiene pessoal, interações e relacionamentos interpessoais, entre outras características. O uso das línguas inglesa e polonesa dominou praticamente todo esse período, fazendo com que, naturalmente, eu pensasse e sonhasse nesses idiomas.

Durante o período de residência em Varsóvia, o contato com inúmeras pessoas exerceu grande influência na minha proposição de simbiose entre arte e vida. Passei a vislumbrar, dentro deste exercício de outra vida, esse fluxo de idas e vindas de interações e relacionamentos interpessoais como, a arte do encontro. Essa visão me permitiu ver mais detalhadamente como essas conexões aconteciam, como diferentes pessoas se ligavam a diferentes traços da minha personalidade e como afetávamos uns aos outros.

Durante o período de doutorado sanduíche realizei ações que não foram registradas intencionalmente. Se as registrasse estaria contrariando meu pensamento e postura apresentados nessa tese. Carreguei comigo barras de giz branco que eram utilizadas para escrever "Cegliński", "P.I.C.C.R.V.", "Paulo Ivan Cegliński Cardoso Rodrigues Vega" e "Paweł Cegliński" pela cidade. Escrevi em árvores, bancos, calçadas, prédios...

Aprender a ler e interpretar o mundo como arte.

Ideias não materializadas:

Máquina de escrever;

Mãe com colar.

Homenagem FGT;

Homenagem Beuys.

A fotografia deixou, pelo menos de maneira dominante, a ter uma preocupação estética excessiva em relação ao enquadramento. Passei a aceitar toda e qualquer foto e a manter diversas variações, digamos, falhas, se comparadas ao meu preciosismo pregresso. A fotografia cotidiana não tem esse compromisso ou necessidade de refinamento estético/visual, ela só precisa documentar/registrar.

Ter perdido o interesse e não ver a necessidade de expor trabalhos, assim como considerar que tal atitude, no momento, contradiz com minha postura e proposta, não impede que eu volte a produzir trabalhos que venham a se materializar. Digo "volte a produzir trabalhos que venham a se materializar", afinal, ter a ideia e a concepção deste em mente já é produzi-lo.

Interesso-me tanto pelas experiências banais e cotidianas como pelas experiências extraordinárias e fantásticas, e por estar aberto a todo e qualquer cruzamento que venha a me acometer, minha proposta torna-se um trabalho não só sobre mim, mas sobre qualquer ser humano que compartilhe do fato de estar e viver/ser e estar em um determinado espaço e tempo, pois a nossa existência é o fruto de experiências do espaço/tempo, do estar e viver e do ser e estar. Assim, a simbiose arte e vida não é um privilégio meu, mas possibilidade para quem quer que tenha essa interpretação do mundo e de estar vivo.

Por volta dos anos 2008-2010, passei a me interessar e realizar pesquisas em minha árvore genealógica. Este interesse surgiu a partir do contato e exploração de um pequeno acervo documental e fotográfico dividido em três álbuns. Essa compilação era mantida por minha mãe, Esleara Maria Cardoso, e uma de minhas tias, Esleila Mara Cardoso. Deparei-me com documentos familiares, como carteiras de identidade, certidões de nascimento, fotografias, passaportes e a partir de uma conversa com minha mãe passei a me interessar especialmente pela transferência de sobrenomes, de geração a geração. Assim, trilhei este caminho até atingir o meu próprio ponto na árvore genealógica da família.

Ao atingir o meu próprio ponto na árvore genealógica da família, percebi que estava enquadrado, sem escapatória, na ordem de sucessão e transferência de sobrenomes e, então, direcionei minha atenção para este fenômeno. Fiquei interessado na adoção e no descarte de alguns sobrenomes, nas mudanças na ortografia,

nas sequelas a eles impostas geração após
geração.

Ceglinski, sobrenome da minha avó materna, foi extinto da família, em primeira instância, por meu avô materno, Jorge Cardoso, que ao registrar sua primeira filha, Eslândia Regina Cardoso, conferiu-lhe, como de costume naquela época, apenas seu sobrenome, o sobrenome paterno. Meus avós maternos, Mathilde Ceglinski Cardoso e Jorge Cardoso, quando do nascimento da segunda filha, minha mãe, Esleara Maria Cardoso, decidiram, em conjunto, registrá-la da mesma forma que a primeira (suprimir o sobrenome Ceglinski e lhe conferir somente o sobrenome Cardoso). O mesmo aconteceu com as outras filhas, Esleila Mara Cardoso e Ester Rejane Cardoso.

Quando do meu nascimento, Esleara Maria Cardoso, que já havia perdido o direito ao sobrenome materno, Ceglinski, e Paulo Ivan Rodrigues Vega, meus pais, decidiram atribuir-me o nome do meu pai. Assim, o único acréscimo em meu nome, em relação ao nome do meu pai, foi a inclusão de Júnior, no final do mesmo, como forma de

diferenciar pai e filho. Então, desta maneira,
também perdi o direito ao sobrenome Cardoso.

Meu nome, como eu gostaria e poderia me chamar foi mutilado consecutivamente: a primeira vez por meu avô materno; a segunda vez por meus avós maternos; a terceira vez por minha mãe e tias e a quarta vez por meus pais.

Diante do incômodo causado pela mutilação de como eu gostaria e poderia me chamar desencadeou uma necessidade de reflexão em torno da minha identidade que, naturalmente, passou a ser o coração da minha produção artística àquela época.



Fotografia 3x4 de Esthel Ceglinski
(bisavó materna)



Fotografia 3x4 de Francisco Ceglinski (bisavô
materno)



Fotografias 3x4 de Jorge Cardoso
(avô materno)



Fotografias 3x4 de Mathilde Ceglinski Cardoso
(avó materna)



Fotografias 3x4 de Mathilde Ceglinski Cardoso
(avó materna)



Ofereço
a minha fotografia
a minha sogra como
prova de sinceridade
a misade
Mathilde C. Cardoso
21-10-1946

Fotografia 3x4 dada por Mathilde Ceglinski Cardoso
(avó materna) a sua sogra, Maria do Carmo Cardoso
(bisavó materna)



Opaço é a
minha foto e
os meus gacais
Jorge em favor
do amor
Mathilde



Opaço é a
minha foto e
os meus gacais
Jorge em favor
do amor
Mathilde



Opaço é a
minha foto e
os meus gacais
Jorge em favor
do amor
Mathilde

Fotografias 3x4 trocadas entre Mathilde Ceglinski
(avó materna) e Jorge Cardoso (avô materno).



A minha
querida vó
Dinda com
muitos beijos
Júnior
10/3/90



A minha
querida "vó"
Dinda"
Beijos
Caio Leon Júnior
29/5/91

Fotografias 3x4 dadas à Mathilde Ceglinski Cardoso
(avó materna).



Fotografias diversas de Jorge Cardoso
(avô materno)



Fotografia de Mathilde Ceglinski (Cardoso) (avó materna, com o escrito *mãe* sobre a cabeça) e sua irmã, Deloah Ceglinski (de Oliveira)



Fotografia de casamento de Mathilde Ceglinski
Cardoso (avó materna) e Jorge Cardoso (avô
materno).





MAR • 75A



Fotografias diversas de Jorge Cardoso (avô materno) e Mathilde Ceglinski Cardoso (avó materna).



Mathilde Ceglinski Cardoso, Esleara Maria Cardoso
comigo no colo e Esleila Mara Cardoso no dia em que
fui batizado.



Mathilde Ceglinski Cardoso e eu em meu aniversário de um ano na Churrascaria Leão do Parque em Rio Grande/RS, Av. Presidente Vargas, 516.



Mathilde Ceglinski Cardoso e eu em frente à sua casa em Rio Grande/RS, R. Barão de Cotegipe, 653.



Mathilde Ceglinski Cardoso e eu em Rio Grande/RS,
R. Marechal Floriano Peixoto, 492 (I).



Mathilde Ceglinski Cardoso e eu em Rio Grande/RS,
R. Marechal Floriano Peixoto, 492 (II).



Mathilde Ceglinski Cardoso e eu em Rio Grande/RS,
R. Marechal Floriano Peixoto, 492 (II).

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



JUIZO MUNICIPAL DA CIDADE DO RIO GRANDE

Certidão de Nascimento

Pedro Vaz Ribeiro, Oficial do Registro Civil da Cidade do Rio Grande
Estado do Rio Grande do Sul

II ZONA

CERTIFICO que a folhas 927 do livro n. 69 de registros de nascimentos

acha-se registrado, sob o n. 548, o de uma criança do sexo masculino

com o nome de "Jorge Cardoso"

nascida no dia sete de Junho de mil

novecentos e um às 4h e 7 minutos em domicílio à rua

Paysandu, 519 desta cidade, filho

legítimo de João Cardoso e de Maria do Carmo Cor-

deiro, deste Estado, residentes nesta cidade

e casados nesta cidade.

avós paternos Agostinho Cardoso e Joaquina Jesus,

e maternos Elara Mantiqueira.

Foram testemunhas Herminio Lopes Millet e Gasparino

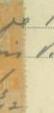
Carvalho de Aguiar, residentes nesta cidade

maiores

O referido é verdade do que dou fé.

Rio Grande,

oficial



Barco de 1942

Comissão Municipal de Registro

Certidão de Nascimento de Jorge Cardoso.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA CIVIL
INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: **Jorge Cardoso**

Pai: **João Cardoso**

Mãe: **Maria do Carmo Cardoso**

Nascido(a) a **7** de **junho**
de **1921** em **Rio Grande**
Rio Grande do Sul
Nacionalidade **Brasileira**

Cutis: **branca**

Olhos: **azuis**

Obs. **Rio Grande**
1 de 11 de 1965

Enc. do P. I. I.

R. G. N.º **34.336**

F. D. { SÉRIE **V-4444**
SEÇÃO **I-4442**

POLEGAR DIREITO

ASSINATURA USUAL DO(A) IDENTIFICADO(A)

Jorge Cardoso

de Id. 6.

SA é válido o retrato com o mesmo em relação ao Instituto



Carteira de Identidade de Jorge Cardoso.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE TRÂNSITO

CARTEIRA NACIONAL DE HABILITAÇÃO

N.º 20.039 Rev. 20.039 VIA PRONTUÁRIO N.º
 Nome JORGE CARDOSO * * * * *
 Nacionalidade Bras. Naturalidade R. Grande Rs
 Nascido a 07 de 06 de 1921 Est. civil Casado*
 Cor Branca Cabelos Cast. Identidade N.º 13202 TE
 Olhos Cast. Exame prestado em 01 de 07 de 1971
 Para dirigir Automóvel e Camioneta.* **AMADOR**



OBSERVAÇÕES **NOVO EXAME MÉDICO**
03 DE JULHO DE 979
 Pol. 03-07-75
 Delegado de Polícia
Jorge Cardoso
 Portador

Carteira Nacional de Habilitação de Jorge Cardoso.



Carteira da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil de Jorge Cardoso.

Força Expedicionária Brasileira

Jorge Cardoso,
ASSINATURA

FILIAÇÃO: João Cardoso. e
Maria do Carmo Cardoso.**

NASCIDO EM:***07 / Junho / 1921.***

OBSERVAÇÕES: Participou Efetivamete
de Operações Belicas, cfe. Certidão
do Arquivo do Exército. Lei Nº.
5,315. de 12/09/1967.*****

A melhor homenagem aos combatentes mortos é dar assistência aos
seus companheiros vivos.

Força Aérea Brasileira

Marinha Mercante

Carteira da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil de Jorge Cardoso.

A CARTEIRA PROFISSIONAL

Por menos que pareça e por mais trabalho dê ao interessado, a carteira profissional é um documento indispensável à proteção do trabalhador.

Elemento de qualificação civil e de habilitação profissional, a carteira representa também título originário para a colocação, para a inscrição sindical e, ainda, um instrumento prático do contrato individual de trabalho.

A carteira, pelos lançamentos que recebe, configura a história de uma vida. Quem a examina, logo verá se o portador é um temperamento aquietado ou versátil; se ama a profissão escolhida ou ainda não encontrou a própria vocação; se andou de fábrica em fábrica, como uma abelha, ou permaneceu no mesmo estabelecimento, subindo a escada profissional. Pode ser um padrão de honra. Pode ser uma advertência.

(a.) Alexandre Marcondes Filho.



MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DEPARTAMENTO NACIONAL DO TRABALHO
SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Carteira Profissional

Série 59



Número 90684

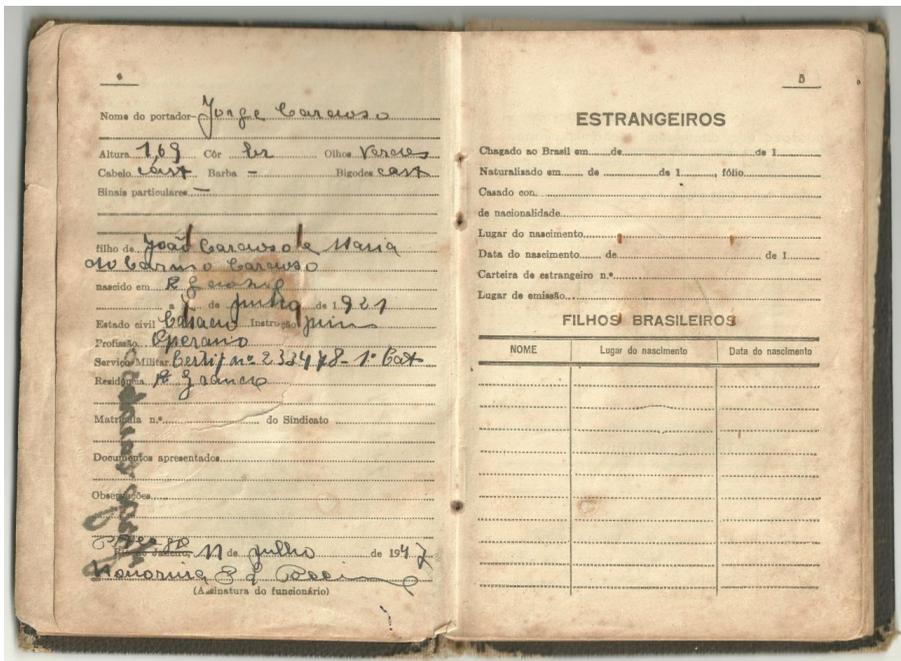
POLEGAR DIREITO



Assinatura do portador

Jorge Cardoso.

Carteira Profissional de Jorge Cardoso.



Carteira Profissional de Jorge Cardoso.

TÍTULO ELEITORAL



RIO GRANDE DO SUL)
CIRCUNSCRIÇÃO

GRANDE)
MUNICÍPIO OU DISTRITO

JORGE CARDOSO

N.º **13.262**
INSCRIÇÃO

37ª ZONA

7 JUNHO 1921 RIO GRANDE DO SUL CASADO
DATA DO NASCIMENTO NATURALIDADE ESTADO CIVIL

JOÃO CARDOSO e MARIA DO CARMO CARDOSO (FALECIDOS)
FILIAÇÃO

FUNC. PÚBLICO MORON, 520
PROFISSÃO RESIDÊNCIA

VOTA NA **52** cinco dois) SECCÃO.

Jorge Cardoso
ASSINATURA DO ELEITOR

EM **17 DE 1957** JUIZ ELEITORAL

T. S. E. - TÍTULO MOD. 4

VOTO: 961-207-500

Em. 2 10 58 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE	Em. 6 11 60 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE	Em. 11 11 70 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE
Em. 8 11 59 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE	Em. 12 11 63 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE	Em. 15 11 72 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE
Em. 3 10 60 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE	Em. 15 11 66 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE	Em. 15 11 74 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE
Em. 7 10 62 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE	Em. 14 11 68 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE	Em. 15 11 76 <i>[Signature]</i> RUBRICA DO PRESIDENTE

VOTO NA LEI Nº 3-10-65
Juiz Eleitoral

Anverso e verso do Título Eleitoral de Jorge Cardoso.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
RIO GRANDE DO SUL



RIO GRANDE

LUIZ GONZAGA MENDES MARQUES
OFICIAL DO REGISTRO CIVIL — I ZONA
CASAMENTOS — NASCIMENTOS — ÓBITOS
PODER JUDICIÁRIO

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que a fls. 101v.102 do Livro n.º C-05 sob N.º 1.222
consta o assento de óbito de: JORGE CARDOSO -
falecido em 12 de setembro de 1978
às 23,30 horas no Hospital da Beneficência Portuguesa
do sexo masculino, de cor branca profissão aposentado -
natural desta cidade domiciliado -
e residente nesta cidade -
com 57 anos de idade, estado civil casado, filho
de: João Cardoso e de Maria do Carmo Cardoso, naturais deste Estado,
falecidos; -
casado em: esta cidade, por esta cartório -
Nome do cônjuge: Mathilde Ceglinsky Cardoso -
Foi declarante: Esleara Maria Cardoso -
O atestado de óbito foi firmado pelo doutor Gustavo Penna -
que deu como causa morte hemorragia digestiva alta-cirrodr hepatica.
O sepultamento: no cemitério católico desta cidade.
OBSERVAÇÕES Deixou as seguintes filhas: Eslandia Regina Cardoso Fu-
chs, casada; Esleara Maria Cardoso, maior, solteira; Esleila Mara Cardo-
so, maior, solteira e Ester Rejane Cardoso, com 16 anos de idade, sol-
teira. Não deixou bens, Era eleitor.

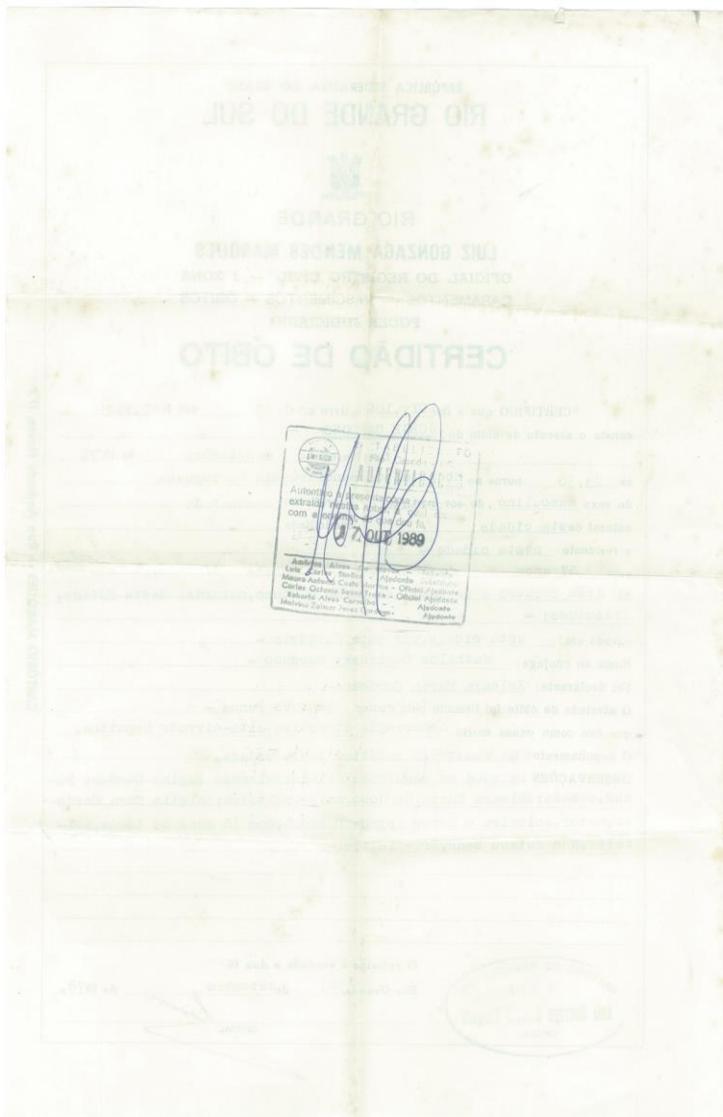


O referido é verdade e dou fé
Rio Grande, 13 de setembro de 1978.

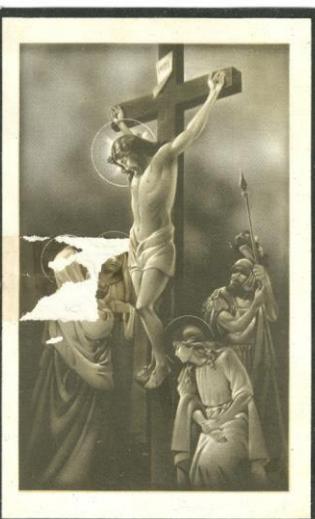
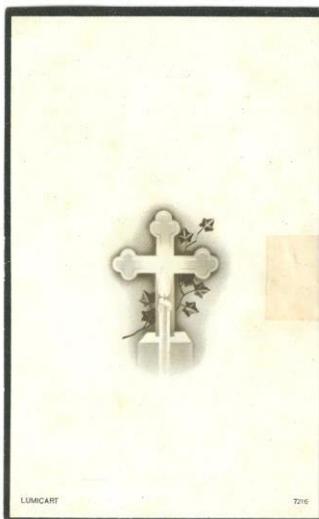
OFICIAL

CARTÓRIO MARQUES — Rua Andrade Neves, 172

Anverso da Certidão de Óbito de Jorge Cardoso.



Verso da Certidão de Óbito de Jorge Cardoso.



+

Viveu querendo a todos
Morreu querido por todos.

Jorge Cardoso

* 07 - 06 - 1921
† 12 - 09 - 1978

Recordação da Santa Missa de
30.º dia, mandada rezar por seus
familiares na Igreja N.ª Sra. do
Carmo.

Rio Grande, 12-10-1978

ORAÇÃO

Senhor, Deus Onipotente, nós Vos imploramos, humildemente que pelos merecimentos infinitos da Paixão e Morte de vosso Filho, tenhais misericórdia da alma do vosso servo **JORGE CARDOSO**, acolhendo-o sem tardar no reino da vossa eterna glória.

Oh! misericordiosíssimo Jesus, dai-lhe o descanso eterno.

Doce Coração de Maria, sede sua salvação.

PATER, AVE, GLÓRIA.

Não choreis, porque não morri para vós. Sei que me amais como quando estava na terra; do céu retribuirei vosso amor. (S. Gregório)

A flor que depositais sobre o meu túmulo, murcha; a lágrima que derramais com minha lembrança se evapora porém, a oração que por mim elevais a Deus, penetra no céu e se converte em abundantes graças.

Recordação da Santa Missa de 30º dia de
falecimento de Jorge Cardoso.

— RIO GRANDE —

Marcos de Miranda Armando, official do Registro Civil da primeira zona da Cidade do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Certifico, por me ser verbalmente pedido, que reverendi em cartorio, e livro corrente, numero um de registro de nascimentos, delle a folhas vinte e um, consta o registro sob numero cincoenta e nove do teor seguinte: e aos deztois dias do mez de Março do anno de mil novecentos vinte e quatro, nesta Cidade do Rio Grande, em cartorio compareceu Francisco Ceglinsky, maior, natural deste Estado e residente nesta Cidade a sua General Bacellar, numero noventa e seis, perante as testemunhas que ao fim assignam, declarou: Que no dia quatorze do corrente, ás deztois horas e vinte minutos, na sua residencia, nasceu uma criança do sexo feminino que tomou o nome de Mathilde Ceglinsky, sua filha legitima e de dona Cathel Ceglinsky, natural deste Estado e residente nesta Cidade onde se casaram civilmente. Sob paternidade Benedito Ceglinsky e Felicia Ceglinsky. Sob maternidade Victoria Silva e Allegres Cardoso da Silva.

E para constar lavrei este termo que comongo assigna o declarante com as testemunhas: Francisco Servico dos Santos e Mano Rocha da Silva. Eu, Aboaz Servico Armando, ajudante do Official do Registro Civil, servindo em seu impedimento, escrevi e assigno. (Assignado). Aboaz Servico Armando. Francisco Ceglinsky. Flona

Anverso da Certidão de Nascimento de Mathilde Ceglinski Cardoso.

Fernando Pinheiro dos Santos - Maria Rocha
da Silva. Nada mais se continha em dito
registro de nascimento, aqui sem o fielmente trans-
cripto e ao original me reporto e dou F. Dada
e passada nesta Cidade do Rio Grande, ao ven-
te e um dia do mez de Março do anno de mil
novecentos vinte e quatro. Eu, Abrão Pinheiro de
Moura, ajudante do Official do Registro Civil,
servindo no seu impedimento, o escrevi e assina-

Rio Grande, 27 de Março de 1924
Abrão Pinheiro de Moura

Verso da Certidão de Nascimento de Mathilde
Ceglinski Cardoso.



Cédula de Identidade de Mathilde Ceglinski
Cardoso (I).

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL

REGISTRO GERAL

4021475373

NOME
MATHILDE CEGLINSKY CARDOSO

FILIAÇÃO
FRANCISCO CEGLINSKY
ESTHEL CEGLINSKY

NATURALIDADE
RIO GRANDE RS

DATA DO NASCIMENTO
14/03/1924

PORTO ALEGRE-RS
09/10/80

Walderez Hauszen 0579

VALIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

MARIA VALDEREZ HAUSSEN

Cédula de Identidade de Mathilde Ceglinski
Cardoso (I).



Cédula de Identidade de Mathilde Ceglinski
Cardoso (I).



VALIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

REGISTRO GERAL 4021475373 DATA DE EXPEDIÇÃO 08/09/1993

NOME MATHILDE CEGLINSKY CARDOSO

FILIAÇÃO FRANCISCO CEGLINSKY ESTHEL CEGLINSKY

NATURALIDADE RIO GRANDE RS DATA DE NASCIMENTO 14/03/1924

DOC ORIGEM C CAS 3322 RIO GRANDE RS

1 ZONA LV 12 FL 159 V

CPF 31528400/87 *****/*

PORTO ALEGRE, RS

ASSINATURA DO DETENTOR
D. ANTONIO CESAR REGO 150981

LEI N° 7.116 DE 29/08/83

Cédula de Identidade de Mathilde Ceglinski Cardoso (II).

Força Expedicionária Brasileira

Associação dos Ex-Combatentes do Brasil

Seccção de Rio Grande - RS.

Nome Matilde C. Cardoso.*****

Sócio Efetiva Matr. 94-A.

Admitido em 26/03/1973.

Identidade N.C.I. 34336.**

Rio Grande - RS. 29/05/73.

J. P. ...
Presidente

J. P. ...
Secretário Geral



Força Expedicionária Brasileira

Força Expedicionária Brasileira

Matilde Beghinsky Cardoso

ASSINATURA

FILIAÇÃO: Francisco Ceglinsky. e Ester Candida Ceglinsky.

NASCIDO EM: 14 / Março / 1924.

OBSERVAÇÕES: A Portadora e Esposa do Associado Sr. Jorge Cardoso. Mat. No. 94 de 26/03/1973. C. I. 34.336.

A melhor homenagem aos combatentes mortos é dar assistência aos seus companheiros vivos.

Força Expedicionária Brasileira

Carteira da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil de Mathilde Ceglinski Cardoso.

I. N. P. S.
DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA

CLÍNICA MÉDICA

Matrícula N.º 9614

Nome MATHILDE CARDOSO

OBSERVAÇÕES

- 1) Para consultar médico, é necessário apresentar esta caderneta.
- 2) Não vale a fotografia sem o carimbo da Caixa.
- 3) Verificando-se a demissão do empregado, deve ser devolvida à Caixa esta caderneta.
- 4) Qualquer alteração na caderneta, só pode ser feita nesta Caixa.
- 5) Comunique à Caixa toda alteração que se der das pessoas inscritas, para a devida averbação nos competentes registros.
- 6) A assistência médica e hospitalar aos beneficiários do sexo masculino, é concedível somente até os 16 anos de idade (exclusive).

Carteira do Departamento de Assistência Médica do
I.N.P.S. de Mathilde Ceglinski Cardoso e Jorge
Cardoso.

N.º 1 221

Concedida ao Sr. *Jorge Cardoso*

Data do nascimento *7.6.1921*

Nacionalidade *Brasileira*

Empresa *A. S. I. Est. Aut. dos Serviços Industriais*

Porto Alegre, *11.12.1946*

Adriano Silva
Diretor da Div. de Benef.

[Signature]
Presidente

ESPOSA



Mathilde
nasc. *14.3.1924*



Esteluciana Regina
nasc. *19.10.1947*



Estelara Maria
nasc. *16-4-50*

Carteira do Departamento de Assistência Médica do I.N.P.S. de Mathilde Ceglinski Cardoso e Jorge Cardoso (I).



Carteira do Departamento de Assistência Médica do I.N.P.S. de Mathilde Ceglinski Cardoso e Jorge Cardoso (II).

CIC

NASCIMENTO

14.03.24

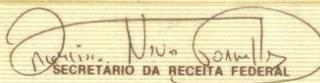
INSCRIÇÃO NO CPF

315 284 060 87

CONTROLE

CONTRIBUINTE

MATHILDE CEGLINSKY CARDOSO


SECRETÁRIO DA RECEITA FEDERAL

**MINISTÉRIO DA FAZENDA
SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL
COORDENAÇÃO DO SISTEMA DE INFORMAÇÕES ECONÔMICO-FISCAIS**

CARTÃO DE IDENTIFICAÇÃO DO CONTRIBUINTE

**DOCUMENTO COMPROBATORIO DE INSCRIÇÃO NO
CADASTRO DE PESSOAS FÍSICAS**

VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL

ASSINATURA DO CONTRIBUINTE

Mathilde Ceglinsky Cardoso

CIC/CPF de Mathilde Ceglinski Cardoso.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

TÍTULO ELEITORAL

NOME DO ELEITOR
MATHILDE CEGLINSKY CARDOSO

DATA DE NASCIMENTO: **14/03/1924** Nº INSCRIÇÃO: **455344004/34** D.V.: **37** ZONA: **37** SEÇÃO: **291**

MUNICÍPIO: **RIO GRANDE** DATA DE EMISSÃO: **18/09/86** RS

PRESIDENTE DO TRE
Milton dos Santos Santos

VÁLIDO SOMENTE COM MARCA D'ÁGUA - JUSTIÇA ELEITORAL

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

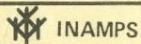
POLEGAR DIREITO

Mathilde Ceglinsky Cardoso

ASSINATURA OU IMPRESSÃO DIGITAL DO ELEITOR

VÁLIDO SOMENTE COM MARCA D'ÁGUA - JUSTIÇA ELEITORAL

Título Eleitoral de Mathilde Ceglinski Cardoso.



IDENTIDADE DE BENEFICIÁRIO

Matrícula n. _____

Beneficiário MATHILDE C.

CARDOSO 23/201024/2-8

D. N. 14.03.24

Grau dep. ESP.

Segurado JORGE CAR-

DOSO (falecido)
CTPS 95.864/89

Valido até Dez. 82

Unidade Médico - Assistencial

519.026401.123

N. do Prontuário

Adair da C.

Carimbo

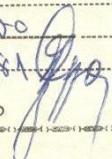
AGENTE
MATR. 77

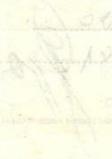


TRAZER SEMPRE ESTE CARTÃO

REVALIDADO ATÉ 31.12.83	Angela Farias Week Aux. Oper. de Serv. Div Matr. 722000
REVALIDADO ATÉ 31.12.84	Joni M. Dignol Nunes Matr. 703.750
REVALIDADO ATÉ 30.08.86	Matia Aguiar Terra MATR. 5556933
REVALIDADO ATÉ 30.03.87	Holiveiro
Unidades Médico - Assistenciais	N. do Prontuário
05188	Adassi da Graça P. Lima AGENTE ADM. MATR. 235512
30-07-89	INAMPS PAM
SAM - 61 IDENTIDADE DE BENEFICIÁRIO	

Anverso e verso da Identidade de Beneficiário do INAMPS de Mathilde Ceglinski Cardoso.

A. C. Santa Casa - Rio Grande
BANCO DE SANGUE
Nome: Mathilde Ceglinski
Cardoso
Grupo sanguíneo: A
Fator R.H. Positivo
Data 15/04/81
Ass. Médico 

em O positivo
BANCO DE SANGUE
Nome: Mathilde Ceglinski
Cardoso
Grupo sanguíneo: A
Fator R.H. Positivo
Data 15/04/81
Ass. Médico 

Anverso e verso do Cartão de Tipagem Sanguínea de Mathilde Ceglinski Cardoso.



Passé Livre de Idoso de Mathilde Ceglinski Cardoso.



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
 COMANDO MILITAR DO SUL
 3.ª REGIÃO MILITAR
 SEÇÃO DE INATIVOS E PENSIONISTAS/3

ESPECIAL
TÍTULO DE PENSÃO MILITAR

N.º 123/91

O Chefe da SEÇÃO DE INATIVOS E PENSIONISTAS/3 usando das atribuições que lhe confere o art. 51 (cinquenta e um) do Decreto n.º 49.096 de 10 de outubro de 1960, declara, a vista do processo protocolado sob o n.º 2101-49, de 05 Jun 90 que MATHILDE CEGLINSKI CARDOSO, viúva, IDA 4021475173 SSP/RS do 3x-Comb. NORDE CARDOSO falecido a 12. Set. 78 tem direito a pensão mensal de Cr\$ 40.162,00 (Quarenta mil, cento e sessenta e dois cruzeiros.) a partir de 05 Jul 90 PENSÃO MILITAR de posto ou graduação de 2ª Classe, 20 vezes a contribuição Tempo de serviço do contribuinte: Legislação: Lei 8059/90 e/c Art. 53, Inc III ADCT Pensão da Tabela de Lei 7974/89 Port 782-SC/5-EMFA Cr\$ 40.162,00 Cota do beneficiário: Integral Observações:

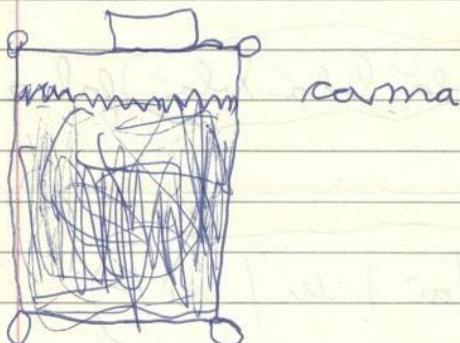
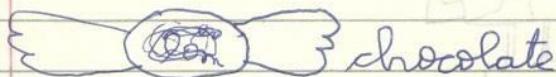
SIP/3 em Porto Alegre, RS, .. 05 de .. MARÇO de 19 .. 91..

Olívio Stocker Machado
 OLÍVIO STOCKER MACHADO
 CBI/RSP P/CHEFLA SIP/3

REGISTRO
 N.º 17.800

Título de Pensão Especial de Mathilde Ceglinski Cardoso.

A vere! Dinda!



Carta/desenho dado, por mim, à Mathilde Ceglinski Cardoso (I).



Desenho dado, por mim, à Mathilde Ceglinski Cardoso (II).

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



PODER JUDICIÁRIO
Registro Civil das Pessoas Naturais
1.ª Zona
Comarca do Rio Grande

Adriana Azevedo do Amaral

Oficial

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO, que em data de 07 de novembro de 1995, no livro
n.º C- 13, às fls. 107, sob n.º 9.458, foi feito o registro de
ÓBITO de MATHILDE CEGLIANSKY CARDOSO, falecida
em 06 de novembro de 1995, às 22:15 horas em
esta cidade, no Hospital da Beneficência Portuguesa,
do sexo feminino, de profissão do lar,
natural do Rio Grande - RS, residente e
domiciliada na rua General Bacelar, nº 196/108, nesta cidade,
com 71 anos de idade, estado civil viúva,
filha de Francisco Ceglinsky e de Esthel Ceglinsky, falecidos.
Foi declarante Paulo Ivan Rodrigues Vega.
Atestou o óbito o Dr. Nikola Michel Numa Koukidis,
que deu como causa da morte "INSUFICIÊNCIA HEPATORENAL, ENCEFALOPATIA HE
PÁTICA, CIRROSE HEPÁTICA". O sepultamento
no cemitério católico local.
OBSERVAÇÕES Era viúva de Jorge Cardoso. Deixa as filhas: Eslan
dia, com 48 anos; Esleara, com 45 anos; Esleila, com 42 anos e
Ester, com 34 anos. Não deixa bens.

Rua 44 do Meio n.º 345
Fone: 32-9663

Emolumentos: R\$ 5,80,-

O referido é verdade e dou fé

Rio Grande, 07 de novembro de 1995,

OFICIAL

CARTÓRIO
DO
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
DA 1.ª ZONA DA CIDADE DO RIO GRANDE - RS
Nascimentos, Casamentos, Óbitos,
ADRIANA AZEVEDO DO AMARAL
Oficial
ELOISA HELENA ARAÚJO DA SILVA
Secretária
Rua 21 de Junho, 365
CEP: 91.274-604

Certidão de Óbito de Mathilde Ceglinski Cardoso.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
1º OFÍCIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
DA COMARCA DO RIO GRANDE - RS

CARTÓRIO AMARAL

Bel. Adriana Azevedo do Amaral Ximenes - Registradora

CERTIDÃO DE ÓBITO n° 9.458
Livro C-13 Folha 107

No dia sete (07) do mês de novembro (11) do ano de um mil novecentos e noventa e cinco (1995), nesta cidade, no OFÍCIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS, compareceu PAULO IVAM RODRIGUES VEGA, representante comercial, RG (9008390768), exibindo atestado de óbito, firmado pelo Dr. Nikos Michel Numa Koukidis, dando como causa morte natural - "INSUFICIÊNCIA HEPATORENAL, ENCEFALOPATIA HEPÁTICA, CIRROSE HEPÁTICA" e declarou que, às 22:15 horas, do dia seis (06) do mês de novembro (11) do ano de um mil novecentos e noventa e cinco (1995), nesta cidade, no Hospital da Beneficência Portuguesa, faleceu MATHILDE CEGLINSKY CARDOSO, do sexo feminino, do lar, estado civil viúva, natural de Rio Grande, Rio Grande do Sul, com 71 anos de idade, residente e domiciliada nesta cidade, na rua General Baccelar n° 196/108, filha de FRANCISCO CEGLINSKY e de ESTHEL CEGLINSKY, falecidos. Era viúva de JORGE CARDOSO. Deixa as filhas: ESLANDIA, com 48 anos; ESLEARA, com 45 anos; ESLEILA, com 42 anos e ESTER, com 34 anos. Não deixou bens. Era eleitora. Sepultamento feito no Cemitério católico local.

CARTÓRIO

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
DA 1ª ZONA DA CIDADE DO RIO GRANDE-RS
Nascimentos, Casamentos, Óbitos.

ADRIANA AZEVEDO DO AMARAL XIMENES
Oficial

ELOISA HELENA ARAUJO DA SILVA
JORGE LUIS MARQUES XIMENES

Substitutos
JOAQUIM LUIS AZEVEDO DO AMARAL JUNIOR
KEILA LIMA LOUSADA
Escritores Autorizados

RUA CARLOS GOMES, 566 CEP 96200-460

O referido é verdade e dou fé.

Rio Grande, RS, 22 de março de 2004.


Eloisa Helena Araujo da Silva,
Substituta.

Emolumentos: R\$ 11,80.

Certidão de Óbito de Mathilde Ceglinski Cardoso.

(II).

AGRADECIMENTO

As filhas, genros e netos de **Mathilde C.Cardoso** agradecem aos familiares e amigos o carinho e o amor que dedicaram àquele ente querido.

AGRADECIMENTO

Ainda consternados, os familiares de Mathilde C.Cardoso agradecem aos médicos Nikos Koukidis e Antônio Sparvoli, enfermeiras e funcionários do Pavilhão Dr. Lavieira, da Beneficência Portuguesa, pela atenção e carinho dedicados àquele ente querido.

Recorte de jornal das notas de agradecimento a familiares, amigos e equipe médica que acompanharam Mathilde Ceglinski Cardoso.

Minha mãe sabia que o sobrenome Ceglinski é de origem polonesa, mas quando a indaguei sobre a possibilidade de confirmarmos esta origem, se havia algum documento para além dos que tive acesso e que atestasse essa informação, sua resposta foi negativa. Ela só tinha conhecimento deste dado pela passagem oral e lembrança de seu avô materno, Francisco Ceglinski, meu bisavô, o qual era referido por "vô Chico", "vô Francisco" e, por fim, "vô polonês".

Entusiasmado e com a curiosidade aguçada pelo desejo de confirmar, de alguma forma, a origem do sobrenome Ceglinski, adentrei à língua polonesa via antroponímia, fonética, gramática e onomástica. Busquei livros físicos e virtuais para compreender esta língua tão diferente do português brasileiro e encontrei o livro "Cześć, jak się masz? Polonês para iniciantes" de Władysław T. Miodunka (2001). A partir da consulta a este livro esclareci duas dúvidas surgidas durante o processo de pesquisa: 1) a diferença entre as letras N e Ń e 2) qual a terminação correta para o sobrenome, se -SKI ou se-SKY, por haver documentos com ambas grafias.

A diferença entre N e Ń, em relação à pronúncia da letra N, em português, segundo Miodunka (2001, p. 14) é “n como [n] em português: nada, cana” e “ń como [ɲ] em português: caminho, vinho”. A terminação correta é -SKI, pois de acordo com os princípios da grafia na língua polonesa, ou seja, de acordo com a ortografia do idioma, a letra K não pode ser sucedida por Y, apenas por I (MIODUNKA, 2001, p. 21-22).

Etimologicamente, o sobrenome Ceglinski provém da palavra *cegła* e sua grafia correta, em polonês, é Cegliński. *Cegła* significa tijolo e tem sua raiz na palavra latina *tegula*.

Cegliński - od cegła, z niemieckiego Ziegel, a to z łacińskiego tegula.

Cegliński - de telha ou tijolo, em alemão, Ziegel, e do latim, tegula.

(GENEALOGIA, 2008).

Cegliński passou pelo processo de aportuguesamento, a letra Ń, por não fazer parte do alfabeto latino, foi descartada e substituída por N. Assim, o som de Ń, próximo do som das palavras com NH em português, passou a soar como o N regular do português brasileiro.

Os sobrenomes poloneses naturais podem ser categorizados, quanto ao seu processo de constituição, em três grupos: cognominais, patronímicos e toponímicos. Os sobrenomes cognominais (*nazwisko przezwiskowe*) são derivados de apelidos, características físicas, psicológicas, nomes de animais, árvores, coisas e profissões. Os sobrenomes patronímicos (*nazwisko odimienne*) são derivados do nome do pai, avô ou ascendente anterior, terminados com um sufixo que indica vínculo familiar. Já os sobrenomes toponímicos (*nazwisko odmiejscowe*) são derivados do nome de aldeias, cidades, regiões, vilas ou terras possuídas (BLOCH, 2009). Porém, é quase impossível definir se um sobrenome provém, por exemplo, de uma atividade profissional ou do nome de uma vila conhecida pela popularidade do ofício em questão (CELINSKI, 2012).

As matrizes históricas de alguns sobrenomes poloneses podem ser percorridas a partir de seus sufixos, como acontece com os sobrenomes terminados em -CKI, -IC, -ICZ, -SKI e, incluindo-se nesta categoria, então, o sobrenome Cegliński. Estes sobrenomes com as terminações citadas acima não figuram em registros anteriores ao século XV, o que conduz à duas hipóteses: sendo a primeira de que outros sobrenomes são mais antigos do que estes e a segunda de que investigações genealógicas relativas aos sobrenomes terminados em -CKI, - IC, -ICZ e -SKI podem recuar até quinhentos anos (CELINSKI, 2012).

Os sobrenomes poloneses podem ser categorizados em: 1) adjetivais, declinados e derivados como um adjetivo, e 2) substantivais, declinados e derivados como um substantivo. Os sobrenomes adjetivais têm, comumente, como terminação os sufixos -CKI, -DZKI, -SKI e tem formas femininas e masculinas, como todos os demais sobrenomes adjetivais poloneses. Em geral, quando em sua forma masculina, os sobrenomes terminam em I, já quando em sua forma feminina terminam em A. Com esta informação, Cegliński, terminado em -SKI, sufixo masculino, seria a maneira correta para uso masculino e Ceglińska, terminado em -SKA, sufixo feminino, seria a maneira correta para uso feminino, já que o gênero recai sobre a terminação dos adjetivos na língua polonesa (BLOCH, 2009).

Ao pesquisar sobre a presença e popularidade do sobrenome Cegliński na Polônia, deparei-me com os dez volumes do *Słownik nazwisk współcześnie w Polsce używanych* (Dicionário de sobrenomes utilizados na Polônia contemporânea), publicados pelo pesquisador Kazimierz Rymut, em 1992, tendo como base os dados do PESEL - *Powszechny Elektroniczny System Ewidencji Ludności* (Sistema Eletrônico Universal de Registro da População). Este sistema é utilizado desde 1979 e os dados encontrados em relação ao sobrenome Cegliński na Polônia dizem respeito aos dados coletados no começo dos 1990. Foram coletadas informações nas quarenta e nove províncias e voivodias polonesas, regiões administrativas existentes de 1975 até 1998. A partir do ano de 1999 o número de voivodias foi reduzido de quarenta e nove para dezesseis. Estas informações, por serem datadas do começo dos anos 1990 estão, obviamente, desatualizadas, mas servem como demonstração dos locais com mais concentração de Ceglińskis, sobrenome que figura 1136 vezes em todo o país, com maior concentração na voivodia Warszawskie (WA) que, após 1999, passou a ser chamada de

Mazowieckie (MZ), figurando 308 vezes. Segue, abaixo, a especificação completa da distribuição do sobrenome Cegliński (RYMUT, 1992, t. 2, p. 20).

Sobrenome	Total	Localização: quantidade
Cegliński	1136	Wa:308, Bs:1, BB:5, By:4, Ch:3, Cz:11, El:4, Gd:20, Go:23, Jg:16, Ka:39, Ki:66, Ko:23, Kr:8, Lg:17, Ls:1, Lu:101, Łd:54, Ol:1, Op:5, Pt:7, Pł:56, Po:9, Pr:7, Ra:56, Rz:7, Sd:20, Sk:130, Sł:6, Su:5, Sz:10, Tb:1, Ta:13, To:13, Wb:43, Wł:2, Wr:22, ZG:19

(RYMUT, 1992, t. 2, p. 20).

Em busca de aclarar a dúvida em torno da data de imigração de meus antepassados, da Polônia para o Brasil, comecei com uma contagem temporal reversa tendo como base as idades tanto da minha mãe quanto da minha avó materna em comparação a Primeira e Segunda Guerra Mundial. Se minha mãe, Esleara Maria Cardoso, nasceu em 1950, no Brasil, cinco anos após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e minha avó materna, Mathilde Ceglinski Cardoso, nasceu em 1924, também no Brasil, seis anos após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), torna-se incontestável o fato de meus trisavós terem chegado ao Brasil antes das duas grandes guerras. Porém, para afirmar, com certeza, a data de imigração, seria necessário encontrar o registro de chegada deles no Brasil.

Encontrei, ao pesquisar online sobre imigração polonesa, o grupo de discussão Poloneses no diretório de grupos do Yahoo e, após ser aceito e me comunicar com demais membros, recebi a indicação para pesquisar no Arquivo Nacional, na plataforma online chamada SIAN - Sistema de Informações do Arquivo Nacional com inúmeros documentos digitalizados de seu acervo. Neste sistema estão arquivadas mais de dez mil cento e setenta relações de passageiros em vapores, número ainda em expansão, e os mesmos são administrados pela Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras - DPMAF. Encontrei, ao pesquisar nesta plataforma, sob o número quatro mil duzentos e sessenta e oito, código de referência BR.AN.RIO.OL.0.RPV.PRJ.4268, o registro de chegada dos passageiros do vapor Rhein no Porto do Rio de Janeiro, datada de 14/10/1890, proveniente da cidade de Bremen na Alemanha. Na capa da listagem consta a informação de que se trata de uma "LISTAGEM INCOMPLETA" e, na página vinte e um do arquivo digital, ou na página vinte da numeração manual, nos quatro últimos registros, na parte inferior da página, estão listados os meus antepassados poloneses, um casal com dois filhos: Benedyk Ceglenski, Felicia Ceglenski, Marianna Ceglenski e Stephan Ceglenski.

Nota-se o erro na escrita do sobrenome Cegliński com E, Ceglenski. Eles, como todos os demais passageiros do vapor, estão registrados como de naturalidade russa, agricultores e católicos (DIVISÃO DE POLÍCIA MARÍTIMA, AÉREA E DE FRONTEIRAS, 1890).

Benedyk Ceglenski, Parentesco: pai, Naturalidade: russo, Profissão: agricultor, Religião: católico, Idade: 32;

Felicia Ceglenski, Parentesco: mãe, Naturalidade: russa, Profissão: agricultora, Religião: católica, Idade: 32;

Marianna Ceglenski, Parentesco: filha, Naturalidade: russa, Idade: 4;

Stephan Ceglenski, Parentesco: filho, Naturalidade: russo, Idade: 2.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



ARQUIVO NACIONAL

**DIVISÃO DE POLÍCIA MARÍTIMA, AÉREA E DE
FRONTEIRAS - DPMAF**

RELAÇÕES DE PASSAGEIROS EM VAPORES

PORTO DO RIO DE JANEIRO

NOTAÇÃO: BR.AN.RIO.OL.O.RPV.PRJ. 4268

VAPOR: RHEIN

DATA: 14/10/1890

PROCEDÊNCIA: BREMEN

NÚMERO DE FOLHAS: 52

FOLHAS EM BRANCO: 2v à 51v

OBS: LISTAGEM INCOMPLETA

Capa da relação de passageiros do vapor Rhein.

Repartição Central das Terras e Colonização

BRAN. RIO DE JANEIRO, RJ, 426.8

MOVIMENTO

1890

Lançada

PARTE

do Interprete Julio L. Pansivini

que visitou o vapor *Alt Rhein*

procedente de Bremen

entrado em 14 de Novembro de 1890

1

SAUDE DOS PASSAGEIROS

Bom

MORTALIDADE

1. Nenhum

NASCIMENTOS

Nenhum

OBSERVAÇÕES

Entregou lista com 1313 passageiros de 3.ª classe, incluindo nascimentos e mortes.

Espontaneos 9

Por conta de contratos 1313

Do contrato *Com. de Foz de Iguaçu e outros dita A. F. de S. P.*

Nota de apresentação desta parte.

o lançamento no livro compete em 10 de Abril 1890

Fez a lista de passageiros a 14 de Novembro

de 1890. O livro de passageiros ordenado

o lançamento foi a 14 de Novembro, como se vê da m.

A. F. de S. P.

F70 190

TEXTO DETERIORADO E/OU
ENCADERNAÇÃO DEFEITUOSA
Damaged text.
Wrong binding

Primeira página da relação de passageiros do vapor Rhein.

1v

Desembarcaram para a Capital, espontaneos

Idem idem idem por conta de contractos

Idem idem a Ilha das Flores, espontaneos

Idem idem idem por conta de contractos

1313

PASSAGEIROS EM TRANSITO

Para

Queixas dos passageiros não houve

O Intelecto,

Julio L. Passos

F40 191



TEXTO DETERIORADO E/OU
ENCADERNAÇÃO DEFEITUOSA
Damaged text.
Wrong binding

Verso da primeira página da relação de passageiros do vapor Rhein.

DI. ORA. PR. 4268 20

Numeros	NOMES	Parentesco	Naturalidade	Profissao	Religiao	Eidade	PASSAGENS					Observ.	
							1/2	1/4	1/4	1/4	Total		
Transporte							34	31	70	69	375 1/2		Bayre 45
125													
8	Joseph Dubskowsky	pai				52	1						
9	Marianna	mae				42	1						
30	Adam	filho				23	1						
1	Johann	"				22	1						
2	Talonia	"				14	1						
3	Thomas	"				13	1						
4	Gov	"				4			1				
5	Konstantia	"				2			1	6 1/4			
127													
06	Mathew Lepinski	marido				24	1						
128													
07	Aleksander Floroski	"				23	1						
129													
8	Kardine Barbnicka	mae				45	1						
9	Vincenti	filho				23	1						
30	Marianna	"				20	1						
1	Johann	"				18	1						
2	Jacob	"				13	1						
3	Anna	"				8 1/4							
4	Joseph	"				6				5 3/4			
130													
5	Franc Wisockski	pai				45	1						
6	Bartha	mae				42	1						
7	Antonina	filha				17	1						
8	Medialaw	"				15	1						
9	Tam	"				13	1						
40	Joseph	"				11				5 1/2			
131													
1	Benedita Boglonski	pai				32	1						
2	Felicia	mae				32	1						
3	Marianna	filha				4							
44	Stephan	"				2				2 1/4			
PROBIO													
Transporte							36	33	79	71	397 1/4		47

	131					
1	Benedyk Ceglenski	pai	32	'		
2	Felicia	mae	32	'		
3	Mariama	filha	4	'		
544	Stephan	"	2	'	214	1
FROGLO			Transporte 36133,79,71,397'14			47

Página 20 da relação de passageiros do vapor Rhein (detalhe).

Para confirmar as informações encontradas sobre meus antepassados poloneses na plataforma online SIAN - Sistema de Informações do Arquivo Nacional, recebi a indicação, no grupo de discussão Poloneses no diretório de grupos do Yahoo, de consulta à Base de Dados de Entrada de Estrangeiros no Brasil - Porto do Rio de Janeiro, desenvolvida pelo projeto "Entrada de Estrangeiros no Brasil: As relações de passageiros desembarcados no porto do Rio de Janeiro". Nesta base de dados online pode-se realizar pesquisas por destino, idade em anos ou em meses, instrução, nacionalidade, navio, nome, porto de embarque, procedência e profissão. Ao pesquisar na base de dados com a grafia do sobrenome Cegliński conforme o registro na lista de passageiros do vapor, ou seja, Ceglenski, a pesquisa retornou os mesmos resultados encontrados no SIAN, vindo a confirma-los (ARQUIVO NACIONAL, 2008).

Ministério da Justiça
ARQUIVO NACIONAL

ENTRADA DE ESTRANGEIROS NO BRASIL - PORTO DO RIO DE JANEIRO

12/11/2017

BR AN RIO OL 0 RPV PRJ 4268

DADOS IMIGRANTE

NOME Benedyk Ceglenski	Nº ORDEM 496	PARENTESCO Pai	IDADE (ano) 32
IDADE (mes)	IDADE (intervalo)	SEXO Nada consta	NAÇÃO/NACIONALIDADE Rússia
ESTADO CIVIL Nada consta	PROFISSÃO Agricultor(a)	RELIGIÃO Católica	INSTRUÇÃO Nada consta

DADOS DA VIAGEM

DATA DE CHEGADA 14/11/200 00:00	PORTO DE ENTRADA Bremen	NAVIÓ Rhein / Rhein	CLASSE 3
PROCEDÊNCIA Nada consta	DESTINO Nada consta		

ACOMPANHANTES

PRENOME	SOBRENOME	NºORDEM	PARENTESCO	IDADE (ano)	IDADE (mês)	IDADE (intervalo)

Imprimir Voltar

Resultado da pesquisa por Ceglenski na Base de Dados de Entrada de Estrangeiros no Brasil - Porto do Rio de Janeiro (I).

Ministerio da Justica - BND

ENTRADA DE ESTRANGEIROS NO BRASIL - PORTO DO RIO DE JANEIRO

12/11/2012

Arquivo Nacional

- Introdução
- Manual
- Consulta**
- Créditos
- Sair

Web: Acesso | Ingresso | Número | Status | Tipo de Entrada

DADOS DA VIAGEM

DATA DE CHEGADA 14/10/1930 00:00	PORTO DE ENTRADA Bremen	NAVIO Rhein / Rhein	CLASSE 3
PROCEDÊNCIA Nada consta	DESTINO Nada consta		

ACOMPANHANTES

PRENOME	SOBRENOME	NºORDEM	PARENTESCO	IDADE (ano)	IDADE (mês)	IDADE (intervalo)
Felicia	Ceglenski	497	Filho (a)	32		
Marianna	Ceglenski	498	Filho (a)	4		
Stephan	Ceglenski	499	Filho (a)	2		

OBSERVAÇÕES

[1 a 1 de 4]

Resultado da pesquisa por Ceglenski na Base de Dados de Entrada de Estrangeiros no Brasil - Porto do Rio de Janeiro.

Considerando os achados na plataforma SIAN - Sistema de Informações do Arquivo Nacional e na Base de Dados de Entrada de Estrangeiros no Brasil - Porto do Rio de Janeiro como informações definitivas sobre meus antepassados, tornou-se necessário entender a razão da imigração deles e seu contexto. Assim, estudei a história da Polônia, o cenário histórico polonês em relação à história da minha família, pois os meus saberes sobre os mesmos eram limitados.

Se meus trisavôs, Benedyk e Feliksa, desembarcaram no Brasil no ano de 1890, conforme indica o registro de desembarque do vapor Rhein, com 32 anos de idade, ou eles nasceram em 1857 ou 1858. Neste período, a Polônia, nome ou palavra que, conforme Voltaire Schilling (p.6) "deriva de pole, de terra plana lavrada, havendo nela milhares de acres de boa qualidade para serem usados pela agricultura e criação de gado" era, obviamente, um país de "perfil agrícola, de terra voltada para a lavoura e criação" (SCHILLING, p. 6). Sua localização geográfica estabelece a ligação entre dois principais polos antagônicos, resumidamente, o leste e o oeste europeus, ou seja, além destes havia a possibilidade de uma investida oriunda do norte ou do sul, pois estava localizada em uma "espécie de limbo geopolítico" (SCHILLING, p.2).

A Polônia enfrentou inúmeras divisões e partilhas de território, invasões, guerras, ou seja, despautérios em relação à sua constituição como nação. Quando do nascimento dos meus trisavôs, Benedykt e Feliksa, o território da Polônia estava em sua Terceira Partilha, realizada entre Áustria, Prússia e Rússia em 1795. As partilhas anteriores aconteceram em 1772, sendo esta a Primeira Partilha ocorrida entre a Áustria, a Prússia e a Rússia e a Segunda Partilha aconteceu em 1793 entre a Prússia e a Rússia (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p.72) (SCHILLING, p.15).

Desde a Terceira Partilha da Polônia, em 1795, todas as tentativas de conquista de independência e liberdade fracassaram e o país foi apagado do mapa da Europa por 123 anos. A conquista da independência aconteceu com o final da Primeira Guerra Mundial e a assinatura do Armistício de Compiègne, a sua data oficial é onze de novembro de 1918, portanto, Dia Nacional da Independência na Polônia (DILL, 2003, p. 19- 20) (KAMIŃSKI, 2016, p.43).

A Grande Revolta Polonesa de 1806, ocorrida na Wielkopolska e coordenada pelo general Jan Henryk Dąbrowski, foi uma rebelião militar polonesa, contra a ocupação prussiana, que pretendia ajudar o avanço das tropas napoleônicas na emancipação da Polônia do jugo prussiano. Napoleão Bonaparte alimentou a fúria de esperança de independência e liberdade polonesas ao assinar, em nove de julho de 1807, o Segundo Tratado de Tilsit e estabelecer a organização do Ducado de Varsóvia. O Ducado de Varsóvia foi um Estado polonês instaurado em território que havia sido apropriado pelo Reino da Prússia e que fora cedido pelo mesmo. Napoleão Bonaparte encorajara o nacionalismo e patriotismo polonês baseado no fato de que tropas polonesas já haviam batalhado inúmeras vezes exibindo coragem, lealdade e resistência por toda a Europa. Entretanto, a atitude encorajadora de Napoleão não era gratuita, pelo contrário, era dissimulada, pois visava a obtenção do apoio e suporte polonês em favor da causa francesa contra a Rússia (KAMIŃSKI, 2016,p.47) (SCHILLING, p. 15) (ZAMOYSKI, 2009, p. 225-226).

A derrota de Napoleão Bonaparte na Batalha de Waterloo, em 1815, fez sucumbir o facho luminoso da esperança de liberdade polonesa. A sucumbência napoleônica e, consecutivamente, polonesa, acarretou a fortificação da partilha do território polonês entre Áustria, Prússia e Rússia. O Ducado de Varsóvia foi tomado pelas forças da Prússia e da Rússia até ser burocraticamente dividido entre o Reino da Prússia e o Império Russo com a assinatura dos atos do Congresso de Viena, esta última, governando o instituído Reino da Polônia, ou Polônia do Congresso, através do czar da dinastia Romanov, Alexandre I, que reinou de 1801 até 1825. (SCHILLING, p.16) (ZAMOYSKI, 2009, p. 225-226).

O legado napoleônico foi uma intensa crise econômica e, portanto, a única maneira de recuperação foi a condução do país a um remodelamento metódico, em especial, de sua economia baseada na agricultura, a qual vagarosamente apontou para o capitalismo com a inserção de novos métodos de cultivo, como a rotação ou rotatividade de plantio. Então, a reforma da agricultura deu início a uma propensão progressista nos demais setores da economia, impulsionando-os ao inevitável, a busca pelo crescimento e expansão. Assim, os governos austríaco e prussiano passaram a estimular a industrialização do país, fazendo com que setores como artesanato, comércio, indústria e mineração progredissem (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p. 91).

Inicialmente, a Polônia do Congresso gozava de uma certa autonomia por estar regulada sob a Constituição do Reino da Polônia, porém o crescente descontentamento do czar da dinastia Romanov, Alexandre I, em relação à limitação de sua autoridade e poder, sob jugo dos atos do Congresso de Viena, levaram o mesmo a desobedecer a assinatura dos atos do encontro de embaixadores. Alexandre I passou a desempenhar uma política autoritária intensificada pelo governante posterior, seu irmão, Nicolau I, que governou de 1825 a 1855 (KAMIŃSKI, 2016, p.48) (ZAMOYSKI, 2009, p. 226-228).

Nicolau I perseguiu minorias étnicas e religiosas e cerceou o pensamento através do controle e fechamento de universidades, como a Universidade de Varsóvia, e censura da imprensa, porém, insurreições seguiam acontecendo. Quando da chegada da notícia da Revolução Belga e da Revolução de Julho de 1830, ocorrida na França, a Varsóvia, a população foi, mais uma vez, tomada pelo sopro de independência e liberdade, mostrando que nada havia sido capaz de confinar a obstinação polonesa pela liberdade. Assim, desencadeou-se, em 29 de novembro de 1830, a Insurreição de Novembro, a qual levou o czar a decretar a mobilização do Exército Polonês e do Exército Imperial Russo com ordens de eliminação do movimento insurgente. Assim, a agremiação revolucionária, erguida pela ânsia de demover o czar Nicolau I e constituir um Governo Nacional, acabou suplantada pela reação do governante no poder (KAMIŃSKI, 2016, p.48-50) (SCHILLING, p.17) (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p. 95) (ZAMOYSKI, 2009, p. 230-235).

Aconteceu, em 1846, uma tentativa de luta pela liberdade e contra a ocupação prussiana, a terceira das cinco grandes revoltas ocorridas na região da Wielkopolska. Essa rebelião, em sincronia com esforços rebeldes nas áreas sob domínio austríaco e russo, foi um prelúdio para a onda revolucionária que se espalhariá por toda a Europa nos anos de 1848 e 1849 e entraria para a história como a "Primavera das Nações". Os países da Europa Ocidental buscaram, com essa onda revolucionária, a obtenção de liberdades democráticas e o afastamento de qualquer traço do feudalismo, enquanto os territórios dominados vincularam os ideais progressistas à batalha pela independência e liberdade nacionais (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p. 116) (ZAMOYSKI, 2009, p. 237).

Quando da erupção das Revoluções de 1848, um vasto número de emigrantes poloneses lutou, lado a lado, com as massas revolucionárias na Alemanha, Áustria, França, Hungria, Itália e Romênia. O envolvimento polonês nas causas de outras nações visava uma relação em mão dupla, eles pensavam que, ao colaborar na luta de terceiros, poderiam receber contribuições na luta pela liberdade de sua pátria. Os poloneses estavam presentes tanto nas barricadas quanto nas prisões europeias (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p. 123) (KIENIEWICZ, 2007, p.63) (ZAMOYSKI, 2009, p. 237-238).

A parte da Polônia sob ocupação da Áustria e da Prússia ingressou na era do capitalismo, entretanto a parte sob domínio dos czares, não afetada pela "Primavera das Nações", ingressou rapidamente em uma crise do sistema feudal absolutista (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p. 125).

Tanto a derrota russa na Guerra da Crimeia como a morte de Nicolau I, em 1855, tiveram impacto direto na Polônia. O início do reinado de Alexandre II, o qual reinou até morrer, em 1881, foi marcado pela falsa receptividade do czar em aceitar sugestões de reformas e pelas duras palavras ("*Point de rêveries, messieurs, point de rêveries*", ou seja, "Sem devaneios, senhores, sem devaneios") proferidas em visita a Varsóvia. Porém, a abertura de Alexandre II não passou de um gesto vazio, pois todo e qualquer esforço ou investida de progresso por parte dos poloneses eram automaticamente taxados como devaneios. Mesmo assim, o czar era favorável às reformas concernentes à causa camponesa, pois visava a obtenção do apoio desta classe (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p. 125-127) (ZAMOYSKI, 2009, p. 239-240).

Duas orientações políticas ganharam força no Reino da Polônia após a derrota russa na Guerra da Criméia e a coroação do czar Alexandre II: os "Branços" e os "Vermelhos". Os "Branços", representados por Andrzej Zamoyski, eram um grupo de rebeldes conservador-liberal originado em torno da Sociedade Agrícola, formado majoritariamente por burgueses, industrialistas e latifundiários que defendiam a revogação da servidão com compensação para os donos de propriedades. Os "Vermelhos", representados por Jarosław Dąbrowski, eram um grupo de rebeldes democrático-radical originado em torno da Academia Médica de Varsóvia e da Escola de Belas Artes, formado majoritariamente por camponeses, clérigos e estudantes que enxergavam a liberação dos camponeses, sem compensação para os donos de propriedades, como fator decisivo para a derrocada da dominação russa e, portanto, para a emancipação polonesa. (ZAMOYSKI, 2009, p. 240- 243).

Enquanto Zamoyski representou os Brancos, Dabrowski representou os Vermelhos, o Império Russo nomeou Aleksander Wielopolski, em 1862, um aristocrata polonês que havia apoiado a Insurreição de 1830, como presidente do conselho de estado. Wielopolski acreditava que a solução mais conveniente para o conflito polono-russo era um regresso aos fundamentos do Congresso da Polônia dos anos 1820, ideia que se opunha tanto aos ideais dos Brancos quanto dos Vermelhos. Diante de sua impopularidade com os poloneses, tanto por sua empáfia quanto por sua submissão ao Império Russo, o czar Alexandre II nomeou seu irmão, Constantino, como vice-rei da Polônia. Assim, Wielopolski assumiu a função de zelar pela disciplina e manter as aspirações e interesses políticos poloneses não só sob seu monitoramento, mas sob sua contenção (ZAMOYSKI, 2009, p. 240-241).

Zamoyski, da Sociedade Agrícola em Varsóvia, ao contrário de seu rival Wielopolski, era visto com grande estima e possuía grande popularidade entre os poloneses. Quando convocado pelo vice-rei Constantino, Zamoyski recusou a possibilidade de colaboração em busca de solução para os impasses da época, o que serviu como um estimulante para os membros mais extremos e inflamados da sociedade polonesa. A conclusão chegada, após debates e reflexões sobre os pormenores da desejada reforma e independência polonesas, foi de que qualquer acordo ou arranjo com o Império Russo era inadmissível (ZAMOYSKI, 2009, p. 239-240).

O vice-rei Constantino, que tinha apreço pelos poloneses, desconsiderou a recomendação dos generais do czar Alexandre II e deu fim à Lei Marcial, começando assim uma agenda de maiores permissões e tolerância. Estavam, dentre as medidas da agenda de liberalização de Constantino, o desimpedimento do funcionamento das universidades, a designação de polonês como titulares de posições administrativas e a restituição do polonês como idioma oficial. Entretanto, os esforços de Constantino para tranquilizar os poloneses foram em vão, suas iniciativas não foram suficientemente satisfatórias, se levado em consideração que a população almejava, custasse o que custasse, não uma flexibilização das duras regras do jugo russo, mas sim a independência desse (ZEEP VAT, 2000, p.70).

Os triunfos do povo italiano, encabeçado por Giuseppe Garibaldi, motivou a organização de sociedades secretas polonesas a partir do ano de 1859, pois as vitórias da Garibaldi desencadearam o surgimento de mais uma onda de desejos e esperanças e reavivaram as iniciativas libertárias europeias (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p. 126-127). Os Brancos organizaram seu agrupamento em torno Sociedade Agrícola, já os Vermelhos organizaram o Comitê da Cidade de Varsóvia, convertido em Comitê Central Nacional quando presidido por Stefan Brobowski. Diante das contínuas polarizações políticas e rebeliões nos domínios russos, o czar Alexandre II decretou a Lei Marcial em 14 de outubro de 1861 (ZAMOYSKI, 2009, p.240-243).

Os Vermelhos, organizados sob o Comitê da Cidade de Varsóvia, arquitetaram um governo paralelo com objetivo de coordenar uma revolta massiva em 1862. Comparações entre italianos e poloneses, como o fato dos Brancos verem Camilo Benso em Adam Czartoryski e os Vermelhos verem Giuseppe Garibaldi em Ludwik Mierosławski, bem como a amizade de Mierosławski com o Príncipe Napoleão, eram considerados pela população como indicativos de que uma insurgência tinha chances de êxito. Assim, Dąbrowski, no cargo de comandante militar do Comitê da Cidade de Varsóvia, contatou tanto oficiais poloneses quanto russos de dentro do Exército Russo para tentar desestabilizar a réplica militar quando a revolta fosse deflagrada. Entretanto, apesar dos avançados planos, a polícia russa tomou conhecimento das intenções de revolta e acabou por prender Dąbrowski e inúmeros oficiais. Wielopolski continuava tentando encontrar, sem sucesso, uma solução para a questão dos camponeses e Zamoyski, intimado a comparecer a São Petesburgo, fora enviado para o exílio, em Paris, pelo czar Alexandre II, em setembro de 1863. Diante deste frustrante cenário, os Brancos aproximaram-se dos Vermelhos e passaram a agir na clandestinidade e a arquitetar uma revanche com luta armada (ZAMOYSKI, 2009, p. 242-243).

Diante da exaltação dos ânimos e da crescente iminência de uma revolta, Wielopolski tentava encontrar maneiras de efetivar sua incumbência, ou seja, monitorar e conter as aspirações e interesses políticos poloneses e, assim, evitar o estouro de uma revolta. Porém, ironicamente, o estopim da Revolta de Janeiro de 1863 foi o seu próprio desejo de evitar, a todo custo, uma revolta. Wielopolski, em uma clara investida de impedir o estouro de uma revolta, antecipou a seletiva anual de alistamento militar para servir por 20 anos ao Exército Russo para meados de janeiro do ano em questão. A estratégia de recrutamento de Wielopolski consistiu em descartar camponeses assentados e donos de terras das listas e se concentrar em jovens residentes em cidades e que tiveram acesso à educação, com isso pretendia apanhar a grande maioria dos que tramavam contra a soberania russa, ao mesmo tempo em que os conspiradores que tentassem fugir da obrigatoriedade do recrutamento viriam à tona. Porém, quando da proximidade do recrutamento, a maioria dos jovens visados pela estratégia de Wielopolski abandonaram suas casas e o Comitê Central Nacional anunciou o motim em 22 de janeiro de 1863. (ZAMOYSKI, 2009, p. 242-244).

Mesmo fadada ao fracasso, esta foi a mais longa rebelião ocorrida na Polônia pós-partilha, tendo durado de 22 de janeiro de 1863 a 18 de junho de 1864 (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p. 125-127). A opinião da maioria dos países e cidadãos europeus era a favor da causa polonesa, homens de países como Alemanha, França, Inglaterra, Irlanda e, principalmente, da Itália se juntaram nas batalhas ao lado dos poloneses. Ironicamente, o maior número de combatentes não- poloneses era russo. Áustria, França e Grã- Bretanha saíram na defesa dos direitos poloneses de maneira amena, sem envio de tropas, apenas com a emissão de notas de protesto ao governo russo por violação do Congresso de Viena assinado em 1815 (ZAMOYSKI, 2009, p. 244-246) (ZAMOYSKI, 2009, p. 244-246).

O czar Alexandre II, diante dos altos e baixos que vinha sofrendo, mesmo contra o sempre inferior número de rebeldes combatentes, decretou, em 2 de março de 1864, o fim da servidão com a total posse de terra por parte dos camponeses, medida que enfraqueceu a rebelião. Além desta medida, Alexandre II decretou a mudança de nome do Reino da Polônia, ou Congresso da Polônia, para País Vistular, dando início a outro período de repressão massiva e russificação com banimento da língua polonesa em âmbito educativo e oficial e revogação de direitos de qualquer instituição polonesa existente. (ZAMOYSKI, 2009, p. 244-246).

Na segunda metade do século XIX, o Reich alemão já se delineava com pretensões de dominar o mundo. Para concretizar esse plano, historiadores alemães criaram conceitos como pangermanismo, missão histórica e superioridade racial. Em 1872, ano do centenário da primeira partilha da Polônia, Otto von Bismarck, ainda em seu primeiro ano de mandato como o primeiro chanceler alemão, motivou uma campanha para exterminar a nacionalidade polonesa, tal como a campanha do czar russo, Alexandre II, em seus domínios. Assim, na parte da Polônia dominada pela Prússia, inaugurou-se, também, uma violenta política antipolonesa. (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p. 135).

A política antipolonesa nos domínios alemães iniciou um processo de germanização da Polônia, assim como a política antipolonesa russa havia dado início a um processo de russificação da Polônia. As estratégias e níveis de desenvolvimento eram muito semelhantes, tal como os russos, os alemães tiveram como alvos as escolas primárias, secundárias e o ensino superior. Sob o jugo da *Kulturkampf* de Bismarck, nomes poloneses de cidades, distritos, regiões e ruas foram germanizados, bem como os nomes e sobrenomes de cidadãos em documentos oficiais. Outras medidas incluíram a deportação, a partir de 1872, da Polônia ocupada pela Prússia, de todos os poloneses que não fossem cidadãos alemães. Cânticos, livros escolares, preces e sermões em polonês foram proibidos em 1874, pois, a iniciativa prezava pelo fortalecimento e soberania das influências alemãs, o objetivo era a total germanização. A partir de 1876, o alemão tornou-se a língua exclusiva dos poderes administrativo e judiciário e em 1877 o ensino e estudo do polonês como segundo idioma foi banido de todo o sistema educacional (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p. 135-136) (ZAMOYSKI, 2009, p. 260-262).

Tanto do lado dominado pela Alemanha quanto pelo lado dominado pela Rússia, a cultura e o idioma polonês sobreviveram devido ao crescimento e propagação de aulas ministradas na clandestinidade, atividade desempenhada muitas vezes por membros da Igreja Católica, párocos, em especial (KAMIŃSKI, 2016, p. 54) (ZAMOYSKI, 2009, p. 262). A população camponesa sempre tendeu a se reconhecer, em primeiro lugar, no idioma e na religião, independente da região ou sob qual domínio estivessem. Esse forte laço com a fé católica não era apenas fruto de adoração religiosa, pois os párocos, ao longo do século XIX, foram mais do que apenas párocos, muitos deles desempenharam o papel de apoiadores e orientadores dos camponeses no embate contra as desigualdades e perseguições orquestradas pelos opressores. Além disso, sempre se demonstraram sensíveis e contrários às interferências dos opressores no que dizia respeito à educação e, ainda mais, quando esses mandos e desmandos recaíam sobre sua língua materna (ZAMOYSKI, 2009, p. 264).

Aulas furtivamente organizadas para o ensino de ensino religioso, história e, é claro, língua polonesa se espalharam, mais uma vez, na mesma velocidade em que o contrabando e tráfico de livros e a organização de prensas clandestinas para a impressão desses e outros materiais passaram a integrar a rotina da comunidade polonesa. Não fossem os intensos e sucessivos abatimentos aos quais os poloneses foram submetidos, no século XIX, suas vidas seriam facilmente comparáveis às vidas de outros contemporâneos continentais como, por exemplo, os franceses e os ingleses. A sociedade polonesa, às voltas com os embates entre forças dominantes e dominadas, esteve constantemente submetida a um desgaste físico-psicológico sem igual no continente. Porém, graças a perseverança, resistência e rebeldia consideráveis, mesmo com inúmeras insurreições derrotadas, os poloneses sempre rejeitaram a possibilidade de resignação com menos do que desejavam. Eles podiam, a cada derrota sofrida, recuar e demonstrar uma aparente aceitação do que estavam a lhes impor, mas logo que possível voltavam a se empenhar em retomar o comando das rédeas de seu futuro (ZAMOYSKI, 2009, p. 275).

A situação dos poloneses sob domínio austríaco, se comparada às partes sob domínio alemão ou russo, era mais amena. Na Áustria, majoritariamente católica, a fé polonesa podia ser professada livremente, enquanto os alemães e russos lutavam, cada lado ao seu modo, para subjuga-la em detrimento à expansão tanto do protestantismo quanto da ortodoxia. Porém, o cenário começou a mudar a partir das derrotas austríacas na Itália, em 1859, já que a soberania da coroa austríaca fora enfraquecida. Diante desse contexto, os poloneses aproveitaram para fortalecer suas exigências e realizar transformações, assim conseguiram que a coroa austríaca lhes garantisse autonomia e um vice-rei polonês como representante do imperador, entre outras conquistas como o reconhecimento da língua polonesa como idioma oficial da região. Devido ao fato da maioria dos intelectuais serem conservadores e estarem aliados aos latifundiários, também conservadores, o patriotismo dessas duas esferas focou-se no desenvolvimento da cultura e educação polonesas, já que qualquer iniciativa de tendência radical era, por eles próprios, abafada. (KAMIŃSKI, 2016, p. 54) (ZAMOYSKI, 2009, p. 267).

No Reino da Polônia, setores da economia como, por exemplo, indústria, metalurgia, transporte e tecelagem desenvolveram-se de maneira intensa, a partir do ano de 1821. O desenvolvimento econômico atraiu uma imensa leva de empresários estrangeiros vindos, por exemplo, da Bélgica, França, Inglaterra e Itália. A grande e rápida expansão econômica trouxe consigo tanto enriquecimento quanto empobrecimento devido à agiotagem e surgimento de negócios de alto risco (ZAMOYSKI, 2009, p. 269).

A agricultura, o grande alicerce econômico da nobreza formada, em sua maioria, por latifundiários, não acompanhou o desenvolvimento atingido em setores como indústria, metalurgia, transporte e tecelagem. Por ser uma atividade com grande potencial de mobilização de massas, a agricultura era, frequentemente, alvo de estratégias políticas. Quando da emancipação da servidão, em 1864, por exemplo, o decreto do czar Alexandre II era repleto de frases que pretendiam causar a impressão de que era o czar que os estava libertando dos latifundiários e da nobreza e causar atrito entre as classes com vistas de enfraquecer o lado mais abastado, visto pelo Império Russo como o agrupamento mais patriota da sociedade polonesa (ZAMOYSKI, 2009, p. 271-272).

Dentre os cinco tópicos abordados pelo decreto de emancipação dos camponeses, um deles dizia respeito à criação de agremiações de camponeses, porém sob administração do Império Russo, com o claro objetivo de acabar com a atuação e influência dos latifundiários nos assuntos das aldeias. Porém, logo os efeitos da abolição da servidão começaram a ser sentidos, exceto pelos donos de grandes propriedades. A terra recebida pelos camponeses sem-terra era insuficiente para que esses sobrevivessem. Eles, tal como os que se tornaram donos de pequenas propriedades, viram-se obrigados a vender suas posses e se deslocar para as cidades. Os latifundiários foram compensados em títulos, ao invés de dinheiro, que despencaram em valor. A população, nos domínios russos, dobrou de tamanho na segunda metade do século XX, fato que fez inflamar ainda mais o desejo e necessidade de posse de terra. Nos vinte e cinco anos que se seguiram à abolição da servidão, a posse de terra por parte de camponeses aumentou por volta de 10%. Entretanto, durante o mesmo intervalo de tempo, o número de camponeses sem terra cresceu 400% (ZAMOYSKI, 2009, p. 272).

Próximo do fim do século XIX, houve um grande movimento migratório, de caráter econômico, de camponeses para a Europa Ocidental e, principalmente, para as Américas do Norte e do Sul. Várias foram as causas para o movimento migratório, mas não há dúvidas de que a penosa condição dos trabalhadores, em especial, artesãos e camponeses, a escassez de terra e as políticas persecutórias, tanto por parte dos alemães quanto dos russos, bem como o desejo de melhores condições de vida foram cruciais. O governo brasileiro, a partir de 1870, passou a disponibilizar créditos aos imigrantes que se assentassem no campo e, assim, surgiram as primeiras colônias de imigrantes poloneses no Paraná. No estado, metade da terra cultivável tornou-se posse dos camponeses poloneses que se dedicaram ao cultivo de erva-mate. (ARNOLD; ZYCHOWSKI, 1962, p. 144-146).

O polonês imigrante foi motivado pelos benefícios da política governamental brasileira, seus olhos viram a saída para seus problemas na possibilidade da posse de terra. O governo brasileiro, porém, viu na imigração a possibilidade de formação de colônias que estimulassem o desenvolvimento econômico e, por isso, prometia fartura de terras, alimento e moradia. No entanto, ao chegar, o polonês imigrante se depara com um Brasil passando por mudanças sociais ocasionadas, por exemplo, pela abolição da escravatura, instalação ad República e ampliação das posições sociais medianas e fixadas nas áreas urbanas (DILL, 2003, p. 21- 22).

A imigração para o Rio Grande do Sul, iniciada na época de mudança do Império para a República, compreendida economicamente do ponto de vista daquele que acolhe o imigrante, enquadra-se como um artifício para o fortalecimento da instância produtiva. Além disto, a abertura à imigração foi apoiada pelo Governo Federal como maneira de impulsionar o contingente populacional brasileiro, colonizar as terras vagas do Sul e suprir com labor remunerado a carência de mão- de-obra escrava (DILL, 2003, p.22-23).

No Reino da Polônia, o início da febre emigratória dos anos 1890-1892 pode ser rastreado a partir da recessão agrária, começada em 1884, pela compra de cereais americanos. A entrada dos cereais importados no mercado fez despencar o preço do trigo e encolher as exportações para Inglaterra, bem como aumentar os obstáculos na venda de mercadorias agrícolas na Alemanha (MAZUREK, 2016, p. 39).

Uma das consequências da abolição da servidão e da respectiva partilha de terras no Reino da Polônia foi o crescimento do número de sem-terra, pois apenas uma parte dos camponeses recebeu acesso às terras. Os camponeses sem-terra, em busca de solução, deslocaram-se para aldeias e cidades como trabalhadores assalariados. Assim, as aldeias e cidades sofreram um grande crescimento populacional, já que os camponeses, agora como trabalhadores assalariados, buscavam em lugares maiores a possibilidade de trabalhar, mesmo que isso significasse ter emprego apenas eventualmente e estar sujeito a maus tratos (MAZUREK, 2016, p.39-40).

No período compreendido entre 1871 e 1913, veio, para os países da América Latina, em especial Argentina e Brasil, a soma de 133 mil poloneses, camponeses em sua quase totalidade. O Brasil passava uma boa imagem para os estrangeiros, pois não havia sofrido batalhas internas, havia, em 1822, conquistado a independência quase sem violência e sua população era pequena. Além disso, na segunda metade do século XIX, o cenário econômico internacional era muito favorável para o cultivo de café, porém como a escravidão havia sido extinta, havia carência de mão de obra de trabalhadores assalariados e colonos. Assim, o governo brasileiro assinou contrato com três empresas privadas para que estas trouxessem 750 mil pessoas da Europa (MAZUREK, 2016, p. 43).

No que diz respeito às facilidades e dificuldades de emigrar, a situação era mais fácil para os poloneses residentes nos domínios austro-húngaro e prussiano. Em ambas as zonas, o cumprimento do serviço militar era um pré-requisito para poder emigrar e não existiam grandes dificuldades ou impeditivos para que pudessem partir. Já no domínio russo, os poloneses que queria emigrar se deparavam com grandes dificuldades e exigências por parte do Império Russo, como a obtenção de autorização fornecida por superiores designados para tal e possuir passaporte, que não era exigido nos domínios austro-húngaro e prussiano. A dificuldade e os custos para obtenção das exigências eram tão grandes que emigrar legalmente era quase impossível, o que fez com que muitos camponeses poloneses decidissem correr riscos como a venda de todos os seus bens ou contar com a "flexibilização" dos entraves devido à corrupção que se alastrava no Império Russo (MAZUREK, 2016, p.47-49).

Enquanto Schilling (p.24) afirma que "os poloneses sentiram nas suas costas os flagelos de todos os tipos de chicote sem que isso afetasse do horizonte deles a esperança de se verem algum dia verdadeiramente livres", Miodunka (2001, p.9) ressalta que "em fins do século XIX e começo do século XX, encontravam-se no Brasil milhares de emigrantes poloneses, conduzidos até aqui pela esperança". Esperança de um destino melhor nesta nova "terra prometida", terra que no imaginário do imigrante, segundo o autor (MIODUNKA, 2001, p.9), era uma "terra donde jorram o leite e o mel". Então, a partir deste contexto, deduzo, inicialmente, que a imigração de meus tataravôs maternos foi decorrente da migração de caráter econômico, afinal, segundo a lista de passageiros do vapor que os trouxe para o Brasil, estes eram agricultores, ou seja, camponeses.

Andrzej Dembicz (2007, p. 135), ao buscar responder questionamentos autoimpostos em torno de quem eram os imigrantes poloneses e de onde estes haviam se originado, responde que "a grande maioria dos imigrantes tinha descendência rural e chegavam ao Brasil das terras situadas na Polônia do sul e do leste". Quanto à vinda de meus antepassados como russos, ou melhor, de uma região da Polônia dominada pela Rússia, Dembicz (2007, p.136) sustenta que na Rússia, apesar de uma política antiemigracional extremista, ocorria a emigração de aldeias em sua totalidade, esta, facilitada pela corrupção generalizada. O autor (DEMBICZ, 2007, p. 137), também determina que o período compreendido entre 1870 e 1914 constituiu "a primeira fase da imigração maciça, de caráter econômico, principalmente rural".

Os apontamentos de Maria Catarina da Maia da Silva e Carmen Helena Braz Mirco (1987, p.18), confirmam que a vida de meus antepassados para Rio Grande/RS coincidiu com o início da imigração polonesa na cidade, no ano de 1890, quando

[...] começaram a desembarcar no porto do Rio Gande os primeiros imigrantes poloneses vindos diretamente da Europa. Como a maior parte eram lavradores, foram encaminhados para as colônias. Aqueles que manifestaram o desejo de permanecer na cidade ficaram exercendo as suas profissões de origem, tais como: carpinteiros, ferreiros, pedreiros ou mecânicos.

Silva e Mirco afirmam (1987, p. 18), também, em concordância com parte das observações de Arnold e Zychowski (1962, p. 144-146), que

Devido às perseguições aos poloneses no século XIX na Europa, novas ondas de imigrantes vieram para o Brasil, e aportaram na cidade do Rio Grande em busca de melhores condições de vida. Devido aos seus conhecimentos artesanais foram aproveitados em indústrias têxteis onde demonstraram sua dedicação ao trabalho e a alta capacidade técnica. Os mecânicos encontraram colocações nas oficinas portuárias, ferroviárias e na Usina Elétrica. Em pouco tempo estes imigrantes estavam participando da vida econômica desta cidade que os acolheu.

Portanto, pode-se vislumbrar as condições iniciais enfrentadas por meus familiares e por seus demais conterrâneos que aportaram em minha cidade natal. Miodunka (2001, p. 9), após enfatizar o caráter esperançoso e otimista da imigração, expõe que, passado o entusiasmo inicial,

Os emigrantes precisaram “domesticar” uma nova realidade, o clima tropical, a natureza, as pessoas, sua língua e cultura. A diferença do clima, da natureza, das pessoas tornou essa domesticação um processo longo e doloroso. Que levou porém a ligações diretas com os outros habitantes do Brasil: índios, negros e descendentes de imigrantes europeus.

Na cidade de Rio Grande, minha cidade natal e cidade onde meus trisavôs fixaram residência, encontra-se em atividade, até o presente momento, a Sociedade Cultural Águia Branca fundada em cinco de julho de 1896, a qual nasceu com propósitos beneficentes e recreativos e chamava-se, inicialmente, Sociedade Polonesa Águia Branca (Towarzystwo Polskie Białego Orła). Grzesczak (2009, p. 10), sobre as sociedades nas colônias do interior, acrescenta que

[...] devido à situação de isolamento, o papel das sociedades foi fundamental para a comunidade polonesa, congregando os elementos étnicos em torno de atividades sociais, recreativas, educacionais e outras de fundamental importância para a manutenção da identidade e para o desenvolvimento da comunidade.

Grzesczak (2009 p. 9) aponta a segunda vinda de Stanislaw Klobukowski ao Brasil, de 1895 a 1898, como desencadeadora do que o autor chama de "grande impulso associativo". Pois, nos três anos de duração de sua expedição, percorreu quase que completamente todos os centros poloneses firmados na Argentina, região Sul do Brasil e Uruguai. Além de percorrê-los, Klobukowski amparava-os diante de adversidades e os instigava a fundar agremiações e sociedades. Silva e Mirco (1987, p.18) atestam

que, os imigrantes poloneses em Rio Grande, para além [...] de seu desejo de se manterem em terra estranha, procuraram com seus poucos recursos fundar dois ou três anos após, uma escola para seus filhos - o seu nível cultural e o espírito associativo podiam ser considerados até bastante elevados para a época.



Vista Aérea da localização da Sociedade Cultural
Águia Branca em Rio Grande/RS.



Vistas da Sociedade Cultural Águia Branca - Rua
Marechal Deodoro, 613.

À sociedade fundada, somou-se, então, a escola, também chamada Águia Branca, um periódico chamado Avante (Naprzód), o primeiro jornal em língua polonesa editado no Estado, um agrupamento de escoteiros e uma associação esportivo-educativa, Junak, fundados, respectivamente, em 1905, 1923 e 1924 (SILVA;

MIRCO, 1987, p. 18). Grzesczak (2009, p. 11)

salienta que mesmo que o vocábulo sociedade esteja associado ou refira-se à noção de entretenimento, lazer ou passatempo, sobretudo nos anos iniciais da imigração polonesa, essa definição não era aplicável ou condizente com a realidade. Isto, pois as sociedades caracterizavam-se por serem dotadas de um cunho educativo, por desenvolverem atividades intelectuais e culturais como a manutenção de escolas e bibliotecas, para as quais o Estado não provia recursos.

O endereço habitado por meus avós maternos, Mathilde Ceglinski Cardoso e Jorge Cardoso, também integra o entorno Sociedade, pois residiram à Rua Moron, número 520, casa onde minha mãe e suas irmãs, minhas tias, nasceram e cresceram até a idade adulta. Surpreendentemente, durante a realização desta pesquisa genealógico-histórica, deparei-me com o nome de meu trisavô materno - uma vez completamente aportuguesado, Benedito Ceglinski, e outra, parte aportuguesado, parte polonês, Benedito Cegliński - entre os nomes dos fundadores e primeiros sócios da atual Sociedade Cultural Água Branca.

Seu nome figura, respectivamente, nos seguintes textos de Grzesczak (2009, p. 10) e Silva e Mirco (1987, p. 19)

Seguindo viagem em direção ao Rio da Prata, a comitiva de Klobukowski passou por Rio Grande, onde organizou uma das poucas sociedades que ainda se mantém vivas hoje. Denominada atualmente de Sociedade Cultural Água Branca, foi fundada em 05/07/1896 sob o nome de Towarzystwo Orzel Bialy (Sociedade Água Branca) pelos imigrantes poloneses Adolpho Czempik, José Paulinski, Stanislaw Leszczynski, Carlos Ruzycki, Leonardo Grabowiecki, Ignácio Swiatkiewicz, Francisco Buckowski, Francisco Krezeminski, Antonio Wlodarski e Benedito Ceglinski, cujo objetivo era prestar apoio material, religioso, escolar, cultural e recreativo aos poloneses que chegavam na região. (Informações obtidas em <http://www.sociedadeaguia branca.com.br/index_arquivos/Page351.htm>)

A Sociedade Águia Branca foi fundada na cidade do Rio Grande, RS, no dia 5 de julho de 1896. Tendo como primeiros sócios e fundadores os Senhores: Dr. Stanislau Kłobukowski, Adolfo Crempik, José Pawliński, Stanislau Leszczyński, Carlos Rózycki, Leonardo Grabowiecki, Ignácio Światkiewicz, Francisco Bukoswki, Francisco Krzemiński, Antonio Wtodarski e Benedito Cegliński.



Vista Aérea da localização da primeira residência de meus avós maternos, minha mãe e minhas tias - Rua Moron, 520.

Quanto a esta sociedade específica, Silva e Mirco (1987, p. 19) relatam que

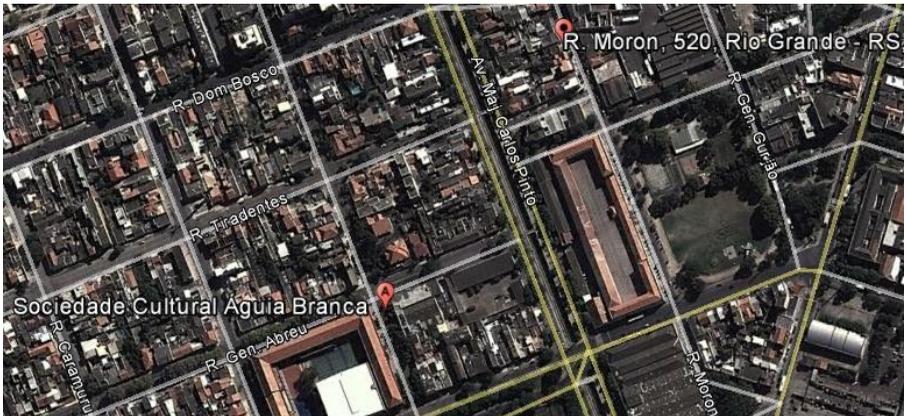
O seu primeiro nome foi "Sociedade Polonesa Águia Branca", passando em 1938 por determinação do governo brasileiro, Estado Novo de Getúlio Vargas, a chamar-se "Sociedade Águia Branca". Antes desta determinação do governo, só eram aceitos como sócios, poloneses e seus descendentes, isto por mais de quarenta anos, sendo que esta sociedade manteve sempre suas tradições polonesas, neste período, com teatros jovens e adultos, colégios, reuniões sociais, tudo dentro do sistema e língua polonesa. [...] Em 1965, A Sociedade novamente trocou de nome passando a chamar-se Sociedade Cultural Águia Branca, nome que permanece até os dias atuais.

Grzesczak (2009, p. 11-12) conclui que é inegável a notoriedade das sociedades ao servirem como exemplos de constituição social focado na colaboração e arranjo comunitário em busca da resolução de questões cotidianas em solo pouco explorado, assim como constituintes de uma atmosfera propícia à sensação de pertencimento social semelhante aos padrões poloneses. Assim como, também é inegável a dedicação das lideranças nas sociedades, as quais propeliram os demais membros da comunidade a darem continuidade à iniciativa destes. A Sociedade Cultural Águia Branca completou, em 2012, 116 anos e seu aniversário, juntamente com um breve histórico no qual, mais uma vez consta o nome abrigado de meu tataravô materno, foi noticiado no periódico matutino (JORNAL AGORA, 2012) com o seguinte texto:

A formação do núcleo polonês na cidade do Rio Grande, data de 1890. Desde quando a etnia polonesa (imigrantes) estabeleceu-se em Rio Grande, procurou se agrupar e fundar uma sociedade. Isto aconteceu no dia 5 de julho de 1896, conforme ata que se

encontra junto à biblioteca da sociedade. Neste ano (1896) percorria o Estado do Rio Grande do Sul, o dr. Stanislaw Klobukoski, na qualidade de enviado especial da "Sociedade de Proteção Mundial dos Imigrantes" (Polônia). Quando de sua chegada a Rio Grande a 19 de maio de 1896, liderou um grupo de patrícios e fundou então a 5 de julho do mesmo ano a Sociedade Água Branca (Towarzystwo Orzel Bialy), indo depois para Pelotas. [...]. Outros nomes constam nos registros da época da fundação: Benedito Ceglinski, Antonio Wlocarski, Stanislaw Leszczynski, Josef Pawlinski, Francisco Budkowski, Leonardo Grabowiecki, Adolpho Czempick, Francisco Krezeminski, Carlos Ruzycki e Ignácio Swiathiewicz. O nome primitivo de fundação era Sociedade Polonesa Água Branca. A 29/10/1938 teve seu nome alterado para Sociedade Água Branca, e a 22/06/1965, passou a denominar-se Sociedade Cultural Água Branca. A princípio o quadro social era restrito para poloneses e seus descendentes. Com a formulação de seu

novo estatuto (1965) passou a ter sócios, não levando mais em conta as origens étnicas. Os objetivos da Sociedade foram e são socioculturais, dando ênfase à divulgação e conhecimento da cultura polônica-brasileira, no que se refere ao idioma, arte, esporte e recreação, tradição etc. [...].



Vista Aérea da proximidade da Sociedade Cultural
Águia Branca e Rua Moron, 520.



Vista Aérea da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora e da Sociedade Cultural Água Branca.

Por ventura ou não, próxima à Sociedade Cultural Água Branca há a Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, onde, por ter residido há dois quarteirões e meio de distância da mesma, na Rua Visconde do Rio Grande, foi realizada minha Primeira Comunhão/Eucaristia. Silva e Mirco (1987, p. 19) afirmam que "junto o Colégio Liceu Salesiano Leão XIII, os padres poloneses fundaram a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora".



Igreja-Matriz da Paróquia Nossa Senhora
Auxiliadora.



Vista Aérea da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Rua Moron, 520, e Sociedade Cultural Águia Branca.

Em Janeiro de 2015, do dia 10 ao dia 15, voltei à minha cidade natal, Rio Grande/RS, após um pouco mais de sete anos sem visitá-la. Esse intervalo de sete anos aconteceu após uma visita, em 2007, que acarretou muitos sentimentos ambíguos e que me fez tomar a decisão de ficar distante. Foi, então, no final de 2014, que decidi que era hora de voltar a Rio Grande para revisitar certos lugares não só para reavivar memórias, mas para ressignificá-las. Um dos lugares que queria visitar era a Sociedade Cultural Águia Branca, da qual meu trisavô materno, Benedito Ceglinski, ou, em polonês, Benedyk Cegliński, foi um dos fundadores.

Lá, fui recebido por uma amiga de longa data de minha mãe, Analia Lugin Moraes e uma amiga sua, Alice Fernandes Magroski, ambas têm envolvimento direto na Sociedade Cultural Águia Branca e tomam parte nas atividades realizadas pela mesma. Analia e Alice me conduziram por uma visita aos espaços da sociedade: salão de festas, sala de reuniões, presidência, biblioteca, sala de aula, pátio, galeria dos presidentes, entre outras dependências. Com essa visita, pude encontrar uma placa homenageando os fundadores da sociedade e, portanto, contendo o nome do meu trisavô, quando da comemoração de seu centenário em 1996.





3233.1790
(53) 3233.1776
3233.1783

ATENÇÃO DECORADORES!!!
APÓS O TÉRMINO DO EVENTO, TODA A DECORAÇÃO DEVERÁ SER RETIRADA E A SOCIEDADE NÃO SE RESPONSABILIZA PELO MATERIAL DEIXADO NO LOCAL.

HORÁRIO DE EXPEDIENTE PARA DECORADORES: NA VESPERA OU NO DIA DO EVENTO DAS 08H30 ÀS 12H E DAS 14H ÀS 17H30.

ATENÇÃO DECORADORES!!!
NÃO UTILIZAR PREGOS NAS PAREDES, CASO CONTRÁRIO SERÁ COBRADO UMA TAXA (MULTA).

Atenção
Atenção para a utilização do espaço físico da Diretoria, para a realização de eventos, reuniões, cursos, etc. É necessário solicitar a utilização do espaço com antecedência, através do e-mail: administracao@abibh.org.br ou pelo telefone: (53) 3233.1776.

AVISO PARA DIRETORIA

AVISO:
A PRÓXIMA REUNIÃO DO CONSELHO DELIBERATIVO SERÁ NO DIA 04 DE DEZEMBRO.

A PARTIR DO DIA 02/11/2013, APÓS O HORÁRIO DE TRABALHO PREVISTO 13:00 HORAS SERÁ COBRADO UM AUMENTO DE R\$ 200,00 POR HORA EXCESSIVA A TÍTULO DE LOCAÇÃO E MANUTENÇÃO POR HORA PARA CADA ORIENTADOR CONTRATADO.

HORÁRIO DE REUNIÕES DA DIRETORIA ÀS 19H (TERÇAS E QUINTAS)
Caso os diretores não compareçam até às 17:15, a reunião será cancelada.

ATENÇÃO FUNCIONÁRIOS!!!
ATESTADO MÉDICO PARA ABONO DE FALTAS OU SERÁO ACETOS EM ATÉ 48HS DEPOIS DE OCORRIDA A FALTA.

A DIREÇÃO:

HORÁRIO DE TÉRMINO DOS EVENTOS ÀS 03:00 HORAS.

ASSOCIAÇÃO ABIBH

EVENTOS NO MÊS DE JANEIRO
01/01 - ANIVERSÁRIO DE FUNDADAÇÃO
02/01 - DIA DE SÃO CARLOS
03/01 - DIA DE SÃO CARLOS
04/01 - DIA DE SÃO CARLOS
05/01 - DIA DE SÃO CARLOS
06/01 - DIA DE SÃO CARLOS
07/01 - DIA DE SÃO CARLOS
08/01 - DIA DE SÃO CARLOS
09/01 - DIA DE SÃO CARLOS
10/01 - DIA DE SÃO CARLOS
11/01 - DIA DE SÃO CARLOS
12/01 - DIA DE SÃO CARLOS

01/01 - ANIVERSÁRIO DE FUNDADAÇÃO
02/01 - DIA DE SÃO CARLOS
03/01 - DIA DE SÃO CARLOS
04/01 - DIA DE SÃO CARLOS
05/01 - DIA DE SÃO CARLOS
06/01 - DIA DE SÃO CARLOS
07/01 - DIA DE SÃO CARLOS
08/01 - DIA DE SÃO CARLOS
09/01 - DIA DE SÃO CARLOS
10/01 - DIA DE SÃO CARLOS
11/01 - DIA DE SÃO CARLOS
12/01 - DIA DE SÃO CARLOS

AULAS DE MULHERES TERÇAS AS QUINTAS FÉRIAS EM DOS HORÁRIOS:
Das 14h às 15h30.
e
Das 15h30 às 17h.

LANE
3233.9811

ENTREGA
3232.1790

CALENDÁRIO

SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	SUN
	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

COMUNICAÇÃO DE FALTA
O(a) Sr(a) **XXXXXXXXXX**, do(a) cargo de **XXXXXXXXXX**, da Associação ABIBH, comunicou a falta por motivo de **XXXXXXXXXX**, no dia **XXXX/XX/2013**, das **XX** horas às **XX** horas.

É PROIBIDA A VENDA DE CIGARROS E AO ADOLESCÊNCIA DE BOMBA RECIPIENTE



DENUNCIE:
LIGUE 190/197





HOMENAGEM DA SCAB

NO SEU CENTENÁRIO
AOS SEUS FUNDADORES

DR STANISLAW KLOBUKOWSKI
ADOLPHO CZEMPIK
JOSÉ PAULINSKI
STANISLAW LESZCZYNSKI
CARLOS RUZYCKI
LEONARDO GRABOWIECKI
IGNACIO SWIATKIEWSKI
FRANCISCO BUCKOWSKI
FRANCISCO KRZEMINSKI
ANTONIO WŁODARRSKI
BENEDITO CEGLIŃSKI

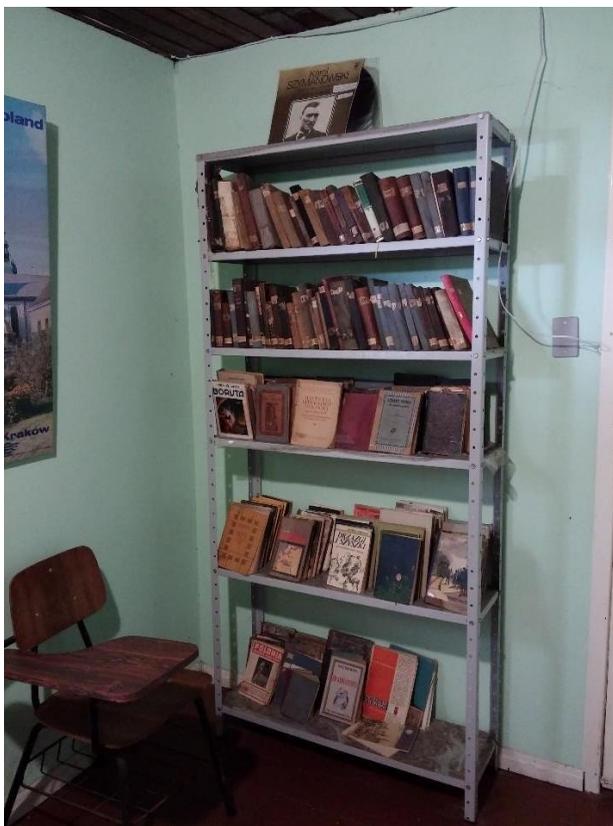


GESTÃO REYNATO MACHADO
ANTONIO ROLAN
05.11.1996

IGNACIO SWIATKIEWSKI
FRANCISCO BUCKOWSKI
FRANCISCO KREZEMINSKI
ANTONIO WLODARRSKI
BENEDITO CEGLINSKI
GESTAO RENATO MACHROO
ANTONIO ROLHA
DS 07 1996











Aproveitei, também, esta ida a Rio Grande para buscar documentos de antepassados e, assim, depois de visitar cartórios e cemitérios, obtive a certidão de nascimento e de óbito de meu bisavô materno, Francisco Ceglinski, pois não possuía estes documentos nem as informações relativas à sua data de nascimento e óbito. As certidões obtidas vieram a confirmar as informações conseguidas no Arquivo Nacional e no SIAN, pois, apesar dos erros de registro, ambos os documentos confirmam seus pais como Benedito e Felícia Ceglinski.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
CERTIDÃO DE NASCIMENTO

NOME:
FRANCISCO

MATRÍCULA:

100206 01 55 1897 1 00016 023 0000667 29

DATA DE NASCIMENTO POR EXTENSO DIA MÊS ANO
Quinze de setembro de um mil e oitocentos e noventa e sete 15 09 1897

HORA MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO
13h00min Rio Grande - RS

MUNICÍPIO DE REGISTRO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO LOCAL DE NASCIMENTO SEXO
Rio Grande - RS X.X.X.X.X.X.X. Masculino

FILIAÇÃO
Benedicto Creglinski.
Felicia Creglinski.

AVÓS
José Creglinski e Rozalia Creglinski; Francisco Winczkoski e Bertha Winczkoski

GÊMEO NOME E MATRÍCULA DO(S) GÊMEO(S)
Não X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.X.

DATA DO REGISTRO POR EXTENSO NÚMERO DA DECLARAÇÃO DE NASCIDO VIVO
Dezesseis de setembro de um mil e oitocentos e noventa e sete X.X.X.X.X.X.X.X.

OBSERVAÇÕES AVERBAÇÕES
ANOTAÇÃO: O registrado FALECEU no dia 11/04/1968, em Rio Grande-RS, óbito nº 33076 desta 2ª zona. Dou fé. Rio Grande, 12/01/2014. Eu Ricardo Fernandes Rezende, oficial escrevente autorizado do Reg. Civil o escrevi.

Registro Civil das Pessoas Naturais 2ª Zona
Titular do Ofício: Alessandro Borghetti
Comarca: Rio Grande
Rio Grande - RS
Rua Luiz Lora, 585 - Bairro Centro
Fone: 53 3231-9268, 32357184 e 32323959

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Rio Grande, 12 de janeiro de 2015.

Ricardo Fernandes Rezende
Oficial Escrevente Autorizado

Selo Digital de Fiscalização Notarial e Registral (Lei Estadual n. 12.682/2006) 0487 00.1300004.23143

Certidão: R\$ 20,90 - Processamento eletrônico: R\$ 3,00 - Selos: R\$ 0,85 - Nota nº 60103

A validade dos selos digitais poderá ser consultada no site do Tribunal de Justiça: www.tjrs.jus.br

R. F. R.

CARTÓRIO BORGHETTI
Registro Civil das Pessoas Naturais - 2ª Zona
Registro de Títulos e Documentos
Registro Civil de Pessoas Jurídicas
Bel. Alessandro Borghetti
OFICIAL DE REGISTRO
Rua Luiz Lora, 585 - Centro - Rio Grande/RS
CEP 96200-350 - Tel/fax: 53 3231-9268/3235-7184



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE ÓBITO

NOME:

FRANCISCO CEGLINSKI

MATRÍCULA:

100206 01 55 1968 4 00045 009 0033076 95

SEXO COR ESTADO CIVIL E IDADE
 Masculino Branca Casado, com 70 anos de idade

NATURALIDADE DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO ELEITOR
 Rio Grande do Sul X.X.X.X.X.X.X.X. X.X.X.

FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA
 Filho de Benedito Ceglinski e Felicia Ceglinski e era residente na(o) nesta cidade, Rio Grande-RS.

DATA E HORA DE FALECIMENTO DIA MÊS ANO
 Onze de abril de um mil e novecentos e sessenta e oito, às seis horas 11 04 1968

LOCAL DE FALECIMENTO
 Hospital da Santa Casa

CAUSA DA MORTE
 Insuficiência cardíaca

SEPULTAMENTO/CREMAÇÃO (MUNICÍPIO E CEMITÉRIO, SE CONHECIDO) DECLARANTE
 Nesta cidade Jorge Cardoso

NOME E NÚMERO DE DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO
 Nello Germano

OBSERVAÇÕES AVERBAÇÕES
 Era casado com Ester Candida Ceglinski. Era comerciante. Não deixou bens. Deixou os filhos(as) Francisco Ceglinski Filho com 43 anos, Matilde Cardoso com 42 anos, Deloah Ceglinski Oliveira com 38 anos.

Registro Civil das Pessoas Naturais 2ª Zona
Titular do Ofício: Alessandro Borghetti
Comarca: Rio Grande
Rio Grande - RS
Rua Luis Loréa, 585 - Bairro Centro
Fone: 53 3231-9268, 32357164 e 32323959

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Rio Grande, 12 de janeiro de 2015.

Ricardo Fernandes Rezende
Oficial Escrevente Autorizado

Selo Digital de Fiscalização Notarial e Registral (Lei Estadual n.12.892/2006): 0487.00.1300004.23141
Certidão: R\$ 20,00 - Processamento eletrônico: R\$ 3,60 - Selos: R\$ 0,85 - Nota nº 60102
A validade dos selos digitais poderá ser consultada no site do Tribunal de Justiça: www.tjrs.jus.br
R. F. R.

CARTÓRIO BORGHETTI
Registro Civil das Pessoas Naturais - 2ª Zona
Registro de Títulos e Documentos
Registro Civil de Pessoas Jurídicas
Bel. Alessandro Borghetti
OFICIAL DE REGISTRO
Rua Luis Loréa, 585 - Centro - Rio Grande/RS
CEP 96200-980 - Telefone: 53 3231-9268/3215-7134

Quando do meu estágio doutoral, aprofundei a pesquisa histórico-contextual sobre o cenário em que meus trisavôs nasceram e sobre as condições que os motivou a deixar a Polônia pelo Brasil e que aqui está presente. Essa busca histórico-genealógica era essencial para que eu preenchesse e compreendesse, o máximo possível, quem eram essas pessoas que há anos exerciam um fascínio sobre mim e me faziam querer buscar mais e mais informações sobre eles. Simultaneamente, compreender o passado deles era uma forma de tentar compreender o contexto em que nasci, locais onde morei e espaços que frequentei. Estava buscando por eles, mas também por mim. Em paralelo a esse aprofundamento, tive auxílio do meu orientador da Universidade de Varsóvia, Prof. Dr. Hab. Jerzy Mazurek, para seguir pesquisando sobre meus antepassados. Com este auxílio, encontrei online, através do site Genealodzy.PL, o possível registro de casamento de Benedito e Felícia.

176

Рассуждение о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости. В рассуждении о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости. В рассуждении о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости.

В. А. Смирнов

177

Рассуждение о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости. В рассуждении о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости. В рассуждении о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости.

В. А. Смирнов

177

Рассуждение о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости. В рассуждении о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости. В рассуждении о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости.

В. А. Смирнов

metryki.genealogji.pl

178

Рассуждение о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости. В рассуждении о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости. В рассуждении о Религии, которое должно быть основано на разумности и справедливости.

В. А. Смирнов

1178
Нарраровъ.

Состоялся въ Векитсехъ дворянъ пѣтанъ, насъ писаныхъ Франциска
 въ вѣнѣ съимъ въ шестомъ году въ четири часа пополуночи.
 Оставились, что въ прирѣшени: Франциска Евдокия и Стефанъ Евсав
 окая, совершили ономъ пѣтанъ изъ Нарраровъ. Заключено,
 его пѣта радилогией Франциска Евдокия. Венедиктово Веллинскаго
 Венедиктомъ Сеглинкомъ ханствомъ погубившимъ двѣнадцати и три
 дѣвятинадцѣтъ въ Сторвѣзъ Вудрадъ, хитомъ ошквращающъ въ Нарраровъ, ош
 номъ Юзефа и покаянии Юзефа профудской Овраса и Римксонъ
 Венуковскаго / ошкъ Меклаовъ / гдѣнцѣтъ при радитамъ двѣтѣ
 дати оштъ, радивитомъ въ Сташвѣ, цѣбрии Радисковѣ, хитомъ ош
 козело, въ Нарраровъ, дошрѣтъ, Франциска Евдокия профудской
 Стрѣца. Стрѣца оштъ профудской три ошдѣнцѣтъ, публичковались въ
 дошрѣтъ радилогией Костомъ: двѣдѣтъ трѣтѣтъ, тридѣтатомъ насъ
 и шестомъ насъ / пѣ / сего году. Новобрачные объявили, что Франциска
 дошрѣтъ мѣсто ошдѣтъ на заключени. Пошрѣтъ, замочѣтъ оштъ и нешрѣтъ
 на вѣтѣтъ мѣтъ въ братъ, его ошдѣтъ, и съ радитамъ двѣтъ мѣ
 вѣсно. Религиозный ошдѣтъ Франциска Евдокия совершена Костомъ Ко
 стомъ ошдѣтъ, Меклаовъ, Викорѣтъ мѣтѣтъ, прихода ошдѣтъ
 сѣтъ при ошдѣтъ вѣтѣтъ, неграмотный, проитомъ, Намъ тѣтъ и
 пошрѣтъ сѣтъ

Ю. А. Кавалеръ

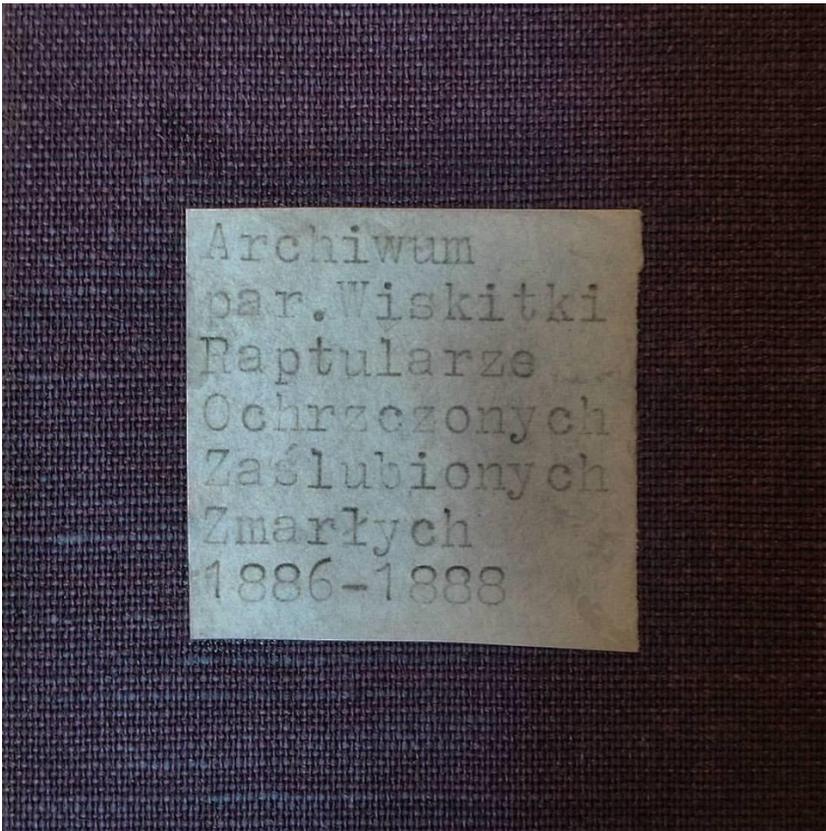
O registro online encontrado atesta que Benedykt Ceglinski Ceglinski, filho de Józef Ceglinski e Rozalia Okrasa, casou-se com Feliksa Więckowska, filha de Franciszek Więckowski e Elżbieta Gryc, na paróquia Wiskitki no ano de 1886. O documento encontra-se em russo, pois foi registrado em um local que, em 1886, se encontrava sob domínio do Império Russo. Assim, mais uma vez com o auxílio do Prof. Dr. Hab. Jerzy Mazurek, entramos em contato com a paróquia de Wiskitki, vilarejo localizado a 55km de Varsóvia. Depois de algumas tentativas conseguimos contato com o Padre Witold Marian Okrasa que aceitou nos receber para uma conversa e para mostrar o arquivo de registros da paróquia.

Quando da visita, o Padre Okrasa mostrou-se extremamente entusiasmado e feliz em poder ajudar um estrangeiro que estava buscando por suas origens. Conduziu-nos ao arquivo e abriu os armários, mostramos o documento encontrado online e ele, diferente do meu desconhecimento de russo e do conhecimento básico de meu orientador, soube ler o documento e sabia por qual livro procurar.





O livro de registros procurado, entretanto, era o único que se encontrava ausente do local onde deveria estar. Ou havia desaparecido ou estava guardado no lugar errado. Procuramos por um longo tempo e o encontramos entre livros de registros bem posteriores ao casamento de meus trisavôs.



208	Российской Империи и Российского Императорства	27
209	Великого Князя и Московского Митрополита	15
210	Великого Князя и Великого Князя	94
211	Великого Князя и Великого Князя	133
212	Великого Князя и Великого Князя	216
213	Великого Князя и Великого Князя	58
214	Великого Князя и Великого Князя	154
215	Великого Князя и Великого Князя	170
216	Великого Князя и Великого Князя	179
217	Великого Князя и Великого Князя	117
218	Великого Князя и Великого Князя	122
219	Великого Князя и Великого Князя	221
220	Великого Князя и Великого Князя	221
221	Великого Князя и Великого Князя	132
222	Великого Князя и Великого Князя	228
223	Великого Князя и Великого Князя	5
224	Великого Князя и Великого Князя	13
225	Великого Князя и Великого Князя	12
226	Великого Князя и Великого Князя	18

Month	Day	Event	Notes
Jan	1
Jan	2
Jan	3
Jan	4
Jan	5
Jan	6
Jan	7
Jan	8
Jan	9
Jan	10
Jan	11
Jan	12
Jan	13
Jan	14
Jan	15
Jan	16
Jan	17
Jan	18
Jan	19
Jan	20
Jan	21
Jan	22
Jan	23
Jan	24
Jan	25
Jan	26
Jan	27
Jan	28
Jan	29
Jan	30
Jan	31
Feb	1
Feb	2
Feb	3
Feb	4
Feb	5
Feb	6
Feb	7
Feb	8
Feb	9
Feb	10
Feb	11
Feb	12
Feb	13
Feb	14
Feb	15
Feb	16
Feb	17
Feb	18
Feb	19
Feb	20
Feb	21
Feb	22
Feb	23
Feb	24
Feb	25
Feb	26
Feb	27
Feb	28

ФЕВРАЛЬ
ПЯТНИЦА
8
LUTY
PIĄTEK
CZWARTEK

Archiwum
par. Wiskitki
ZASLUBIENI
1884-1888



Płkta

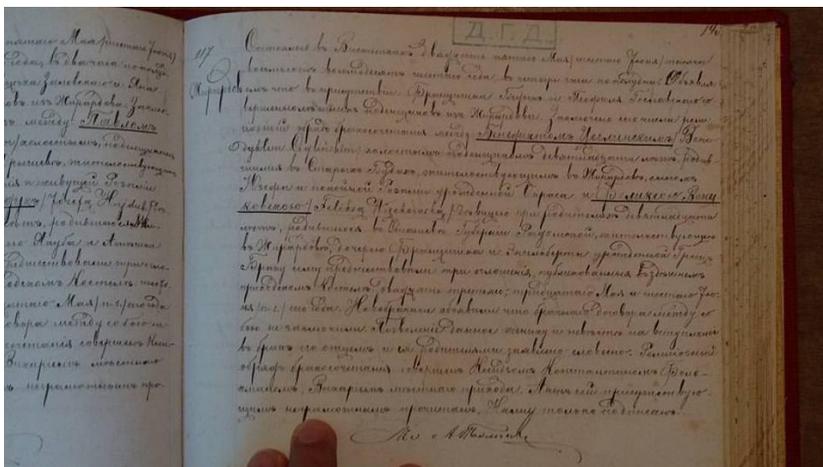
Laslubienych

w parafii...

...

1887-1888

Wydawnictwo A. Szuster daw. A. Zalewski w Warszawie 1885



Confirmamos que o registro encontrado no livro era exatamente o que havíamos encontrado online. Assim, procedemos para a tradução juramentada do russo para o polonês para que o Padre Okrasa pudesse emitir uma declaração oficial da paróquia. Coincidentemente, ao ler o registro completo, o padre percebeu o sobrenome "Okrasa" e ficou surpreso ao ver que temos uma antepassada em comum, Rozalia Okrasa, mãe de Benedykt e minha tataravó. Infelizmente, não pudemos traçar qual o grau de parentesco, se é que há denominação para o distante grau que nos separa, mas o fato fez o padre ficar exclamando repetidamente duas palavras em polonês e uma em italiano, língua mais próxima do português que ele conhecia: Rodzina! Krew! Famiglia! (Família! Sangue! Família).

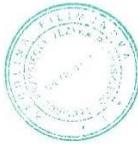
[Wpis na marginesie:] 1177 Żyrardów

Wydarzyło się to w Wikitkach dwudziestego piątego maja (szóstego czerwca) tysiąc osiemset osiemdziesiątego szóstego roku o godzinie czwartej po południu. Ogłaszamy, że w obecności Franciszka Bedyka i Teofila Gosławskiego, pełnoletnich wyrobników z Żyrardowa został dziś zawarty religijny związek małżeński pomiędzy: Benedyktem Ceglińskim [wpis w języku polskim], kawalerem, wyrobnikiem, lat dziewiętnaście, urodzonym w Starych Budach, mieszkającym w Żyrardowie, synem Józefa i zmarłej Rozalii z domu Okrasa i Feliksą Włockowską [wpis w języku polskim], panną przy rodzicach, lat dziewiętnaście, urodzoną w Staszowie guberni radomskiej, mieszkającą w Żyrardowie, córką Franciszka i Elżbiety z domu Gryc. Małżeństwo to było poprzedzone przez trzy zapowiedzi, opublikowane w tutejszym kościele parafialnym: dwudziestego trzeciego, trzydziestego maja i szóstego czerwca [nieczytelnie] bieżącego roku. Nowożeńcy oznajmili, że nie zawierali ze sobą umowy małżeńskiej. Pozwolenie udzielone panu młodemu i panie młodej na zawarcie związku małżeńskiego przez jego ojca i jej rodziców zostało ogłoszone słownie. Religijny obrzęd zawarcia związku małżeńskiego został odprawiony przez księdza Konstantina [nieczytelnie], wikariusza miejscowej parafii. Niniejszy akt został odczytany niepiśmiennym obcym. Przez Nas tylko został podpisany

[Nieczytelny podpis]

Ja, **Karolina Filimonova**, tłumacz przysięgły języka rosyjskiego, wpisany na listę tłumaczy przysięgłych, prowadzoną przez ministra sprawiedliwości, pod numerem TP/41/14, poświadczam zgodność niniejszego tłumaczenia z przedłożonym mi skanem dokumentu w języku rosyjskim.

Numer w repertorium: 399/2017
Kraków, 13 września 2017 r.



K. Filimonova

Wiskitki 23.09.2017r.

Zaświadczenie

Zaświadcza się, że w tutejszej parafii
p.w. Św. Stanisława B.M. w dniu
25 maja 1886 roku został zawarty
związek małżeński pomiędzy Benedyktem
Ceglińskim (ur. w Starych Budach,
mającym 19 lat) a Feliksem Wnęckowską,
(ur. w Staszowie, lat 19).

Zaświadczenie to wydaje na podstawie
Księgi Ślubów nr. aktu 1177/1886



Ks. proboszcz

Ks. Karol Witold M. Okrasa
Proboszcz par. św. Stanisława b.m.
DZIEKAN WISKITKI

Pl. Wolności 33, 96-315 Wiskitki

tel. 046 856 72 15
[Signature]

Mesmo com o progresso realizado, não considerei esta etapa finalizada, pois a tradução juramentada e a declaração da paróquia forneceram novas informações: Benedykt nasceu em Stare Budy (porém existem cinco localidades com este nome espalhadas na Polônia: uma no centro, três no centro-leste e outra no centro-oeste) e se casou com 19 anos, mesma idade de Feliksa, nascida em Staszów (sudeste do país), idades bem diferentes das atestadas no documento de entrada no Brasil, fato que ocorreu apenas quatro anos depois de se casarem.

Devido ao curto tempo que restante para a finalização do meu período de estágio doutoral, não foi possível obter novas informações, já que demandariam visitas a seis localidades diferentes. Porém, satisfiz-me temporariamente, pelo menos até a comichão da pesquisa genealógica voltar a me incomodar, afinal o progresso atingido foi grande se comparado com o fato de essa busca, por eles e por mim, começou com um singelo e incompleto acervo que estava próximo de mim.

PSEUDOEPÍLOGO

Se a linha entre arte e vida deve ser mantida mais fluida, e talvez indistinta, quanto possível e se eu carrego o seu coração no meu coração através do tempo, uma sequência de gravações de passado-presente-futuro, da raiz da raiz ao céu do céu da árvore chamada vida, nada, em todo o espectro de aventuras milagrosas dessa árvore, deve ser temido: da adversidade à felicidade, eu ser eu e tu ser tu, da segunda à quinta-feira, apenas compreendido.

Esta tese surgiu depois de quatro tentativas frustradas de elaboração de um trabalho acadêmico. A primeira tentativa era baseada na tessitura de uma trama que intercalava a história do mundo com a minha história. A segunda e terceira tentativas eram baseadas em gravações de áudio. A quarta tentativa era uma alfabiografia. Esta é a minha quinta tentativa, em um período de quatro anos, de realização de uma tese de doutorado. Estão, aqui, os fantasmas dos fracassos e frustrações anteriores. Eles, mas não só eles, trouxeram-me até aqui.

Esta quinta tese-tentativa é o índice da pesquisa/vivência e proposta simbiótica arte/vida. Ela é um artist statement, por ser uma apresentação em suporte da minha atividade, e tese, por ser uma proposta de discussão acerca da especulação de determinado tópico.

Cronologicamente, esta pesquisa/vivência começou com uma ideia abandonada, uma continuação direta do que desenvolvi no mestrado, a proposta de ação na epiderme da cidade, com intervenções urbanas e projeções, a partir de meu nome fictício "Paulo Ivan Ceglinski Cardoso Rodrigues Vega". Logo após o abandono, deixei-me guiar pelo fluxo dos acontecimentos e realizei alguns trabalhos efêmeros, como desenhos/instalações in-situ e performances, e trabalhos fixos como desenhos. Depois vieram duas playlists no YouTube e um filme feito a partir de uma found footage familiar, entre outros. Mas, antes de tudo isso, antes de construir para depois abandonar minhas fórmulas e estratégias recorrentes, sempre houve o interesse em uma parte histórica familiar quase que completamente desconhecida e a urgência em mergulhar nela, os Ceglinski, em reconhecer na história dos outros a minha história e fazer de mais de mim por aprender sobre o outro.

Se tudo que é sólido desmancha no ar, foi necessário solidificar para, de novo, desmanchar no ar, isso aconteceu com minha produção artística. Ao olhá-la em retrospecto, para as ideias abandonadas, não desenvolvidas materialmente, mas presentes e, portanto, existentes mentalmente, essa operação de desmaterialização, de desfazimento no ar, atingiu seu ponto mais alto com a performance Laquê. Um mergulho em uma nuvem aromática, minha última ação artística registrada até o momento, composta pelo odor da única Ceglinski, de registro, que conheci. Arte como prática/processo e não como produto/resultado, sempre foi um foco em minha trajetória. Sempre me ative mais às instâncias anteriores à materialização de uma ideia do que a materialização em si própria, porém nem sempre de maneira consciente. A criação de obras/trabalhos de fácil inserção no circuito artístico, comercial ou expositivo, nunca foi uma preocupação como o comprometimento e fidelidade às minhas ideias. A preservação do que é matérico/tangível também nunca foi uma preocupação, perdi trabalhos por má conservação, pela falta de interesse em reavê-los, pela vontade impulsiva de doá-los a alguém, por outras razões.

Dentro da concepção da minha proposta simbiótica entre arte e vida, as redes sociais desempenharam um papel de grande importância. Instagram com o recurso Instagram Stories e Facebook com o recurso Facebook Stories. Da rejeição destes recursos à incorporação deles em meu cotidiano, mais reflexões sobre a simbiose entre arte e vida, passei a considerar minhas postagens como manifestações da minha proposta. Disponibilizo fragmentos banais da minha vida e o que a circunda e permeia, álbuns e músicas que estou ouvindo; deslocamentos e locais frequentados; refeições; questiono, por exemplo, se devo ou não cortar os cabelos. O ponto crucial para ter passado a considerar minhas postagens via Stories como manifestações da minha proposta foi, exatamente, o caráter paradoxal delas. Em um mar de compartilhamentos, por um lado, elas são insignificantes e beiram o ponto de dissolução da identidade; por outro lado, elas reivindicam a legitimação da experiência compartilhada e afirmam a identidade. Essas postagens, em concordância e/ou dissonância no espaço e no tempo habitado pelos demais usuários, passam a integrar uma trama mundial de experiências humanas encadeadas, onde podemos ver variações de determinados tipos de experiências, de acordo com os contextos de onde se originam, permitindo a contemplação da beleza e riqueza da experiência e subjetividade humanas.

É o reflexo de um pensamento pregresso, o mundo como uma grande partitura sem fim. Tudo que ocorre como uma notação musical inserida nessa grande pauta e como isso pode ser espelhado e replicado em torno da circunferência terrestre. É como pensar que quando estou escovando os dentes, quantas outras pessoas também estão e o ato da ação começa e acaba em diferentes lugares ao redor do mundo. Eu termino a minha escovação aqui, no Brasil, e alguém, no exato momento continua a tocar a música da escovação, por exemplo, em algum lugar da Mongólia ou onde quer que seja. Quantas pessoas morrem e quantos entes recebem a notícia ao mesmo tempo e, apesar das diferenças entre nós, experimentamos o choro, a dor, a raiva e tantas outras emoções, por exemplo, relacionadas à morte.

Se postar em redes sociais, temporária ou fixamente é, além do mencionado, estar constantemente redigindo o próprio obituário, tecer-se e desfiar-se constantemente é, também colecionar e arquivar momentos para, talvez, voltar a eles. Diante disso, volto-me para o ato de colecionar, sempre presente em minha vida. Das sementes de girassol furtadas, mantidas como tesouros no bolsão frontal do tapa-pó do jardim de infância; na grande sacola plástica repleta de embalagens de remédios consumidos; no fascínio pela coleção de moedas do meu pai; na coleção de latas de cerveja e refrigerante; nas coleções de cartões telefônicos, cédulas, selos postais... Nos diários escritos de maneira descontraída aos escritos obsessivos com registros de horas, minutos e segundos; na coleção de ingressos de cinema e teatro; na coleção de vestígios de acontecimentos cotidianos em forma de bilhetes, embalagens de balas e chicletes, flores e folhas secas, fotografias analógicas, panfletos distribuídos nas ruas e tantos outros objetos banais... Na coleção de CD's e livros; no acúmulo de cabelos, pele e unhas cortados; no armazenamento de fotografias digitais; na coleção de cartões postais; na mala lotada de souvenirs convencionais e nem-tão convencionais de viagens... Nesse ato, que perpassa a minha existência, diante de tais recursos digitais, cada vez menos se fez presente a necessidade de fisicalidade e cada vez mais se fez presente a necessidade da experiência.

A experiência do estágio doutoral possibilitou a imersão na pesquisa em uma lacuna que há muito queria preencher. Pude fazer o movimento contrário de meus trisavôs, do Brasil para a Polônia, bem como entender o contexto do qual se afastaram, buscar suas origens e, dadas as devidas diferenças e particularidades, pude colocar em exercício uma outra vida. Não no sentido de ficcionalização, mas no sentido de abertura, alteridade e experimentação. Ao longo do período de oito meses virei outro, mas sem deixar de ser o mesmo. O contato com inúmeras pessoas exerceu grande influência na minha proposição de simbiose entre arte e vida. Passei a vislumbrar, dentro deste exercício de outra vida, esse fluxo de idas e vindas de interações e relacionamentos interpessoais como a arte do encontro. Essa visão me permitiu ver mais detalhadamente como essas conexões aconteciam, como diferentes pessoas se ligavam a diferentes traços da minha personalidade e como afetávamos uns aos outros. É sobre a importância do sentir o quanto se é importante para as vidas daqueles que encontramos e conhecemos e daqueles que nunca nem demos devida proporção e vice-versa. É o ato de deixar algo de nós e receber algo do outro a cada vez que se encontra uma outra pessoa. É, repito, a contemplação da beleza e riqueza da experiência e subjetividade humanas.

Assim, interesse-me tanto pelas experiências banais e cotidianas como pelas experiências extraordinárias e fantásticas, e por estar aberto a todo e qualquer cruzamento que venha a me acometer, minha proposta torna-se um trabalho não só sobre mim, mas sobre qualquer ser humano que compartilhe do fato de estar e viver/ser e estar em um determinado espaço e tempo, pois a nossa existência é o fruto de experiências do espaço/tempo, do estar e viver e do ser e estar. Assim, a simbiose arte e vida não é um privilégio meu, mas uma possibilidade para quem quer que tenha essa interpretação do mundo e de estar vivo. Assim, não mais produzo matéricamente para ser artista, mas penso e vivo. Entretanto, nada me impede que amanhã, eu mude de ideia e decida pintar.

Então, se a linha entre arte e vida deve ser mantida mais fluida, e talvez indistinta, quanto possível e se eu carrego o seu coração no meu coração através do tempo, uma sequência de gravações de passado-presente-futuro, da raiz da raiz ao céu do céu da árvore chamada vida, nada, em todo o espectro de aventuras milagrosas dessa árvore, deve ser temido: da adversidade à felicidade, eu ser eu e tu ser tu, da segunda à quinta-feira, apenas compreendido. E, para compreender é preciso experimentar, pensar, vivenciar, viver... Para depois, morrer que nada mais é do que a última instância da desmaterialização, desmanchar a nossa solidez no ar.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Laurie. I in u = Eu em tu, volume 2 / curadoria Marcello Dantas. Santana do Parnaíba: Mag Mais Rede Cultural, 2011. Catálogo de exposição, 12/10 - 26/12. 2010, Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo. 28/03 - 26/06. 2011, Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro.

ARCHER, Michael. Arte Contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARNOLD, Satanislaw; ZYCHOWSKI, Marian. Outline History of Poland: from the beginning of the state to the present time. Warsaw: Polonia Publishing House, 1962.

AULETE, Francisco J. C.; VALENTE, Antônio L. dos Santos. Aulete Digital Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. 2007. 1 CD-ROM.

BASBAUM, Ricardo. Além da Pureza Visual. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRITO, Adriano Naves de. Nomes Próprios: semântica e ontologia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

COMPAGNON, Antoine. O Trabalho da Citação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DEMBICZ, Andrzej. Polono-Brasileiros. In: SCHR, Zdzislaw Malczewski (org). Polônia e Polono-Brasileiros. Curitiba: Vicentina, 2007. p. 131 - 157.

DILL, Aidê Campello. Desafio Polonês: aspectos históricos da imigração polonesa. Porto Alegre: Literalis, 2003.

ECO, Umberto. A Vertigem das Listas. Rio de Janeiro: Record, 2010.

EDITORS OF PHAIDON PRESS. The 20th-Century Art Book. New York: Phaidon Press, 1999.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (orgs.). Escritos de Artistas: anos 60/70. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FERVENZA, Hélio. Olho Mágico. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas (Coleção Visualidade, 4). Porto Alegre: Universidade/UFRGS, p. 65-76.

FOSTER, Hal. O Artista como Etnógrafo. In: Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, ano XII, n. 12, p. 137-151. 2005.

FOSTER, Hal. O Retorno do Real. In: Concinnitas, Rio de Janeiro, ano 6, vol. 1, p. 163-186. 2005.

FREIRE, Cristina. Arte Conceitual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FRISCHER, Dominique. O Barão de Hirsch e a imigração judaica para o Novo Mundo. In: WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall v.2. n.1. jan-jun. 2010.

GOLDBERG, RoseLee. Performance: live art since the 60s. New York: Thames & Hudson, 2004.

GOLDBERG, RoseLee. A Arte da Performance: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GRZESZCZAK, Ademir José Knakevicz. As Sociedades nas Áreas de Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul. In: Revista Cekaw - Centro de Estudos Polono-Brasileiros Karol Wojtyła. Porto Alegre: Sociedade Polônia de Porto Alegre.

INMETRO/CICMA/SEPIN. Sistema Internacional de Unidades: SI. Traduzido de: Le Système international d'Unités = The International System of Units 8. ed. 2006. Duque de Caxias: INMETRO, 2012.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 3.0, 2009. 1 CD-ROM.

JARRY, Alfred. Exploits & Opinions of Doctor Faustroll, pataphysician: a neo-scientific novel by Alfred Jarry. Boston: Exact Change, 1996.

JARRY, Alfred. Gestes et Opinions du Docteur Faustroll, pataphysicien. Les Éditions de Londres, 2012.

KELLY, Mary. Post-Partum Document. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1983.

KELLY, Mary. Preface to Post-Partum Document (1982). In: STILES, Kristine; SELZ, Peter (orgs.). Theories and Documents of Contemporary Art: a sourcebook of artist's writings. Berkeley: University of California Press, 1996. p. 858-861.

KIENIEWICZ, Jan. Polônia: identidade de um país. In: SCHR, Zdzislaw Malczewski (org). Polônia e Polono-Brasileiros. Curitiba: Vicentina, 2007. p. 19 - 130.

LEWITT, Sol. Paragraphs on Conceptual Art. In: STILES, Kristine; SELZ, Peter (orgs.). Theories and Documents of Contemporary Art: a sourcebook of artist's writings. Berkeley: University of California Press, 1996. p. 822-826.

LEWITT, Sol. Sentenças sobre Arte Conceitual. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (orgs.). Escritos de Artistas: anos 60/70. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 205 - 207.

LIPPARD, Lucy. Six Years: The dematerialization of the art the art object from 1966 to 1972 [...]. Berkeley: University of California Press, 2001.

MACIEL, Maria Esther. As Ironias da Ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MEYER, Ursula. Conceptual Art. Nova Iorque: Dutton, 1972.

MIODUNKA, Wladyslaw T. Czesc, jak sie masz?: polonês para iniciantes. Tradução de Marcelo Paiva de Souza. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

ONO, Yoko. Grapefruit: A book of instructions and drawings by Yoko Ono. New York: Simon & Schuster, 2000.

REY, Sandra. Da Prática à Teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. In: Porto Arte, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p.81-95, nov. 1996.

REY, Sandra. Por uma Abordagem Metodológica da Pesquisa em Artes Visuais (p. 123 - 140). In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas (Coleção Visualidade, 4). Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2002.

RICHARDS, Mary. Marina Abramovic. Nova Iorque: Routledge, 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Considerações Sobre o Governo da Polônia e Sobre sua Reforma Projetada em Abril de 1772. In: Obras de Jean-Jacques Rousseau. Porto Alegre: Editora Globo, 1962. Vol. II: obras políticas. Tradução de Lourdes Santos Machado. Ensaio introdutório, introduções especiais, notas e revisão crítica de Lourival Gomes Machado. p. 257 - 343.

RYMUT, Kazimierz. Słownik nazwisk współcześnie w Polsce używanych: T. 2, C-D. Kraków: Instytut Języka Polskiego, 1992.

SCHILLING, Voltaire. Polônia: a luta pela liberdade. In: Cadernos de História do Memorial do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Cultura/Governo do Estado do Rio Grande do Sul, [entre 2003 e 2007].

SCHR, Zdzislaw Malczewski (org). Polônia e Polono-Brasileiros: história e identidades. Curitiba: Vicentina, 2007.

SCHR, Zdzislaw Malczewski. Comunidades Polônicas. In: SCHR, Zdzislaw Malczewski (org). Polônia e Polono-Brasileiros. Curitiba: Vicentina, 2007. p. 159 - 189.

SILVA, Maria Catarina Maia da; MIRCO, Carmen Helena Braz. Imigração Polonesa no Rio Grande e a Sociedade Cultural Água Branca. In: BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação/FURG. Rio Grande: EDGRAF - Editora e Gráfica da FURG, 1987. p.17 - 40.

STILES, Kristine; SELZ, Peter (orgs.). Theories and Documents of Contemporary Art: a sourcebook of artist's writings. Berkeley: University of California Press, 1996.

GUÐMUNDSDÓTTIR, Björk. Medúlla. Local: One Little Indian/Universal Music Brasil, 2006. 1 CD, (45min 40s), estéreo.

AFOGANDO em Números. Direção: Peter Greenaway. Produção: Kees Kasander e Denis Wigman. Intérpretes: Joan Plowright, Juliet Stevenson, Joely Richardson, Bernard Hill, Jason Edwards, Bryan Pringle, Trevor Cooper, David Morrissey, John Rogan, Paul Mooney, Jane Gurnett, Kenny Ireland, Michael Percival, Joanna Dickens,

Janine Duvitski. Roteiro: Peter Greenaway. Reino Unido/Países Baixos: Film Four International, Elsevier Vendex Film, Allarts Production, Vrijzinnig Protestantse Radio Omroep, Fund for the Dutch Broadcasting Corporation, 1988. 1 DVD (118 min).

LEOLO. Direção: Jean-Claude Lauzon. Produção: Aimée Danis e Lyse Lafontaine. Intérpretes: Gilbert Sicotte, Maxime Collin, Ginette Reno, Julien Guimar, Pierre Bourgault, Giuditta Del Vecchio, Andrée Lachapelle, Denys Arcand, Germain Houde, Yves Montmarquette, Lorne Brass, Roland Blouin, Geneviève Samson, Marie-Hélène Montpetit, Francis St-Onge. Roteiro: Jean-Claude Lauzon. Canadá/França: Alliance Films Corporation, Canal +, Centre National de la Cinématographie, Flach Film, La Ministre de la Culture et de la Communication, La Societe de Radio-Television Quebec, Les Productions du Verseau, National Film Board of Canada, Procirep, Super Écran, Téléfilm Canada, 1992. 1 DVD (107 min).

O LIVRO de Cabeceira. Direção: Peter Greenaway. Produção: Kees Kasander. Intérpretes: Vivian Wu, Yoshi Oida, Ken Ogata, Hideko Yoshida, Ewan McGregor, Judy Ongg, Ken Mitsuishi, Yutaka Honda, Barbara Lott, Miwako Kawai, Lynne Frances Wachendorfer, Chizuru Ohnishi, Shiho Takamatsu, Aki Ishimaru. Roteiro: Peter Greenaway. Países Baixos/Reino Unido/França/Luxemburgo: Kasander & Wigman Productions, Woodline Films Ltd., Alpha Film Corporation, Channel Four Films, Canal+, Delux Productions, Euroimages Fund of the Council of Europe, Nederlands Fonds voor de Film, 1996. 1 DVD (126 min). Baseado no livro de observações e reflexões "The Pillow Book" de Sei Shōnagon.

UM PASSAPORTE Húngaro. Direção: Sandra Kogut. Produção: Roteiro: Bélgica/França/Brasil: Radio Télévision Belge Francophone, República Pureza Filmes, Zeugma Films, 2001. 1 DVD (72 min).

UMA VIDA Iluminada. Direção: Liev Schreiber. Intérpretes: Elijah Wood, Eugene Hütz, Boris Leskin, Laryssa Lauret. Roteiro: Liev Schreiber. Estados Unidos: Warner Independent Pictures,

2005. 1 DVD (106 min). Baseado no romance "Tudo se Ilumina" de Jonathan Safran Foer.

ARQUIVO NACIONAL. Entrada De Estrangeiros No Brasil - Porto Do Rio De Janeiro. 2008. Disponível em: <<http://tinyurl.com/3y555x7>>. Acesso em: 28 mai. 2013.

BLOCH, Susana Leistner. Polish Patronymics and Surname Suffixes. JewishGen - Kehila Links. 2009. Disponível em: <<http://tinyurl.com/lqghnq7>>. Acesso em: 21 mai. 2013.

CELIŃSKI, L. Sobrenomes Poloneses. Coisas Judaicas - Um Blog Judaico. 2012. Disponível em: <<http://tinyurl.com/l29ptb7>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

CHAZIT HANOAR HADROM AMERICAIT. Judeus na Polônia. Chazit Hanoar - Porto Alegre. Disponível em:

<<http://www.chazit.com/cybersio/olam/polonia.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

CIA: CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. THE WORLD FACTBOOK - Poland. 2013. Central Intelligence Agency. Disponível em: <<http://tinyurl.com/yp32y2>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

DIVISÃO DE POLÍCIA MARÍTIMA, AÉREA E DE FRONTEIRAS. Relações de Passageiros em Vapores BR.AN.RIO.OL.0.RPV.PRJ.4268. 1890. Disponível em: <<http://tinyurl.com/m7fbfvj>>. Acesso em: 25 mai. 2013.

GENEALOGIA. Etymologia nazwisk. 2005. Disponível em: <<http://tinyurl.com/nvws4ce>>. Acesso em: 6 mai. 2013.

INDEPENDENT CURATORS INTERNATIONAL. Do It. ICI. Disponível em: <<http://tinyurl.com/nwal7pq>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

KUBASKI, Vanda Iria. Os 116 anos da Sociedade Cultural Águia Branca. 2012. Disponível em:

<<http://tinyurl.com/mtm6h8w>>. Acesso em: 8 mai. 2013.

PETER GREENAWAY. Drowning by Numbers. PeterGreenaway.org.uk. Disponível em: <<http://tinyurl.com/p3qjdr7>>. Acesso em 9 jun. 2013.

PETER GREENAWAY. Drowning by Numbers: Games. PeterGreenaway.org.uk. Disponível em: <<http://tinyurl.com/mx9whhn>>. Acesso em 12 jun. 2013.

PETER GREENAWAY. The Pillow Book. PeterGreenaway.org.uk. Disponível em: <<http://tinyurl.com/oaxp39h>>. Acesso em 6 jun. 2013.

POPULATION STATISTICS. POLAND - historical demographical data of the urban centers. Population Statistics. 2006. Disponível em: <<http://tinyurl.com/lcen9wp>>. Acesso em: 8 abr. 2013.

POPULATION STATISTICS. POLAND - historical demographical data of the whole country. Population Statistics. 2006. Disponível em: <<http://tinyurl.com/mzm7t5y>>. Acesso em: 8 abr. 2013.

SERWIS HERALDYCZNO-GENEALOGICZNY. Wykaz skrótów nazw województw. Disponível em: <<http://tinyurl.com/lvuqd3s>>. Acesso em: 23 mai. 2013.

ULMAN, JANE. JEWISH JOURNAL. Timeline: Jewish life in Poland from 1098. JewishJournal.com. 2007. Disponível em: <<http://tinyurl.com/l4he5ya>>. Acesso em: 2 abr. 2013.

WORLD JEWISH CONGRESS. Poland. 2013. Disponível em: <<http://tinyurl.com/89adnm3>>. Acesso em: 1 mai. 2013.

CAPELLI, STEFANO. PIERO MANZONI ARCHIVE. The Artist's Shit. Disponível em: <<http://tinyurl.com/p25m97z>>. Acesso em: 18 jun. 2013.

VAUTIER, BEN. BEN VAUTIER. La Vie Ne S'Arrête Jamais: 60 ans de performances de Ben. Disponível em: <<http://tinyurl.com/nnb692e>>. Acesso em 27 jun. 2013.

ALÿS, Francis. Numa Dada Situação: Francis Alÿs. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ARFUCH, Leonor. O Espaço Biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BOURRIAUD, Nicolas. Formas de Vida: a arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOURRIAUD, Nicolas. Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. Radicante: por uma estética da globalização. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009

CALLE, Sophie. Doubles-Jeux. Paris: Actes Sud, 1998.

CALLE, Sophie. Histórias Reais. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2009.

CARLSON, Marvin. Performance: Uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CAUQUELIN, Anne. A Invenção da Paisagem. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAUQUELIN, Anne. Frequentar os Incorporais: contribuição a uma teoria da arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CAUQUELIN, Anne. Teorias da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAUQUELIN. Anne. Arte Contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CROWTHER, Paul. The Language of Twentieth-Century Art. New Haven: Yale University Press, 1997.

FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. Manual Para Normalização de Publicações Técnico-Científicas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FÜRSTENBERG, Adelina von. Marina Abramović: Balkan Epic. Milão: Skira Editore, 2006.

GERHEIM, Fernando. Linguagens Inventadas: palavras, imagens, objetos: formas de contágio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

GIEYSZTOR, Aleksander; HERBST, Stanislaw, LEŚNODORSKI, Boguslaw. A Thousand Years of Polish History. Warsaw: Polonia Publishing House, 1964.

GIEYSZTOR, Aleksander; HERBST, Stanislaw, LEŚNODORSKI, Boguslaw. Millenium: le millénaire de la Pologne. Warsaw: Polonia Publishing House, 1961.
GIL, José. A Arte Como Linguagem: a última lição. Lisboa: Rélogio D'Água Editores, 2010.

GUASCH, Anna Maria. Autobiografías Visuales: del archivo al índice. Madrid: Ediciones Siruela, 2009.

GUTFRIEND, Ieda. A atuação da Jewish Colonization Association (JCA) no Rio Grande do Sul: a Colônia Phillipson. In: WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall v.1. n.1. jan-jun. 2009.

GUTFRIEND, Ieda. Imigração judaica no Rio Grande do Sul: pogroms na terra gaúcha? In: WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall v.2. n.1. jan-jun. 2010.

HEUFFEL, Evelyne. Phillipson: uma colônia judaica singular? In: WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall v.4. n.2. jul-dez. 2012.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 2010.

IVERSEN, Margaret; CRIMP, Douglas; BHABHA, Homi K. Mary Kelly. Phaidon Press, 1997.

JOBERT, Ambroise. Breve História de Polónia. Buenos Aires: El Ateneo, 1966.

KLINGER, Diana. Escritas de Si, Escritas do Outro: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LEJEUNE, Philippe. O Pacto Autobiográfico: De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEMINSKI, Paulo. Toda Poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MAZUREK, Jerzy (red./org.); OLIVEIRA, Márcio; WENCZENOWICZ, Thaís J. Polacy pod Krzyżem Południa/Os poloneses sob o Cruzeiro do Sul. Varsóvia: Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia e Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia, 2009.

MELIM, Regina. Performance nas Artes Visuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

NORONHA, Eduardo de. História da Polônia: fastígio e decadência de um povo. Lisboa: Empresa Lusitana Editora, 1915.

OBRIST, Hans Ulrich; ALTSHULER, Bruce; FOWLE, Kate. Do It: the compendium. New York: Independent Curators International/D.A.P., 2013. OSBORNE, Peter. Conceptual Art. New York: Phaidon Press, 2011.

PONGE, Francis. Métodos. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

REPÚBLICA POPULAR DA POLÔNIA. Republique Populaire de Pologne: Constitution, Règlement de la Diète, Loi sur Les conseils populaires. Polônia, s/d. 120 p.

SCHR, Zdzisław Malczewski. Ślady Polskie W Brazylii/
Marcas da Presença Polonesa no Brasil. Instytut
Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich
Uniwersytetu Warszawskiego Muzeum Historii Polskiego
Ruchu Ludowego, 2008.

SHÔNAGON, Sei. O Livro do Travesseiro. São Paulo:
Editora 34, 2013.

STEINER, Barbara; YANG, Jun. Art Works:
Autobiography. New York: Thames & Hudson, 2004.

VENEROSO, Maria do Carmo Freitas. Caligrafias e
Escrituras: diálogo e intertexto no processo
escritural nas artes do século XX. Belo
Horizonte: C/Arte, 2012.

WARD, Frazer; TAYLOR, Mark C.; BLOOMER,
Jennifer. Vito Acconci. New York: Phaidon Press,
2002.

WATKINS, Jonathan; DENIZOT, René. On Kawara. New
York: Phaidon Press, 2002.